

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

NATÁLIA CODO DE OLIVEIRA

**Da aurora da História nacional ao estudo da
História da Igreja.**

***Os Decem Libri Historiarum* na historiografia.**

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Da aurora da História nacional ao estudo da História da
Igreja.
Os Decem Libri Historiarum na historiografia**

Natália Codo de Oliveira

Dissertação apresentada à faculdade de Filosofia
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre em
História Social.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva.

São Paulo
2010

Tese de Mestrado

Natália Codo de Oliveira

Da Aurora da História Nacional ao Estudo da História da Igreja

Os Decem Libri Historiarum na historiografia.

Errata

Página	Linha	Onde se lê	leia-se
03	02	"(...) agradecer à altura todos (...)"	"(...) agradecer a altura a todos (...)"
07	03 e 04	"O modelo positivista que coroa a História como disciplina do conhecimento tem seu ponto máximo no século XIX. "	"O modelo positivista, que coroa a História como disciplina do conhecimento, tem seu ponto máximo no século XIX. "
12	13	"Apesar do orgulho que tem de sua família, ele o descreve para enaltecê-la e não para se auto-engrandecer."	"Apesar do orgulho que tem de sua família, ele a descreve para enaltecê-la e não para se auto-engrandecer."
27	06	"Tais historiadores não atribuem a sua narração apenas à incompetência pessoal de Gregório de tours, (...)"	"Tais historiadores não atribuem a sua narração apenas à incompetência pessoal de Gregório de Tours, (...)"
45	17	"J. W. Löbell defende o título Historia ecclesiastica Francorum (Kischengeschichte der Franken) (...)"	"J. W. Löbell defende o título Historia ecclesiastica Francorum (Kirschengeschichte der Franken) (...)"
57	10	"Tal iniciativa deram a esse campo de conhecimento uma legitimidade inédita."	"Tal iniciativa deu a esse campo de conhecimento uma legitimidade inédita."
58	11 a 14	"Ele foi um dos historiadores que fundaram a disciplina de História na Alemanha no século XIX. Na apresentação da segunda edição, escrita por Heirich von Snel, a obra de Löbell é caracteriza como uma obra muito aclamada e pioneira."	"Ele foi um dos historiadores que fundaram a disciplina de História na Alemanha no século XIX. Na apresentação da segunda edição, escrita por Heirich von Snel, a obra de Löbell é caracterizada como uma obra muito aclamada e pioneira."
58	28 a 29	"(...) nos Estados da França e da Alemanha, cujos processos de unificação estavam em curso quando Löbell escreveu sua obra."	"(...) nos Estados da França e da Alemanha, cujo processo de unificação estavam em curso quando Löbell escreveu sua obra."
59	16 a 17	"A violência das vinganças de sangue, as faidas e as guerras atrozes, tanto internas quanto externas, (...)"	"A violência das vinganças de sangue, as faidas, e as guerras atrozes, tanto internas quanto externas, (...)"
79	01 a 02	"(...) mas sim como historiador da sociedade cristã, sociedade da igreja."	"(...) mas sim como historiador da sociedade cristã, historiador da igreja."

Tese de Mestrado

Natália Codo de Oliveira

Da Aurora da História Nacional ao Estudo da História da Igreja

Os Decem Libri Historiarum na historiografia.

Errata

80	24 a 25	"Thürlemann afirma que a topologia de pensamento da Idade Média em geral é cíclica."	"Thürlemann afirma que a tipologia de pensamento da Idade Média em geral é cíclica."
86	10 a 12	"(...) ela estava ligada ao departamento de História Medieval da Universidade de Utrecht na Holanda e começou a conclusão de seu livro Views from a many windowed Tower. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours."	"(...) ela estava ligada ao departamento de História Medieval da Universidade de Utrecht, na Holanda e começou, com o trecho acima citado, a conclusão de seu livro Views from a many windowed Tower. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours."
89	24 a 25	"(...) Dreams of a venerable Person. The Power of na ideal. (...)"	"(...) Dreams of a venerable Person. The Power of an ideal. (...)"
93	14	"Outros elementos analisados pela autora."	"Outros elementos são analisados pela autora."
104	12 a 15	"(...) A partir desse ponto Heinzelmänn refina sua argumentação para sustar sua tese de que o Bispo-historiador não apenas tinha um plano bastante definido ao escrever sua obra, como também tinha intenções com ela."	"(...) A partir desse ponto Heinzelmänn refina sua argumentação para sustentar sua tese de que o Bispo-historiador não apenas tinha um plano bastante definido ao escrever sua obra, como também tinha intenções com ela."
		germânico	germano

Agradecimentos.

Deparo-me com um dos momentos mais desafiadores da conclusão dessa dissertação, agradecer à altura todos aqueles que ao longo desses anos me apoiaram e incentivaram nessa empreitada.

Agradeço a Yara Codo, minha mãe e exemplo, pelo apoio incondicional, sempre.

A Gilberto Maringoni, meu pai, pelo incentivo constante.

A Mayra Codo, minha irmã e melhor amiga, por estar sempre presente.

A Marco Schäffer por fazer minha vida florir e pela ajuda imprescindível com os enigmas da língua alemã. Te quero sempre perto.

A Wanderley Codo e Paola Amendoeira pelo carinho e suporte em uma das maiores mudanças da minha vida.

A Julia Codo pela amizade e paciência em revisar esse estudo.

A Nicholas Dieter Rauschenberg por estar sempre presente, mesmo que longe.

A equipe da Rosa Luxemburg Stiftung, principalmente a Julie Pfeiffer e Kathrin Buhl. A equipe do DED – Deutscher Entwicklungsdienst e KfW Entwicklungsbank pela compreensão e flexibilidade.

A Isadora França de Oliveira, Lídia Codo, Nara Codo, Ulisses Viana, Vinícius Prossi de Moraes, Georgia Alo, Lucimar Dias, Natália Mendes, Cristina Elsner, Michael Herberholz, Joana Acceta, Cleusa Cezário, Paolo Demuru e Francisco Merçon. Pessoas queridas que tornaram esse período mais leve.

Aos integrantes da banca de qualificação, Profa. Dra. Néri de Barros e Prof. Dr. Norberto Guarinello, cujas críticas e sugestões foram fundamentais para o seguimento desse estudo.

Ao Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva pela orientação e compreensão, sobretudo na fase final do mestrado.

Resumo:

OLIVEIRA, Natália Codo. **Da aurora da História nacional ao estudo da História da Igreja. Os *Decem Libri Historiarum* na historiografia.** 2010. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Esta dissertação apresenta uma investigação cujo objetivo é examinar criticamente a historiografia sobre Gregório de Tours nos séculos XIX e XX. Busca-se tal objetivo através da análise de autores, principalmente da tradição germânica, que estudaram Gregório de Tours como historiador dos francos, historiador nacional ou como historiador da sociedade cristã (historiador da Igreja). Mapeando o século VI, a biografia de Gregório de Tours e sua obra *Decem Libri Historiarum* na historiografia, pretende-se identificar e analisar essa mudança de enfoque sobre a obra do principal historiador do período merovíngio.

Palavras-chave: Antiguidade tardia, historiografia, Gregório de Tours, *Decem Libri Historiarum*, merovíngios.

Abstract

OLIVEIRA, Natália Codo. **Of the dawn of national History to the study of the History of the Church. The Decem Libri Historiarum in the historiography.** 2010. Dissertation (master) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

This work consists of an investigation which aims to critically examine the historiography about Gregory of Tours in XIX and XX centuries through the study of authors, specially of the germanic tradition, which studied Gregory of Tours as historian of the franks, national historian or as historian of the church and historian of christian society. Analyzing the VI century, Gregory of Tours' biography and his work '*Decem libri Historiarum*', it is intended to identify and analyze the change of focus on the work of the most important Merovingian historian.

Keywords: Late antiquity, historiography, Gregory of Tours, *Decem Libri Historiarum*, Merovingian.

Sumário

Introdução	07
Capítulo I : <i>Gregório de Tours, os Decem Libri Historiarum e sua transmissão.</i>	09
1. Gregório de Tours	09
2. O tempo de Gregório de Tours	15
3. Gregório de Tours historiador	23
4. Audiência de Gregório de Tours	30
Capítulo II: <i>Os Decem Libri Historiarum</i>	33
1. Os manuscritos	34
2. A composição dos <i>Decem Libri Historiarum</i>	38
3. Título	45
4. Gênero dos <i>Decem Libri Historiarum</i>	46
5. Traduções	54
Capítulo III: <i>Gregório de Tours na historiografia</i>	57
1. Historiador dos francos	58
2. Historiador da Igreja	78
Considerações finais	113
Bibliografia	115

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo analisar criticamente a historiografia sobre Gregório de Tours nos séculos XIX e XX. O modelo positivista que coroa a História como disciplina do conhecimento tem seu ponto máximo no século XIX. O século XX, com suas duas guerras mundiais e a formação da União Européia, dita novos parâmetros de interpretação do autor merovíngio em questão. Pretende-se analisar como acadêmicos da tradição francófona e germânica estudaram Gregório de Tours, como historiador dos francos, historiador nacional ou como historiador da sociedade cristã, historiador da Igreja. Identificar e analisar essa mudança de enfoque sobre a obra do principal historiador do período merovíngio é o objetivo dessa pesquisa.

A escolha do recorte geográfico se dá em primeiro lugar por esses serem os países cujos territórios, ou parte do território, eram englobados pela Gália Merovíngia. Em segundo lugar, por ambos os países reivindicarem, sobretudo até o século XIX, a herança histórica dos merovíngios e, finalmente, por terem uma produção acadêmica rica sobre o tema. Apesar deste recorte, é inevitável citar estudiosos anglo-saxões devido a sua importância no estudo sobre o tema.

Os autores selecionados para serem explorados foram escolhidos após detalhada pesquisa nos textos mais importantes sobre Gregório de Tours da segunda metade do século XX, como A. Breukelaar, W. Goffart, M. Heinzemann, R. Sonntag, J.M. Wallace-Hadrill e M. Weidmann. A razão pela qual a bibliografia e o trabalho terem sido baseados nesses autores é o peso que suas obras têm nos estudos da Gália merovíngia. Esses autores impulsionaram a mudança de perspectiva acerca da obra de Gregório de Tours e a releitura desse período histórico dentro da historiografia. Baseando-me nessas obras e em suas referências, selecionei os outros autores aqui analisados. Deixou-se de ver a realeza merovíngia simplesmente como o berço dos Estados que vieram a se consolidar até o século XIX, desenhando a geopolítica européia, arena dos principais conflitos políticos e bélicos ao longo do século XX, mas voltou-se a estudar o século VI através da pena de Gregório de Tours.

Essa mudança de perspectiva demonstra principalmente uma mudança epistemológica. Os estudiosos da Antiguidade Tardia se debruçaram sobre os documentos com a preocupação de destrinchá-los e de entendê-los em seu contexto.

Essa mudança metodológica afastou a obra de Gregório de Tours da interpretação corrente até a segunda metade do século XX.

Gregório de Tours foi bispo de uma sé de grande importância e peso durante o período merovíngio, teve destacado papel político e foi, também, escritor e historiador. Esse último ponto é o mais relevante para este estudo. É sua atuação como escritor, mais do que isso, como historiador, que será o foco dessa dissertação: tanto a forja de sua obra de História, os *Decem Libri Historiarum*, quanto como essa obra foi estudada e absorvida pela historiografia acerca dos merovíngios.

Essa dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro, *Gregório de Tours, os Decem Libri Historiarum e sua transmissão*, tem como objetivo apresentar Gregório de Tours, tanto sua biografia, quanto sua atuação como historiador, além do período merovíngio. O segundo capítulo tem como foco os *Decem Libri Historiarum*, a tradição de seus manuscritos, o debate acerca de seu gênero, título e composição, assim como apresentar as suas principais traduções. No terceiro capítulo, *Gregório de Tours na Historiografia*, apresenta-se a historiografia de Gregório de Tours dividida pelas duas abordagens que balizam esse estudo: historiador dos francos e historiador da Igreja.

I. Gregório de Tours, os *Decem Libri Historiarum* e sua transmissão.

Pretende-se neste primeiro capítulo apresentar Gregório de Tours. Utilizando a bibliografia estudada, será feita uma breve apresentação da vida do Bispo de Tours e de seu episcopado. Além disso, apresentar-se-á um panorama das obras de Gregório de Tours e sua importância para o estudo do período Merovíngio. Para tanto, se utilizará principalmente os seguintes autores: Buchner, L. Thorpe, Heinzelmann e Breukelaar. A escolha se deu porque o primeiro autor citado é um dos responsáveis pela edição e sua tradução para o alemão do texto de Gregório de Tours nos MGH e o segundo pela tradução da obra do Bispo de Tours para o Inglês. Em suas introduções há uma rica biografia de Gregório de Tours, seu tempo e sua obra. Quanto aos outros dois autores selecionados, Breukelaar e Heinzelmann, se tratam dos dois mais importantes estudiosos de Gregório de Tours na segunda metade do século XX.

1 - Gregório de Tours.

O principal autor do período merovíngio foi Gregório de Tours (Gregorius Florentinus – nome também de seu pai e avô), que escreveu algumas das obras capitais para o posterior entendimento das disputas políticas e ideologias do período. Gregório de Tours (c.539 - c.594) é natural de Clermont (cidade atualmente conhecida como Clermont-Ferrand). Ele pertencia a uma família de origem galo-romana, senatorial e com uma longa tradição de serviços prestados à Igreja católica; além de ter tios e primos que também eram membros do episcopado. Seu pai e seu avô haviam sido senadores de Clermont. Sua mãe era neta de Santo Tetricus, Bispo de Langres (539-572) e bisneta de Santo Gregório, também Bispo de Langres (507-39). O rei Clotário descreve a família de Gregório de Tours como “*uma das famílias mais nobres e distintas dessas terras*”.¹ Havia na história de sua família, um mártir, Vettius Epogatus, que fora morto em Lyon, em 177.²

Ele nasceu e passou a sua juventude em Clermont e seus arredores e em Auvergne até a morte de seu tio Gallus em 551. Gallus era o responsável pela sua educação desde a morte de seu pai, Florentius, que ocorreu quando Gregório tinha cerca

¹ Hist IV 15.

² As informações biográficas foram baseadas em TOURS, GREGÓRIO. **The History of the Franks**. Penguin Books. Traduzido por Lewis Thorpe. Londres. 1997. e HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century**. Cambridge University Press, 2001.

de oito anos e mal havia começado a ser alfabetizado. Após a morte de seu pai, a mãe de Gregório de Tours mudou-se para a Burgúndia, onde ela tinha propriedades, principalmente na região próxima a Cavaillon, Vaucluse, e ele ia visitá-la. Ao sofrer de uma doença de estômago por volta de 551, ele foi levado duas vezes ao túmulo de S. Illidius e prometeu entrar para a Igreja caso fosse curado. Além dessa motivação religiosa, o grande contato de sua família com o episcopado foi de grande peso para a entrada de Gregório na vida eclesiástica. Quando tinha apenas 13 anos, seu tio faleceu. Devido a sua idade, Gregório de Tours ainda precisava de um tutor, porém não possuía parentes na linhagem paterna que pudessem assumir esse papel. Por essa razão, sua educação foi confiada a Avitius, bispo de Clermont.

Em 563, aos 25 anos, Gregório foi ordenado diácono. Sua consagração como bispo de Tours não foi convencional. Sua consagração realizou-se fora da catedral da cidade e sem o consentimento da população. Ele foi bispo de Tours por 21 anos, de 20 de agosto de 573 até a sua morte aos 55 anos por volta de 594. Ser bispo no século VI era não apenas fazer parte da elite da Igreja Católica, mas também acumular grande poder e responsabilidades políticas locais. As suas responsabilidades como bispo se estendiam para as sées de Le Mans, Rennes, Angers, Nantes, entre outras.

Citações acerca de sua família são raras ao longo dos *Decem Libri Historiarum*, elas são mais ricas em suas hagiografias. Tais citações são ligadas às passagens em que membros da família do Bispo de Tours foram protagonistas de episódios desta natureza.³ A relação de Gregório com sua família encontra diversas interpretações na historiografia. G. Kurth caracteriza tal relação com a vaidade de origem nobre de Gregório de Tours;⁴ W. Goffart a descreve como modesta;⁵ R. Buchner defende que Gregório tem orgulho de tal ascendência.⁶ Já M. Heinzelmann defende a imagem que ele constrói de sua família é espelhada pela sua posição como bispo, posição essa que o coloca em linhagem direta com os profetas do Antigo Testamento e com o principal santo de sua época, São Martinho. Para Heinzelmann, Gregório de Tours via sua linhagem senatorial galo-romana como mais uma exigência necessária para alcançar o

³ Como os bispos beatificados Gallus (VP VI), Gregório de Langres (VP VII) e Nicetius (VP VIII), cujas vidas Gregório de Tours escreveu.

⁴ KURTH, G. **Etudes franques**. Vol. I. 1919. Paris et Brussels.

⁵ GOFFART, W. **The Narrators of Barbarian History. (A.D. 550-800)**. Jordanes, Gregory of Tours, Bado and Paul the Deacon. Indiana: University of Notre Dame Press. 2005, p. 198.

⁶ TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10**. Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XI.

posto episcopal, afinal de contas esse era um ponto em comum entre a sua formação, que foi preponderantemente eclesiástica, e a de seus colegas bispos.⁷

A interpretação de Buchner, no entanto, inova ao abordar como Gregório de Tours se colocava em seu tempo. Ele se sentia membro dos reinos francos que Clóvis e seus filhos construíram como unidade, mas, levando em consideração seu ponto de vista da elite eclesiástica e sua origem na aristocracia senatorial, almejava ter grande influência no ‘Estado’⁸ e na Igreja. Seu sentimento de pertença era tal que ele ‘*difícilmente faz distinção entre francos e romanos em seu texto, diferente, por exemplo, de Fredegário que fazia tal diferenciação com os termos genere Romanus, genere Francus.*’⁹ Mas é importante salientar que ele se sentia membro da sociedade da Gália Merovíngia, do reino franco, mas não se considerava um “franco”. Os principais fatores para a formação da sociedade na Gália merovíngia para Gregório de Tours eram a Igreja e o mundo cristão, o sentimento de pertença à Gália, a aristocracia senatorial e os francos.

Nos *Decem Libri Historiarum* os trechos biográficos estão subordinados à narração dos eventos. Em nenhum momento tal recorte é protagonista de um capítulo. Gregório de Tours, como Bispo de Tours, aparece algumas vezes ao longo dos *Decem Libri Historiarum*, como uma figura pragmática que tem função de defensora da ortodoxia.

A importância e prestígio que Gregório de Tours dá para os bispos de Tours são notáveis. Além do fato de seus membros serem oriundos de classes senatoriais e de grande prestígio social, a ligação dessas famílias com a elite da Igreja também não é uma particularidade de Gregório. Os locais onde os bispos de Tours foram enterrados, e suas disposições são locais funerários demonstrativos, salientam a posição social ocupada pela hierarquia católica desde que o cristianismo é a ideologia predominante no Império Romano. Tours é uma exceção quando comparada às outras cidades da Gália. Desde antes do século VII, já havia um local especial para o enterro dos bispos, sempre nos

⁷HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century.** Cambridge University Press, 2001. p.11.

⁸Termo utilizado por Buchner, a palavra alemã presente no texto é ‘*Staat*’.

⁹TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XIX-XX.

arredores do túmulo de São Martinho. Isso se deve aos laços entre as famílias de prestígio e o santo, que era comparado aos apóstolos.¹⁰

Depois de 552 ele se torna diácono. Em 573 é consagrado bispo de Tours pelo bispo Egídio de Reims. A sua escolha não foi ausente de dificuldades, pois o arqui-diácono de Tours, Riculfo, almejava também o episcopado. Essa oposição ficou clara durante o episcopado de Gregório em Tours. Em 573, Tours estava sob a jurisdição de Sigiberto, rei da Austrásia. Após a sua morte em 575, Chilperico assumiu o controle da cidade. Após a morte de Chilperico, cuja datação é incerta, calcula-se que tenha sido provavelmente em 594, Pelagius é consagrado o sucessor de Gregório no episcopado de Tours, em julho de 596, através de uma carta do Papa Gregório I.

Em sua análise, Thorpe ousa fazer um esboço da personalidade e uma descrição física de Gregório de Tours. O bispo, diz ele, apresenta peculiaridades em seu caráter e personalidade. Apesar do orgulho que tem de sua família, ele o descreve para enaltecê-la e não para se auto-engrandecer. O trecho usado para basear essa relação de exaltação de sua família e a sua importância no episcopado é Hist. V 49.¹¹ Sua importância para a história de seu período é inegável, mas ele pouco faz referência a si mesmo. Thorpe o considera modesto. Gregório também não era falante devido a sua educação eclesiástica. Essa educação foi responsável pelo seu amplo conhecimento da Bíblia e extensa utilização de seus textos e de seus personagens em sua obra. Ele provavelmente era um homem de baixa estatura e com saúde bastante frágil. Acredita-se que a sua saúde era instável não apenas pela peste bubônica e epidemias constantes de disenterias, comuns em seu tempo, mas também pelo hábito de consumir misturas de infusões e fragmentos de relíquias de santos.¹² Ao descrever a personalidade de Gregório de Tours, Thorpe tenta torná-lo mais próximo do público que lerá a sua tradução.

Goffart o descreve como um homem de bom senso e caráter sólidos, um bispo prático que pretende fazer o melhor de um mundo ruim, que não é um idealista que espera soluções sobrenaturais para resolver os problemas de seus contemporâneos. Ele era tão honesto que apresenta meios para que outros testem seus julgamentos. Apesar de ser de família abastada e ter plena consciência disso, era um homem extremamente

¹⁰TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XIX-XX, p. 28.

¹¹"O pobre tolo [Eufronius] parece não ter percebido que, com exceção de cinco, todos os outros bispos que tiveram seu episcopado na Sé de Tours tinham linhagem de sangue da minha família." (HIST V. 49)

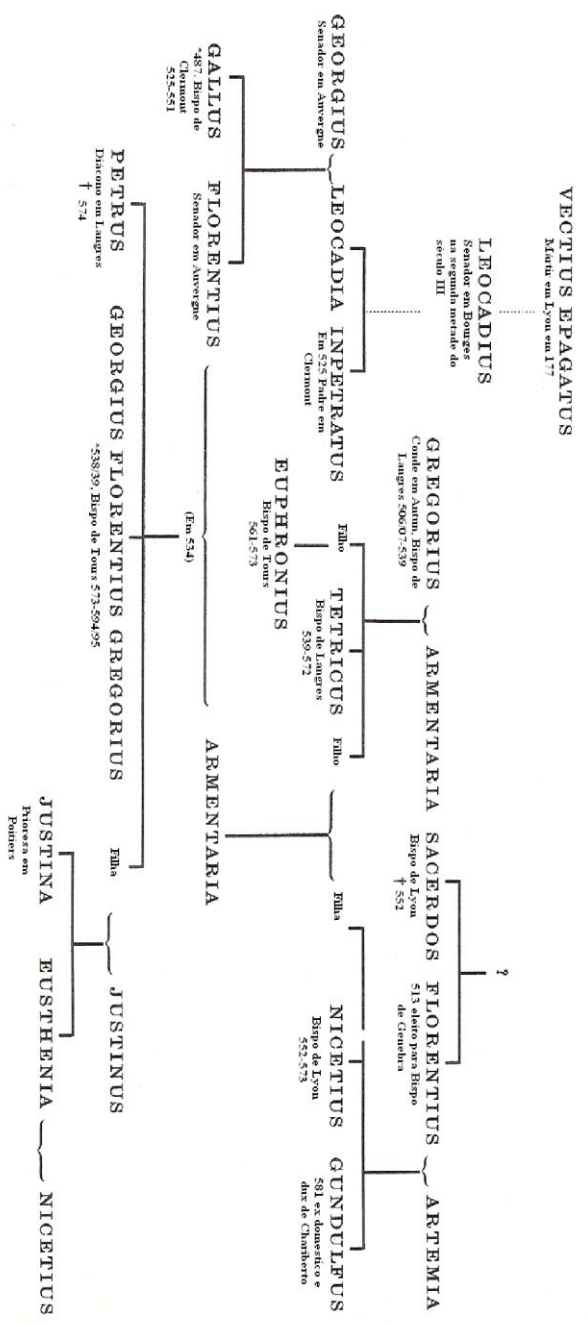
¹²TOURS, Gregório de. **The History of the Franks.** Trad. Lewis Thorpe, Londres. Penguin Books. 1997, p. 14-15.

modesto, fazendo referência a si mesmo de maneira discreta e passageira. Ele manifesta lealdade à família real franca por entender a necessidade de manter a ordem social. Ele evitava qualquer tipo de disputa e contestação. Apesar de ter grande misericórdia, nunca questionou métodos correntes em seu tempo, como o uso da tortura em processos judiciais. Sua fé era simples, sem grande sofisticação. A reverência que ele apresenta a autoridade paternal demonstra padrões morais bastantes conservadores. Além disso, era adepto de um asceticismo rígido, apreciava comida e vinho e tinha sentimentos ternos por crianças.¹³

Além da obra que é objeto desse trabalho, *Decem libri Historiarum*, Gregório de Tours também escreveu, entre outras, os *Septem libri miraculorum*, sobre milagres de santos; *Livre vitae Patrum*, que contém 20 narrativas sobre vidas beatificadas; *In Psalterii tractatum commentarius*, um comentário dos salmos; *Liber de miraculis beati Andrea apostoli*, sobre os feitos do Apóstolo André; *Passio sanctorum Martyrum Septem Dormientium apud Ephesum*, sobre a Paixão dos sete dormentes de Éfeso.

¹³GOFFART, Walter. **The Narrators of Barbarian History (A.D. 550–800)**. Princeton: Princeton University, 1988, p. 137, p. 197-98

Árvore Genealógica de Gregório de Tours



2 – O tempo de Gregório de Tours.

A impressão do mundo galo-romano transmitida por Gregório de Tours em sua obra não é homogênea. Sua origem social, como já citado, é da aristocracia senatorial, e ele tem muito orgulho de tal origem; esse fato influencia diretamente na sua maneira de entender o mundo. A Igreja era predominantemente dominada por essa aristocracia senatorial, e os interesses de ambas eram complementares. Sendo assim, Gregório de Tours é um personagem que representa essa elite eclesiástica de origem senatorial.

Além desse ponto da origem romana de Gregório de Tours, o autor dos MGH, Buchner, levanta outro ponto a ser observado ao analisar a obra e a História escrita pelo bispo: não se sabe se o bispo dominava a língua dos francos ou se apenas a compreendia. A falta de documentação do período e o fato das obras de Gregório de Tours serem as principais e mais importantes fontes acerca do século VI merovíngio, dificultam a resolução de tal impasse. Ou seja, é muito difícil mensurar a real influência romana e germânica no reino dos francos e como elas se integravam na formação dessa sociedade. O que Gregório mais narrou de seu mundo foi a esfera de poder germânico: os reis e sua corte, a nobreza germânica. O funcionamento da lei, também descrito por Gregório de Tours, é um dos principais campos no qual é possível identificar claramente a influência romana. Outra dificuldade de mapear a presença romana nesse período é o costume, adotado pela aristocracia romana a partir do reinado de Clóvis, de dar nomes germânicos a seus filhos, deixando pistas da fusão entre romanos e germânicos. A narrativa deixa a impressão de que todo o movimento, a apresentação e o conceito de honra cunhado pelos germânicos o impressionavam. Sendo assim, o modo como os germânicos penetraram no mundo romano representa a importância que os reinos merovíngios conquistaram.¹⁴

A dinastia merovíngia reinou os francos entre os séculos V e VIII. O primeiro rei merovíngio, Chlogio ou Clodio, foi pouco citado por Gregório de Tours, assim como seu sucessor, o rei Meroveu (*Merovech*, *Meroveus* ou *Merovius* – nome significa guerreiro ou criatura do mar). Ele foi rei dos francos salianos entre aproximadamente 447 a 457 e deu nome a dinastia. Meroveu liderou seu povo para lutar ao lado dos galo-romanos como fiéis *federati* contra Átila e os Hunos na planície de Mauriac perto de

¹⁴ TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XI-XIII.

Troyes. Após a vitória de Childerico I – que reinou entre 457 e 481 sobre os visigodos, saxões e alamanos – os merovíngios se consolidaram. A escavação da câmara funerária de Chilperico indica que ele não só se relacionava com os romanos, como também que não mais era um bárbaro. O filho de Childerico I, Clóvis, teve sob seu domínio grande parte da Gália ao norte de Loire por volta de 486 e tem espaço significativo na narrativa do Bispo de Tours (Hist. livro II). Ele foi o rei merovíngio que se converteu ao catolicismo e tornou seu reino cristão.

A relação dos reis Merovíngios com as riquezas do reino é um ponto de intenso debate historiográfico. Há uma série de historiadores que defendem que os reis não tinham noção de *res publica*, que o fisco real era tratado como propriedade privada do rei. Um dos argumentos desses historiadores é a maneira como se fazia a divisão e sucessão real: tanto as terras como as riquezas que pertenciam ao rei eram divididas igualmente entre seus herdeiros. Não havia a tentativa de manter o território unido após a morte do soberano.

Ferdinand Lot descreve os merovíngios como bárbaros que destruíram a excelência romana e instauraram reinos bárbaros, sanguinários e arcaicos. Lot é um dos autores que defendem a tese de que para os merovíngios o reino era propriedade privada do rei.

*“Constantino dividira o Império pelos seus filhos e pelos seus netos, tal como se de um patrimônio se tratasse. Ora, isso é já uma partilha à carolíngia ou à merovíngia, unicamente fundamentada nos direitos do sangue.”*¹⁵

Clóvis (*Chlodovech*, *Chlodoveus* ou *Clovis* com o tempo seu nome foi alterado para Ludwig e Louis) reinou entre 481 e 511, foi casado com a princesa burgúndia Clotilde que era católica e convenceu o marido a se converter ao catolicismo (Hist II 29-31). Após a sua morte (511), seu reino foi dividido entre seus quatro filhos: Chlodomer reinou em Orléans; Theuderico em Reims; Childeberto recebeu Paris e seus arredores; Clotário governou desde Soisson. Clodomiro morreu em 524, Theuderico em 534 e Childeberto em 558. Assim, Clotário tornou-se o único rei do reino franco. Após a sua morte em 561, o território foi novamente dividido entre os quatro herdeiros do rei:

¹⁵LOT, Ferdinand. **O fim do mundo antigo e os princípios da Idade Média**. Lisboa, Edições 70, 1982, p. 36.

Chariberto, Gontrão, Chilperico e Sigiberto. Esses são os reis contemporâneos a Gregório de Tours. É com eles que ele dialoga. Eles são parte de seu público-alvo.

As disputas entre os reis francos começaram com as intermináveis disputas entre os filhos de Clóvis na Burgúndia, Septimania e região da atual Espanha. Com a conivência de Childeberto, Clotário assassinou os filhos de Clodomiro após a morte do irmão. Assim como ele matou o próprio filho, Chramn. Essas guerras fratricidas são narradas nos livros III e IV da obra do Bispo de Tours.

Com a divisão do reino entre os filhos de Clóvis (Teoderico, Clodomiro, Childeberto I e Clotário I), a guerra entre eles por territórios e poder é descrita com detalhes por Gregório de Tours. O mesmo, como já citado, aconteceu na próxima geração, quando houve a divisão do reino entre os filhos de Clotário I.¹⁶ Além dos reis, duas rainhas tiveram papéis relevantes nessas disputas internas dos merovíngios. A mulher de Sigiberto, Brunilda, filha do rei Visigodo Athanagildo, e Fredegunda, amante e depois esposa de Chilperico. Além de Clóvis, Clotário I, Childerico e Clotário II (em 613) também conseguiram unir sob seu domínio o território da Gália merovíngia.

Chilperico e Sigiberto entraram em disputas entre si para tomarem o controle de maiores porções territoriais. Chariberto morreu em 567 (Hist. IV 21-45), Sigiberto foi assassinado por ordem de Fredegunda, mulher de Chilperico, em 575 (Hist. IV 51) e Chilperico foi assassinado por um criado em 584 (Hist. IV 46). Chilperico e Gontrão são figuras reais centrais na narrativa do Bispo de Tours. Eles são arquétipos de bom e mau rei.

Chilperico teve três esposas. Audovera, que foi confinada em um convento e depois assassinada por Fredegunda (Hist. V 39), Galswinth, irmã de Brunilda que também foi assassinada (Hist. IV 28) e Fredegunda, que morreu em 597. O filho mais velho de Chilperico morreu em combate (Hist. IV 50); Chilperico convenceu Meroveu a se matar (Hist. V 18); Clovis, o terceiro filho de Audovera, foi morto por Fredegunda.

¹⁶ “*Esses eram os reis que nosso historiador viu crescer. Era um jovem como Clotário, depois que os filhos de seu irmão Teoderico morreram e a morte de Childeberto que não deixou herdeiros, o reino se uniu. Pouco antes de sua morte, esse rei ainda teve de ver seu filho Chramn pegar em armas. Ele recebeu sua própria violência. Ele, sua esposa e filhas foram queimados.*” LÖBELL, J. W. **Gregor von Tours und seine Zeit**. Second revised edition. Leipzig. 1869, p. 21.

Esses eram os filhos de Chilperico, que teve também duas filhas: Clotilde, que foi a líder do levante do convento de Poitiers, e Rigunth, que se casou com o filho do rei dos visigodos Leuvigild. Sendo assim, Chilperico foi sucedido por seu único filho com Fredegunda, Clotário II, que tinha quatro meses quando seu pai foi assassinado. Sigiberto foi sucedido por seu filho de cinco anos Childeberto II. Gontrão perdeu seus quatro filhos. Marcatrude, sua segunda esposa, matou Gundobaldo, o único filho de sua união com Veneranda, e logo depois também perdeu seu próprio filho. Seus dois filhos com Austrechilde, Clotário e Clodomiro, morreram de disenteria em 577. A partir de 584, Gontrão passou a tratar seu sobrinho, Childeberto II, como filho adotivo.

No livro VI Gregório de Tours narra os anos 581 a 584. No capítulo 46 desse livro, faz um balanço do reinado de Chilperico (561-584), nesse livro concentram-se as críticas feitas ao rei Chilperico ao longo da obra. Ele está carregado de juízo de valor e mostra a posição do Bispo de Tours em relação ao poder real. Tomando seu relato da vida de Chilperico como o oposto do modelo de rei. Para o Bispo de Tours, é possível afirmar que há um arquétipo de rei, o bom rei. A partir das acusações e críticas feitas a Chilperico pelo autor é possível delimitar esse arquétipo.

“Enquanto essas pessoas prosseguiram a sua rota com seu espólio, Chilperico, o Nero e Herodes de nosso tempo (...)”. (Hist. VI, 46)

Os pecados carniais, como a luxúria, e características como a arrogância e a devassidão estão presentes na caracterização de Chilperico. A aversão pela igreja e o desprezo pelos homens de Deus, principalmente os bispos, apontam para uma das principais críticas e impasses entre Gregório de Tours e o rei Franco. Gregório era um bispo que sofreu as consequências da tentativa de Chilperico impor sua soberania sobre a igreja. No livro V, 49 Chilperico leva Gregório a julgamento, ele é acusado de ter insultado a rainha; porém é absolvido. Uma frase que o bispo coloca na boca do povo mostra claramente a posição dele em relação ao rei: *“Por que essas acusações estão sendo feitas contra um padre do Senhor? Eles disseram. Por que o rei continua esse caso? Certamente o bispo não fez tais alegações, nem mesmo contra um escravo! (...) Senhor Deus, venha, nós imploramos, ajude seu servo!”* (Hist. V, 49). Esse episódio reforça a motivação política de Gregório ao atacar tão abertamente o rei Chilperico.

“(...)[Chilperico] partiu para a sua propriedade em Chelles (...). Lá ele passou seu tempo caçando. Um dia ao retornar da caçada quando já estava escurecendo, desceu de seu cavalo com uma mão no ombro de um serviçal, quando um homem se

aproximou, o golpeou com uma faca sob a axila e então o acertou uma segunda vez no estômago. Sangue começou a escorrer imediatamente de sua boca e dos ferimentos, e esse foi o fim desse homem perverso. As maldades que Chilperico realizou foram contadas nesse livro. Muitas áreas ele devastou e queimou, não uma, mas várias vezes. Ele não demonstrou remorso pelo que fez, mas se regozijava com seus atos, como Heródes que recitava tragédias enquanto seu palácio era tomado pelo fogo. Ele freqüentemente levantava acusações falsas contra seus súditos com o único objetivo de confiscar suas propriedades." (Hist. VI, 46)

O assassinato de Chilperico, de acordo com Gregório de Tours, é uma punição divina pelo seu comportamento. É possível afirmar isso ao fazer um paralelo com as tentativas sempre mal sucedidas de assassinato do rei Gontrão, que por providência divina sempre era avisado ou salvo das conspirações contra ele, como acontece nos seguintes trechos: Hist. VII, 18; Hist. VIII, 44; Hist. IX, 2.

Nesse trecho são enumerados atos condenáveis, para Gregório de Tours, em relação aos seus súditos: a devastação de propriedades, falsas acusações que tinham a cobiça como motivação e o fato dele se regozijar com tais atos. O papel do rei era defender e zelar pela paz de seu território e de seus súditos. O orgulho e o fato de não sentir remorso são julgamentos que Gregório de Tours faz do comportamento moral de Chilperico e que, nesse contexto, o aproximam de modelos de maus governantes romanos.

"Nesses anos homens da igreja raramente eram eleitos bispos. Ele era um glutão, e seu deus era seu estômago. Ele pretendia que ninguém fosse mais sábio que ele. Ele escreveu dois livros, tomando Sedulius como modelo, cujos versos pobres não se sustentavam em pé: ele colocou as sílabas breves no lugar das sílabas longas e as longas no lugar das breves sem entender o que estava fazendo. Ele compôs também opúsculos, hinos e missas, que não podem ser aceitos sob nenhum ponto de vista." (Hist. VI, 46)

Entre 561 e 613, as disputas internas e sangrentas entre os reis merovíngios desgastaram o poder efetivo dos reis, apesar de seu poder simbólico continuar estável. Ao longo do século VII, os reis deixaram de exercer o poder político e passaram a exercer um papel mais simbólico, deixando a administração e decisões cotidianas para o prefeito do palácio, em latim *majordomo*. Com o passar do tempo, os prefeitos do palácio tornaram-se os líderes militares e políticos dos reinos fracos. Um exemplo disso foi quando uma invasão, em 732, foi controlada e vencida não pelo então rei Teoderico

IV, mas pelo prefeito do palácio Carlos Martel. Foi essa linhagem de prefeitos do palácio que formou e consolidou a dinastia carolíngia. O filho de Carlos Martel, o prefeito do Palácio Pepino III, conseguiu apoio da nobreza franca para depor a dinastia merovíngia. A mudança oficial de dinastia se deu quando o papa Zacarias (741-752) pediu sua ajuda para enfrentar os Lombardos e Pepino ofereceu seu apoio em troca de sua coroação como rei dos francos. Em 751, Childerico III, o último rei Merovíngio, foi deposto. Ele não foi assassinado, mas teve seu cabelo cortado.

*“(...) a ascensão dos carolíngios pode ter sido não mais óbvia aos seus contemporâneos do que o declínio dos merovíngios. É necessário agora dar um passo adiante; o golpe de estado, quando aconteceu, era de qualquer maneira uma conclusão inevitável, mas não irreversível. Os carolíngios aprenderam, então, o que insegurança significava.”*¹⁷

Há ainda a lenda de que os francos sejam descendentes dos troianos. Sobre tal mito de origem, Gregório de Tours não gasta nenhuma linha de sua obra.¹⁸ Sobre os mitos sobre a origem dos Merovíngios, Fredegário faz a seguinte narrativa:

*“Conta-se a história que um verão Clódio e sua mulher estavam sentados na praia. Quando ela entrou ao meio dia no mar para se banhar, um monstro parecido com um Quinotauro de Netuno a atacou. Como resultado ela engravidou do monstro e/ou de seu marido e pariu um filho batizado como Meroveu, a partir de seu nome os reis dos francos passaram a ser chamados de merovíngios.”*¹⁹

Mas por que Gregório de Tours não cita em sua obra nenhum mito de origem dos merovíngios? Nesse ponto, a sua visão de mundo cristã é definidora. Primeiro porque não faz sentido um autor cristão partir de um mito pagão para narrar a história de seus contemporâneos. Além disso, tal escolha explícita que o objetivo do Bispo de Tours não é contar a saga dos merovíngios, mas sim a História da cristandade. O início dos *Decem Libri Historiarum* é a criação do mundo por Deus, e não a origem, seja ela mítica ou política, dos merovíngios. Essa constatação corrobora o argumento de que Gregório de Tours não escreveu uma História dos francos.

¹⁷ WALLACE-HADRILL, J.M. **The Barbarian West (400-1000)**. Blackwell Publishing, p. 90-91.

¹⁸ Idem, p. 68.

¹⁹ FREDEGÁRIO. **Chronicarum quae dicuntur Fredegarii libri quattuor**. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1982, vol. IVa of Quellen zur Geschichte des 7. und 8. Jahrhunderts, trans. Herbert Haupt, ed. Herwig Wolfram, *Ausgewählte Quellen zur deutschen Geschichte des Mittelalters: Freiherr vom Stein-Gedächtnisausgabe*. Livro II, capítulo 9.



Mapa da Gália Merovíngia em AD 587.²⁰

²⁰ Fonte do mapa: <http://pt.wikilingue.com/es/Ficheiro:Division of Gaul - 587.jpg>

3 - Gregório de Tours historiador

Há quem o julgue o primeiro historiador medieval, como o autor R.L. Poole,²¹ que o considera o primeiro historiador desde Amiano Marcelino (*Ammianus Marcellinus*). Amiano Marcelino, cujos trabalhos dão ênfase à religião romana tradicional, escreveu apoiando a reforma religiosa de Justiniano no fim do Império romano (cerca de dois séculos antes de Gregório de Tours). Sua principal obra é *Res Gestae Libri XXXI*, na qual ele se propõe a remontar a História do Império Romano (os primeiros 13 livros não existem mais). Seus livros relatam a ascensão do Imperador Nerva em 96 d.C. até a morte do Imperador Valente em 378. Os escritos, que sobreviveram aos séculos, cobrem o período entre 353-378. Mas, independente dessa discussão, é fato que Gregório de Tours é o único historiador merovíngio do século VI.

A caracterização de Gregório de Tours como historiador já foi tema de polêmica. Questiona-se se sua obra se tratava de História, crônica ou anais. A dificuldade em delimitar tal fronteira remonta a Idade Média. O monge Gervase, do século XII, em Canterbury, descreve da seguinte maneira a diferença entre os dois:

*“O historiador e o cronista têm uma intenção, e essa é comum, assim como o material que utilizam. O que os diferenciam é a maneira como os tratam e seu estilo de escrita. Ambos têm o mesmo objeto em mente, pois os dois buscam incessantemente a verdade. A abordagem é distinta porque o historiador segue com seus escritos de maneira abundante e eloqüente, enquanto o cronista o faz de maneira simples e breve. (...) O historiador empenha-se em alcançar a verdade, encantar seus ouvintes e leitores através de sua linguagem doce e elegante, informá-los dos verdadeiros fatos por trás dos acontecimentos, personagens ou heróis que ele descreve e inclui apenas aquilo que é relevante para a História. O cronista reconstrói os anos de encarnação de Cristo, seus meses que compõe os anos que seguem, relatando brevemente o que aconteceu com reis e rainhas nesses mesmos meses e anos e, ao mesmo tempo, descreve acontecimentos, fatos, milagres, presságios. Mas há aqueles que ao escreverem crônicas vão além de seus limites. Ao iniciar a compilação de sua crônica, eles o fazem de maneira semelhante aos historiadores, expandindo a sua linguagem.”*²²

²¹ POOLE, R.L. **Chronicles and Annals**. Oxford. 1926.

²² POOLE, R.L. **Chronicles and Annals**. Oxford. 1926, p. XVIII. Além dessas características, o cronista também tem pouca rigidez e noção de cronologia.

É importante observar que Poole escreve nos anos 20 do século XX, advém daí essa postura ortodoxa quanto à verdade; e a fidedignidade do fato descrito ser a pedra fundamental para alcançar tal objetivo. Percebe-se, nessa descrição, que a categorização de Gregório de Tours como cronista ou como historiador é bastante escorregadia, mesmo para um estudioso que tinha mais certezas e verdades. Pela sua diferenciação entre cronista e historiador, aqueles que conhecem a obra do Bispo de Tours não raro o colocariam como cronista. Por que então ele é categorizado como historiador pelo acadêmico inglês? Partindo de seus parâmetros e citando exemplos de historiadores, ele elenca uma série de historiadores nacionais: da Escandinávia, da Islândia (Ari). Já os cronistas por ele citados são São Jerônimo, Eusébio, Bede, Casidoro, entre outros.

A utilização dos *Decem libri Historiarum* como fonte para a História política pode ser questionada devido às imprecisões, erros cronológicos e contradições internas presentes na obra. Porém ela é uma das principais fontes sobre o período. Seu interesse está voltado para os homens e suas ações, sejam elas boas ou más, e suas conseqüências.²³ Os *Decem libri Historiarum* são vistos atualmente por autores como Martin Heinzmann e Breukelaar como uma História da “Igreja cristã”, ou seja, uma História da sociedade cristã, e não como uma “História nacional dos francos”. A discussão sobre a escolha do título é capital. A partir do século VII, até o século XIX, o título “História dos Francos” era predominante. A publicação do volume dos *Monumenta Germaniae Historica* já adota o título sugerido por Gregório de Tours, *Decem Libri Historiarum*. Desta forma, o título *Decem libri Historiarum* é, sem dúvida, mais apropriado e menos redutor que História dos francos. Esse último título seria uma criação da época Carolíngia que não faz jus à vontade de Gregório, que na conclusão de sua obra menciona claramente a expressão *Decem libri Historiarum*.²⁴ Essa produção é usada, a partir do século VII, para entender e legitimar a História da França e de sua realeza. Esses temas serão mais explorados nos próximos capítulos dessa dissertação.

²³É assim que Gregório de Tours divide e classifica a ação dos homens. Alguns exemplos encontrados no *Decem libri Historiarum*: Arius, o autor do arianismo que foi para o inferno como prova de sua culpa (II-23); Hilário de Poitiers retorna do exílio e alcança a vida eterna (I-39); Clóvis, após aceitar o cristianismo e a trindade vence batalhas e estende seu reino por toda a Gália (por exemplo, II-31 e 37); Alarico nega a Trindade e perde o seu reino, seu povo e a vida eterna (II-37). Dessa forma, Deus é uma presença onipotente e uma força presente na história. Quando o rei Gontrão fica seriamente doente, muitos pensaram que ele morreria e, na opinião de Gregório de Tours, foi salvo pela providência divina, uma vez que o rei planejava mandar muitos bispos para o exílio (VII-20).

²⁴SILVA, Marcelo Cândido. **Providencialismo e História política nos *Decem libri Historiarum* de Gregório de Tours**. P. 5-8.

A visão da historiografia tradicional acerca de Gregório de Tours até a primeira metade do século XX é um retrato da História merovíngia contada por um narrador ingênuo e crédulo que não era capaz de organizar as informações com ordem interna, sendo capaz apenas de seguir a ordem cronológica dos fatos descritos. Martin Heinzelmann é um dos autores que já no começo de seu livro *Gregory of Tours. History and society in the sixth century* com crítica a essa historiografia de aproximadamente 1400 anos, que também, interpretaram a obra *Decem Libri Historiarum* de Gregório de Tours como “História dos Francos”. Em seu estudo Heinzelmann se propõe a fazer uma nova interpretação da obra de Gregório de Tours, na qual o Bispo de Tours dá a cada um de seus livros um tópico auto-suficiente. Ele afirma que os capítulos aparentemente desconexos, fora de uma ordem interna tomam forma ao serem analisadas dentro de um conceito universal e cristológico da História.

J.J Ampère conferiu a Gregório de Tours o título de Heródoto de seu tempo. Ele o define com a seguinte frase: “Gregório apresenta [sua vida cotidiana] de maneira ingênua, assim como ele a vê.”²⁵ Essa era a tônica dos autores do século XIX. Eles o viam como um copista da realidade. Seu único intuito era registrar os fatos para as próximas gerações, sem qualquer requinte intelectual, literário ou social.

Adolf Ebert aborda a questão da ingenuidade e falta de habilidade de Gregório de Tours considerando-as a sua grande virtude:

*“Um interesse na pessoa, no indivíduo, como sendo algo que pode ser apreendido, é próprio não apenas da historiografia em decadência (como diz Löbell), mas também das que estão começando e constitui, além do mais, a verdadeira natureza do gênero das memórias; é precisamente esse interesse que dá ao trabalho de Gregório de Tours uma forte atratividade, essa que triunfa sobre as fraquezas e inadequações de sua obra. Por mais sem forma e inábil que sua narrativa seja, mesmo que ele dissolva a História em fatos isolados que não se conectam internamente um com os outros, ainda assim, com as virtudes da vida de cada indivíduo que ele relata com ingênua fidelidade faz com que seu trabalho retenha insuperável frescor que atrai seus leitores.”*²⁶

Sendo Gregório de Tours apenas um relator de sua realidade, porém muito competente no que se propôs a fazer, esses historiadores também apenas o utilizaram de maneira superficial e limitada. Seus objetivos eram recriar a época merovíngia. Os

²⁵ AMPÉRE, M.J. –J. *Histoire Littéraire de la France avant le douzième siècle II*. Paris. 1839.

²⁶EBERT, Adolf. *Allgemeine Geschichte der Literatur des Mittelalters im Abendlande I*. Leipzig. 1889, p. 571.

leitores da obra de Gregório de Tours se encantavam com as narrativas de disputas entre reis e sua nobreza, o que analisaram como o caos da época das trevas.

Felix Thürlemann entra nesse ponto de controvérsia acerca da fidedignidade histórica de Gregório de Tours de maneira diversa. A verdade de um fato, uma narrativa, para Gregório de Tours é diferente do que hoje se aceita como verdadeiro e autêntico.²⁷

*“Ele é, por um lado, narrador do passado, contador de História; podemos dizer com tranqüilidade. Quem não sabe contar [uma história] é um péssimo historiador. Mas aquele que escreve historiografia é ao mesmo tempo um cientista. Ele não se contenta apenas em descrever o passado, também pretende entender, esclarecer, interpretar, ensinar ou ainda algo mais.”*²⁸

O papel de Gregório de Tours como historiador se consolida não apenas ao ler suas narrativas vivas e ricas, mas também ao analisar a historiografia que estuda sua obra. Independente de sua intenção e objetivos, ele se consolida como o historiador merovíngio ao longo dos séculos.

Outro ponto de crítica e de exaltação da ingenuidade de Gregório de Tours é o fato de ele ser crédulo. Sua crença quase que empírica no poder do santos, narrados nas suas hagiografias, oferece grande arsenal para seus críticos mais ferozes. Nesse sentido, ele é a regra do homem de seu tempo. Goffart desconstrói tal argumentação ao dizer que ela é tão falha quanto a credulidade que ela busca justificar. Ele concorda que Gregório de Tours e seus contemporâneos eram crédulos e acríticos, mas afirma que eles eram guiados por um senso comum bastante prático. Eles sabiam que nada fora do comum ou sobrenatural, advindo de Deus, acontecia quando algum pecado era cometido (como perjúrio, trabalhar aos domingos, roubar propriedades da igreja e assim por diante). O que Gregório de Tours faz é ir de encontro com esse senso comum, se opor à previsível indiferença divina.²⁹

Giselle de Nie, historiadora holandesa que escreve em inglês, também é grande crítica da historiografia que estigmatiza Gregório de Tours como ingênuo, que ridiculariza a crença do Bispo de Tours nos milagres por ele narrado e questionam a veracidade dos fatos por ele apresentados. Em resposta a essa leitura Giselle de Nie se

²⁷ THÜRLEMANN, Felix. **Das Historische Diskurs bei Gregor von Tours: Topoi und Wirklichkeit**. Bern: Herbert Lang, 1974, p. 36.

²⁸ Idem, p. 16.

²⁹ GOFFART, Walter. **The Narrators of Barbarian History (A.D. 550–800)**. Princeton: Princeton University, 1988, p. 137.

propõe a encontrar uma lógica na narrativa de Gregório de Tours. O primeiro passo, de acordo com ela, é rever a organização do material disponível, que esses historiadores tomaram como base a lógica do latim clássico. Tendo em vista esse parâmetro, as obras do Bispo de Tours têm uma maneira de se expressar estranha e sem ordem. Tais historiadores não atribuem a sua narração apenas à incompetência pessoal de Gregório de Tours, mas à influência da sociedade caótica e semibárbara na qual ele se encontrava.³⁰

Para Giselle de Nie, a obra de Gregório de Tours deve ser lida e interpretada de maneira não discursiva. Sendo assim, ela tenta encontrar relações e significados além da superfície da narrativa, mas através das formulações obscuras, aparentes contradições e lacunas na continuidade de suas apresentações. Ela constrói uma coerência que consiste na integração de imagens em vez de conceitos, pensada de maneira não discursiva em oposição a uma interpretação sistemática.³¹ Essa é a grande diferença de Giselle de Nie e os outros autores analisados nesta pesquisa. Até o fim do século VI, Gregório de Tours é o único historiador-hagiógrafo que usa não somente o imaginário com grande frequência, mas também relata numerosas percepções de fenômenos luminosos no contexto do cotidiano da vida religiosa.³²

Há uma diferença enorme entre o historiador do século V e do século VI, do qual Gregório é modelo. O século V tem um forte sentido político, voltado para o encaminhamento de guerras, principalmente fora do território da Gália merovíngia. O pensamento pré cristão era a base das ações, do desenvolvimento da História e de sua interpretação. A partir do século VI, a crença em milagres cresce de maneira exponencial: Deus onipresente e o santo que está bastante próximo dos homens e de seu cotidiano passam a intervir no curso da História, na ordem moral do mundo e a ajudar que seus fiéis consigam alcançar o ideal da moral cristã. Surge, a partir de então, outro mundo espiritual. Desde esse período, a crença em milagres passa a ser um dos pilares da fé cristã.

O ponto de partida para o cristianismo entender e interpretar o mundo são a Criação e o Juízo Final. Estes são os limites do tempo, e é a partir deles – com esse pano de fundo, essa idéia de fim da História e de fim dos tempos – que Gregório de Tours

³⁰ NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987.

³¹ Idem.

³² Idem, p. 25.

escreve sua obra. Outro ponto que fortalece o modo cristão de pensar é a alteridade. No caso da obra de Gregório de Tours, os hereges, mais especificamente o arianismo e os judeus.

Para o autor dos MGH, Rudolf Buchner, Gregório de Tours, como historiador, optou por relatar o essencial de cada ano ou década, e não por fazer um passo a passo da História. Ele define o bispo como um *Historienmaler*.³³ O objetivo de Gregório era retomar a História e isso ele faz com entusiasmo, ainda sentido por aqueles que lêem a sua obra. Ele também concorda com a dificuldade de datar tanto a obra de Gregório de Tours, quanto certificar-se da cronologia e datação interna dos *Decem Libri Historiarum*.

Outro ponto de bastante debate é o latim de Gregório de Tours. É relevante lembrar que, apesar das críticas recebidas ao longo de séculos sobre sua linguagem, o Bispo de Tours estava muito consciente dela e isso não pode ser visto simplesmente como um espelho da “extrema brutalização” de seu tempo. Ele escrevia para que seus pares o entendesse. Seu latim e sua linguagem eram baseados na literatura cristã. Heinzelmann, Goffart e Buchner³⁴ concordam que Gregório de Tours não via o período Merovíngio como uma unidade, mas sim como um período homogêneo. A primeira frase do livro não pode ser vista como veredicto ou comentário sobre o período merovíngio.³⁵ Por essa dificuldade de mapear a real linguagem de Gregório de Tours, é possível dizer que os rastros da formação e da cultura que conhecemos de Gregório de Tours são limitados. É possível observar que sua escrita é voltada para o sagrado. Buchner diz que Gregório de Tour era muito crédulo em relação à literatura cristã. Essas

³³Tradução livre: um pintor da História. Ele completa: “(...) der mit liebevollen Pinsel, mit ursprünglicher Freude am geringfügigen Einzelzug, an der Anekdote, am Persönlichen, an der Stimmung, an Spannung und Dramatik malt, was ihn interessiert: grosse und kleine, wichtige und unwichtige Ereignisse, nicht zuletzt auch die Menschen in ihrem Zusammenleben, ihrem täglichen Handeln. (ele pinta com seu pincel afetuoso, com alegria primitiva do detalhe insignificante, na anedota, pessoalmente, na impressão, na tensão e dramaticidade do que a ele interessava: o acontecimento grande e o pequeno, o importante e o não importante e não por último, também as pessoas em sua convivência, suas ações cotidianas.)”. TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10**. Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XX.

³⁴ HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century**. Cambridge University Press, 2001; GOFFART, Walter. **The Narrators of Barbarian History (A.D. 550–800)**. Princeton: Princeton University, 1988; TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10**. Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987.

³⁵GOFFART, Walter. **The Narrators of Barbarian History (A.D. 550–800)**. Princeton: Princeton University, 1988.

fontes eram sua base ‘histórica’. Ele não as diferenciava das outras fontes, orais ou escritas, que utilizava.³⁶

“(...) *eu peço desculpas aos meus leitores pelas sílabas ou pela minha linguagem que podem ofender a gramática, tema este que eu estou longe de ser especialista.*”³⁷

Essa frase de Gregório não pode ser interpretada simplesmente como uma postura de humildade e autocrítica em relação ao seu domínio do latim, mas também como um instrumento de retórica. O fato dele se apresentar como um usuário da língua e não como um especialista em sua gramática não significa que essa crítica se estenda ao latim de seu tempo, como foi feito por muitos estudiosos de Gregório de Tours e exposto no parágrafo anterior. Vale lembrar que características dos manuscritos de Gregório de Tours que chegaram às mãos dos historiadores atuais não podem ser tidas como fidedignas ao original de Gregório de Tours.³⁸

Gregório de Tours não utilizou nenhuma fonte escrita para redigir os textos anteriores a 573. Canções populares e histórias da tradição dos francos e seus feitos advindas da tradição oral foram adotadas como fontes incontestáveis. Um exemplo é a idéia de que os francos são oriundos de Pannonien (Hist. II, 9). Sobre a fábula que diz que os francos são descendentes dos troianos, Gregório não diz nada. Após esse período, as fontes identificadas pelo autor desse volume dos MGH foram: Crônica de Hieronymus, a obra de Eusébio, de Orósio, os dois livros da crônica de Sulpicius e o Antigo Testamento, sua principal fonte e modelo de narrativa. Além dessas, as vidas de santos e escritos eclesiásticos também foram usados.

Mas em que Gregório se baseou para escrever a sua obra? Como ele selecionou os acontecimentos relatados nos *Decem Libri Historiarum* que aconteceram ao longo de seu episcopado? Eles eram escolhidos aleatoriamente, de acordo com preferências e implicâncias pessoais ou tinham como fio condutor um objetivo pretendido pelo Bispo de Tours com seus livros de História? Essas questões são fundamentais para entender a composição e a importância da obra de Gregório de Tours tanto para o estudo do século VI quanto para compreender como esse trabalho se encaixa na argumentação dos que a

³⁶ GOFFART, Walter. **The Narrators of Barbarian History (A.D. 550–800)**. Princeton: Princeton University, 1988. p. XLV.

³⁷ HIST I prólogo.

³⁸ Essa discussão será aprofundada no capítulo II dessa dissertação.

utilizam como ferramenta para construir Histórias nacionais. Esse estudo tentará refletir tais indagações no decorrer do texto.

Outro tema recorrente nas obras de estudiosos sobre Gregório de Tours é a falta de coerência na cronologia interna da obra. Buchner não é uma exceção e exemplificadamente as falhas na conta dos anos e suas lacunas. Mas a preocupação de Buchner não é julgar se Gregório de Tours é ingênuo e incapaz de narrar com exatidão os acontecimentos nem analisar o porquê dessa falta de coerência ou de preocupação com a datação correta dos eventos históricos descritos. Seu foco é remontar a História dos francos através da única fonte do século VI. Nesse sentido, ele afirma que o período anterior ao de Gregório, o que tem maior incoerência cronológica, fica sem uma fonte confiável para sua reconstituição fidedigna. Apesar dessa ressalva, ele termina por dizer que a narração do Bispo de Tours é confiável e que os fatos nela narrados podem ser tomados como verdadeiros.

4 - Audiência de Gregório de Tours

A obra de Gregório de Tours é composta por hagiografias e pelos *Decem libri Historiarum*.³⁹ O foco desse trabalho são os *Decem libri Historiarum*. Mas para quem Gregório escrevia? Quem era sua audiência? Para mapear os objetivos de Gregório de Tours com a sua obra é importante refletir sobre quem era sua audiência.

Os reis, personagens recorrentes e centrais nos *Decem Libri Historiarum*, provavelmente eram parte fundamental da audiência de Gregório de Tours. Para Breukelaar essa é uma questão em aberto. Tendo em vista os inúmeros episódios da obra de Gregório de Tours e citando trechos nos quais os reis são personagens das histórias narradas – como no prólogo do livro V, no qual os reis são tratados na segunda pessoa do plural, sem ter seus nomes citados –, é possível esboçar tal afirmação. Isso pode significar que o bispo estava se dirigindo à categoria reis como sua audiência. Para Gregório de Tours, os bispos, no século VI, eram os que controlavam as comunicações, os que eram educados para utilizar a retórica, o discurso e a literatura. Eles eram responsáveis pela disseminação da informação, pois era através de seus discursos que o

³⁹ Além da obra que é objeto desse trabalho, *Decem libri Historiarum*, Gregório de Tours também escreveu, entre outras, os *Septem libri miraculorum*, sobre milagres de santos; *Livre vitae Patrum*, que contém 20 narrativas sobre vidas beatificadas; *In Psalterii tractatum commentarius*, um comentário dos salmos; *Liber de miraculus beati Andrea apostoli*, sobre os feitos do Apóstolo André; *Passio sanctorum Martyrum Septem Dormientium apud Ephesum*, sobre a Paixão dos sete dormentes de Éfeso.

conhecimento que adquiriam nas bibliotecas era pulverizado. Dentre outros exemplos citados por Breukelaar é importante salientar Hist. VIII, 2-5. Nesse trecho o rei Gontrão faz acusações contra o bispo Theodoro de Marselha - que teria sido cúmplice na morte de seu irmão, o rei Chilperico – em uma reunião com os bispos. Gregório discorda de Gontrão, pois defende que Chilperico morreu por consequência de seus atos. Nesse discurso, Gregório de Tours se utiliza de Gontrão para criticar a conduta de Chilperico. Assim, ele, como historiador, assume o papel de acusador público da conduta de Chilperico.⁴⁰ Ou seja, para Breukelaar, a audiência pretendida por Gregório de Tours não era apenas as gerações futuras, mas também seus contemporâneos detentores de poder secular: os reis.

Nesse sentido, Gregório de Tours se coloca na posição de defensor dos privilégios episcopais contra as violações impostas pelo poder secular. Essa crítica ácida aos reis faz dos *Decem Libri Historiarum* um instrumento da autoridade episcopal para influenciar as condutas e decisões dos líderes políticos através da crítica.

Goffart, no entanto, afirma que o público-alvo de Gregório de Tours eram os galo-romanos, sobretudo os habitantes de Clermont e Tours, pois esses são os locais mais citados em seus textos.⁴¹

Além de observar essas características da obra do Bispo de Tours, é importante levar em consideração o ponto de partida de Gregório de Tours. Como ele mesmo declara em seu prólogo, a obra, ele se dispõe a forjar uma narrativa de seu tempo em resposta à vontade e necessidade do povo da Gália. Sendo ele não apenas uma das audiências pretendidas por Gregório, mas também o instrumento utilizado para justificar a escrita dos *Decem Libri Historiarum*.

Ao analisar a audiência buscada pela obra do Bispo de Tours e sua função social, Breukelaar afirma que depende da época na qual a parte analisada foi escrita, mas isso não significa que não haja uma intencionalidade de atingir um público específico. Ele diz que partindo do manuscrito preservado, o primeiro e mais importante motivador da *historia* de Gregório de Tours era preservar os eventos na memória coletiva. Breukelaar diz que a instituição social é a memória coletiva, e as gerações por vir são a audiência pretendida pelo bispo historiador. Um dos exemplos dados pelo autor alemão é que o

⁴⁰ BREUKELAAR, Adriaan H. B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul.** *The Histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1994, p. 126-128.

⁴¹ GOFFART, Walter. **The Narrators of Barbarian History (A.D. 550–800).** Princeton: Princeton University, 1988, p. 137. University, 1988, p. 195.

bispo se dirige aos seus sucessores no epílogo (*Hist. X, 31*), pedindo que eles não corrompam o texto que ele escreveu, sendo a fúria divina a pena para tal ato.⁴²

No fim dos *Decem Libri Historiarum*, no capítulo 31 do livro X, o Bispo de Tours pede a seus sucessores que *“Seja você quem for, bispo de Deus, mesmo que nosso próprio Martianus (Capella) tenha lhe instruído nas sete artes, mesmo que ele lhe tenha ensinado gramática para que você assim saiba ler, se ele lhe mostrou através de sua dialética como analisar partes de uma disputa, através de sua retórica como reconhecer os diferentes métricas, pela sua geometria a reconhecer as medidas de superfícies e linhas, pela sua astronomia como observar as estrelas em seu curso, pela aritmética como fazer adição e subtração, pelo seu livro sobre harmonia como fazer arranjos em suas músicas de sons suaves, mesmo que seja especialista em todos esses quesitos e, por consequência, o que eu escrevi pareça inculto para você, apesar disso tudo, eu imploro, não viole meus livros. Você pode reescrevê-los em verso se assim o desejar, se supor que assim eles melhorarão em forma, mas mantenha-os intactos.”*

O desejo de deixar sua obra fidedigna à original para que chegue às gerações futuras sem manipulação, é um indício explícito de que tinha o objetivo de eternizar seu depoimento sobre seu tempo. Pretendia preservar a memória de sua época.

⁴²BREUKELAAR, Adriaan H. B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul.** *The Histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1994. P. 116-122.

II. Os Decem Libri Historiarum.

Os *Decem Libri Historiarum* são usados como fonte histórica, desde o século VII, para contar a História dos francos. Por esse motivo, ele foi copiado repetidas vezes, integralmente ou em trechos, entre os séculos VII e XV. Segundo levantamento feito por Lewis Thorpe em sua tradução da obra de Gregório de Tours, existem 28 manuscritos⁴³ dos *Decem Libri Historiarum*. Já Buchner fala de 40 manuscritos copiados entre os séculos VII e XV,⁴⁴ sejam eles de qualidade ou não, integral ou de trechos. Essa extensa tradição de manuscritos evidencia não apenas a importância da obra, mas também a dificuldade em estudá-la. Nesse capítulo pretende-se apresentar os *Decem Libri Historiarum*: sua tradição de manuscritos, as teses acerca de sua composição, a discussão sobre seu gênero e as suas traduções.

Um tema recorrente nos trabalhos de estudiosos sobre Gregório de Tours é a falta de coerência na cronologia interna da obra. Buchner não é uma exceção e exemplifica ricamente as falhas na contagem dos anos e suas lacunas temporais na narrativa de Gregório de Tours. Mas sua preocupação não é julgar se Gregório de Tours é ingênuo e incapaz de narrar com exatidão os acontecimentos, nem analisar o porquê dessa falta de coerência ou de preocupação com a datação correta dos eventos históricos descritos. Seu foco é remontar a História dos francos através da mais importante obra de História do século VI. Nesse sentido, ele afirma que o período anterior ao de Gregório, o que tem maior incoerência cronológica, fica sem uma fonte confiável para sua reconstituição fidedigna. Apesar dessa ressalva, ele termina por dizer que a narração do Bispo de Tours é confiável e os fatos nela narrados podem ser tomados como verdadeiros.

Uma das funções sociais da *historia* escrita por Gregório de Tours era defender os privilégios episcopais no poder secular. Ele cita que o seu conhecimento do passado o ajudou a manter os privilégios de Tours (como em *Hist.* V, 4; V, 14; IX, 30). Breukelaar afirma que ‘*As Histories são instrumentos na manutenção da autoridade episcopal na tentativa de influenciar a conduta dos líderes secular através da crítica a*

⁴³TOURS, Gregory of. **The History of the Franks**. Traduzido por Lewis Thorpe. Penguin Books. Londres. 1997, p. 53.

⁴⁴TOURS, Gregor von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10**. Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XXXIII.

eles'.⁴⁵ Nesse trecho de sua obra o historiador alemão começa a construir sua tese de *Bischofsherrschaft*.

Os *Decem Libri Historiarum* foram abordados de maneira bastante diferente ao longo dos séculos, desde obra da História dos francos, como História da Igreja, com diversos recortes – História social, História das mentalidades e História política. Essas abordagens serão expostas mais detalhadamente no terceiro capítulo desta dissertação. A vastidão de temas tratados na obra e os diferentes aspectos da sociedade merovíngia que essa obra abarca possibilitam tamanha diversidade de abordagens. Há material para o estudo da vida política, religiosa, das manifestações culturais em geral e também das realidades materiais dos homens e mulheres de então. Até mesmo aqueles que se deleitam com os mexericos de corte vão encontrar um amplo repertório de saborosas historietas. Para destrinchar a maneira como a historiografia analisou e se apropriou dessa importante fonte merovíngia, propõe-se nesse capítulo entender melhor a sua composição, edição e classificação.

1 - Os manuscritos

Os escritos de Gregório de Tours são copiados desde o século VII. A tradição historiográfica criticada por autores como Martin Heinzemann e Breukelaar por estudar a obra de Tours como a História dos francos e considerá-lo um escritor ingênuo e bárbaro tem sua origem nesse período.

É importante lembrar que não existe mais o manuscrito original de Gregório de Tours. A tradição de cópias do texto de Gregório é extensa e fragmentada. Sendo assim, todos os exemplares existentes dos *Decem Libri Historiarum* provavelmente já se distanciaram em alguma medida do original do Bispo de Tours. A atípica natureza da tradição depende do conteúdo dos *Decem Libri Historiarum*, da recepção anterior da obra, como pode ser notado nos manuscritos mais antigos. Esses manuscritos, sobretudo as famílias A e B, são consideradas pelos estudiosos da obra de Gregório de Tours como testemunhas diretas da obra.

O primeiro manuscrito (conhecido como família A), descrito como igual ao original, data do século XI e foi produzido no monastério de Monte Cassino sob a

⁴⁵ BREUKELAAR, A.H.B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul**: the histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context. Göttingen. Vandenhoeck und Ruprecht. 1994, p. 125.

direção do abade Desiderius. Acredita-se que os manuscritos da família A sejam baseados em manuscritos do século VII. O fato do original já não existir certamente dificulta uma análise crítica do texto, uma vez que os escribas que o copiaram eram educados em latim clássico e podem ter alterado o texto original.

Buchner, autor responsável pela edição dos *Decem Libri Historiarum* nos *Monumenta Germaniae Historica*⁴⁶ de 1955, faz uma breve apresentação dos manuscritos de cada família, que serão descritos a seguir.

O exemplar A 1, único dessa família que contém o texto completo de Monte Cassino foi escrito primeiramente no século XI e com ortografia pouco confiável, pois tem muitas características do período em que foi realizado. Sendo assim, é difícil, a partir desse manuscrito, ter uma idéia do latim e da ortografia de Gregório de Tours. O exemplar A 2, do começo do século VIII ou talvez fim do século VII, consiste em apenas 3 fragmentos que estão nas bibliotecas de Kopenhagen, Leyden e Roma (no Vaticano).

Os manuscritos da família B são truncados, curtos, ou seja, incompletos. São os mais antigos que existem, sendo o B 1 (Cambrai Nr. 624) o mais antigo deles. Este data do século VII e acredita-se ser o mais próximo do texto de Gregório de Tours. O B 2 (Bruxelas Nr. 9403) data do fim do século VII, o B 3 (Leyden, Voss. Lat. 40 Nr. 63) do século VIII, o B 4 (Paris Lat. 16 654 de Beauvais) também é do século VII, enquanto o B 5 (Paris Lar 16 655 de Corbie) data dos anos 700. A família B corresponde apenas aos livros I-VI e são omitidos 68 capítulos desses livros. Apenas o B 1.2, de aproximadamente 750, tem fragmentos dos livros VII-X. Há a teoria de que havia dois rascunhos para a obra. Mais tarde Gregório teria adicionado 68 capítulos sobre homens e assuntos relacionados à Igreja para expandir os aspectos eclesiásticos da obra.

O manuscrito B 2 contém o trecho Hist. II, 3 até Hist. X, 29. Ele foi transcrito entre os séculos VIII e IX por quatro escribas diferentes, sendo que o segundo escriba foi o responsável pelos livros VII e VIII, o terceiro foi responsável pelo livro IX e o quarto pelo livro X. Os trechos que faltam nesses manuscritos foram completados por

⁴⁶TOURS, Gregor von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987.

Omont e Collon⁴⁷ com a versão publicada por Arndt e Krusch nos MGH. Sobre o manuscrito B 5, que contém os livros I-IV, eles garantem ter sido copiado por mãos merovíngias. Aparentemente um único escriba foi o responsável por esse manuscrito no século VII.⁴⁸

A família C é pouco confiável, pois foi trabalhada por muitos escribas. Apenas as vertentes C 1 e C 2 são importantes. Os outros manuscritos da família C em sua maioria são cópias uns dos outros. O C 1 (Vatic. Palat. Lat. 864 de Lorsch) é do século X e foi copiado de um exemplar da família B, tendo parte das lacunas desse manuscrito preenchidas. Quanto ao C 2 (Namur Nr. 11, Século X), não se tem certeza se também foi baseado em um texto da família B ou se teve como modelo um manuscrito da família D, que por sua vez foi copiado de um exemplar da família B.

A família D é um conjunto de 15 manuscritos que datam de a partir do século X. Eles foram baseados em diferentes manuscritos pertencentes às famílias anteriores.⁴⁹ Os manuscritos utilizados pelos autores dos MGH, escolhidos por Arndt e Krusch, são os variantes da família D. Essa escolha se deu por os manuscritos da família D serem baseados principalmente nos da família A, sobretudo A1, que é completo, mas foi melhorado, comparando-o aos manuscritos das famílias B e C.

A tradição dos manuscritos dos *Decem Libri Historiarum*, como se pode observar, é bastante vasta. Heinzelmann afirma que há cerca de 50 manuscritos de Gregório de Tours. Há alguns que são apenas fragmentos de sua obra, como exemplares das famílias E e F, por apresentarem apenas seleções de capítulos muitas vezes são excluídas da tradição de manuscritos do Bispo de Tours. As cópias que pertencem à família D estão quase completas. As cópias mais antigas existentes datam do século X e são intituladas História dos francos, fazendo uma clara menção à tendência de apropriação da obra de Gregório de Tours como *Volksgeschichte*.

Os manuscritos da família B são três fragmentos que se originaram de uma cópia produzida no Monastério de Micy no século VII, ou seja, uma ou duas gerações depois

⁴⁷ OMONT, Henri; COLLON, Gaston. **Grégoire de Tours. Histoire des Francs. Texte des manuscrites de Corbie et de Bruxelles.** Paris. Collections des Tectes pour server à l'étude et à l'enseignement de l'histoire, volumes 2 e 13. 1886-93.

⁴⁸ TOURS, Gregory of. **The History of the Franks.** Traduzido por Lewis Thorpe. Penguin Books. Londres. 1997.

⁴⁹ As informações sobre as famílias de manuscritas são baseadas em: TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XXIII-XXIV.

que o trabalho original foi concluído. Essa é a cópia mais antiga de que se tem notícia, apesar de não existir mais. Os manuscritos categorizados da família C são dependentes da família B. Essas duas famílias de manuscritos têm em comum o fato de não respeitarem a unidade da obra de Gregório de Tours, ambas apresentam a compilação organizada em um novo formato para uma nova época.

Heinzelmann defende que a mudança de forma tem um objetivo prático: mudar a audiência e os interesses defendidos pelo texto do Bispo de Tours. História social cristã, é assim que Heinzelmann analisa e entende os *Decem Libri Historiarum*. Tal concepção se baseia na impressão crescente de que os *Decem Libri Historiarum* são a história de uma sociedade, em vez de ser simplesmente um relato de eventos históricos, confirmado pelo imenso interesse de Gregório de Tours em reis e em sua descrição de seus governos. Os bispos e santos –vivos e mortos – também possuíam um significado social, que derivava de sua complementar função na estrutura moral do reino cristão. O que seria a História da sociedade cristã do tempo de Gregório de Tours é transformada, já no período carolíngio, na História dos reinos francos, seus reis e seu povo, e depois utilizada para escrever Histórias nacionais.⁵⁰

Duas gerações após da morte de Gregório, já havia a tendência de reduzi-lo a uma simples testemunha do glorioso passado franco. Tal herança e o título posteriormente adotado de “História dos Francos” eram contrários às intenções e idéias do Bispo de Tours, que pediu em seu prólogo que sua obra não fosse violada.⁵¹ Essa tradição foi reavivada durante a consolidação e ascensão da monarquia francesa entre os séculos XIV e XVII. Assim, o interesse na obra de Gregório de Tours se alterou, o bispo tornou-se o historiador oficial da França e da sua monarquia, da *Histoire Française* ou *Historia Nostra*. A categorização feita durante o Iluminismo, articulada no terceiro volume da *Histoire littéraire de la France* em 1735 e repetida na *Histoire littéraire de la France* de Jean-Jaques Ampère (1839), durou até os dias de hoje. Já em 1735 caracterizava-se Gregório de Tours como um narrador ingênuo (adoração e veneração

⁵⁰HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century**. Cambridge University Press, 2001, p. 192-199.

⁵¹ HIST X, 31. “Seja você quem for, bispo de Deus, mesmo que nosso próprio Martianus (Capella) tenha lhe instruído nas sete artes, mesmo que ele lhe tenha ensinado gramática para que você assim saiba ler, se ele lhe mostrou através de sua dialética como analisar partes de uma disputa, através de sua retórica como reconhecer os diferentes métricas, pela sua geometria a reconhecer as medidas de superfícies e linhas, pela sua astronomia como observar as estrelas em seu curso, pela aritmética como fazer adição e subtração, pelo seu livro sobre harmonia como fazer arranjos em suas músicas de sons suaves, mesmo que seja especialista em todos esses quesitos e, por consequência, o que eu escrevi pareça inculto para você, apesar disso tudo, eu imploro, não viole meus livros. Você pode reescrevê-los em verso se assim o desejar, se supor que assim eles melhorarão em forma, mas mantenha-os intactos.”

de santos entram nessa argumentação de maneira exaustiva) que não selecionou nem organizou o seu material.⁵² Na década de 1980 houve uma volta à obra de Gregório de Tours, mas com o claro recorte metodológico da História das mentalidades e concentrando a atenção em suas obras hagiográficas.⁵³

Outro ponto em comum de queixa dos estudiosos da obra de Gregório de Tours é a dificuldade de se estudar sua obra devido à grande quantidade e diversidade de manuscritos e fragmentos de manuscritos produzidos entre os séculos VII e XV. Tal característica dificulta determinar informações precisas sobre a produção e originalidade do texto do Bispo de Tours.⁵⁴

2 – A Composição dos *Decem Libri Historiarum*.

“Muitas coisas tem acontecido, algumas boas, outras ruins. Os habitantes de diferentes regiões continuam em discórdia e os reis continuam alimentando sua fúria. Nossas Igrejas são atacadas pelos hereges e protegidos pelos católicos; a fé de cristo ilumina e brilha em muitos homens, mas continua fosca em outros; assim que as igrejas recebem as doações de seus fiéis e os que não seguem sua fé a dilapidam. No entanto, não houve ainda nenhum escritor com qualidades suficiente para escrever esses eventos de maneira ordenada em prosa ou verso. Na verdade, nas cidades da Gália ela está em decadência a ponto de quase desaparecer. Muitos se queixam disso repetidamente: ‘Que tempo triste é este!’ e ainda dizem: ‘Se entre nós não há nenhum homem que possa escrever sobre o que está acontecendo agora, a busca pelas letras está morta em nós!’.”⁵⁵

⁵² HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century.** Cambridge University Press, 2001. P. 1-3.

⁵³ Exemplo desse recorte é a historiadora holandesa Giselle de Nie. Ela faz um estudo do imaginário de Gregório de Tours em seu doutorado. Para Giselle a obra de Gregório de Tours deve ser lida e interpretada de maneira não discursiva. Sendo assim, ela tenta encontrar relações e significados além da superfície da narrativa, mas através das formulações obscuras, aparentes contradições e lacunas na continuidade de suas apresentações. Ela constrói uma coerência que consiste na integração de imagens em vez de conceitos e pensa em maneira não discursiva em oposição a uma interpretação sistemática. Giselle de Nie descreve Gregório de Tours como “um administrador capaz, astuto diplomata e um bispo corajoso e santo. Ele também era um contador de histórias”. Breukelaar também cita Giselle de Nie. Sobre a sua obra ele diz que ela tem uma abordagem antropológica e com perspectiva psicológica, sem dar a devida atenção para o caráter histórico e do contexto da obra de Gregório de Tours.

⁵⁴ SONNTAG, Regine. **Studien zur Bewertung von zahlenangaben in der Geschichtsschreibung des Früheren Mittelalters. Die Decem Libri Historiarum Gregor von Tours und die Chronica Regnos von Prüm.** Kallmünz: Michael Lassleben. 1987, p. 7.

⁵⁵ HIST. Prefácio.

Gregório de Tours começa assim a sua obra. Nota-se nesse trecho não apenas um testemunho do Bispo de Tours sobre a importância e urgência de sua empreitada, mas também que a sua composição foi a realização de um pedido dos habitantes da Gália. Ele, como escritor, como historiador, é apenas um instrumento de seu rebanho. Ele se considera apto e qualificado para levar adiante esse projeto. Essa segurança inicial em suas capacidades é colocada em cheque mais a frente, no prólogo do livro I, no qual ele pede desculpas aos seus leitores pelo seu parco latim. Essas nuances em sua apresentação e em seu comportamento na produção dos *Decem Libri Historiarum* trazem à tona uma das características de Gregório como bispo, homem e historiador: ele é um cristão. Isso significa que preza, entre outras coisas, pela humildade e por ser servo de seu rebanho, os fiéis católicos.

A discussão da composição da obra está intrinsecamente relacionada ao debate acerca de seu gênero. O fato de a obra ter sido escrita de maneira homogênea ou não, ter sido escrita em etapas ou de maneira contínua é de fundamental importância para determinar o seu gênero.

Os *Decem libri Historiarum*, de acordo com Lewis Thorpe, começou a ser escrito após a consagração de Gregório como Bispo de Tours em 573, sendo o prefácio do livro V a primeira parte a ser redigida.⁵⁶ Porém, A.H.B. Breukelaar defende que Gregório de Tours começou a escrever quando ainda estava em Clermont. Para sustentar a sua tese, o autor argumenta que nos livros I a IV há mais referências a Clermont que a Tours.⁵⁷ A obra foi concluída entre os meses de outubro de 591 e os primeiros meses de inverno de 592. Gregório de Tours data seu epílogo nos primeiros três meses de 592.⁵⁸

Em 1851 Wilhelm Giesebrecht defendeu que os *Decem Libri Historiarum* foram escritos em três momentos distintos: por volta de 577, 584-85 e 590-91. Esses trechos foram compilados com revisão limitada: a revisão teria sido feita apenas até o fim do livro VI.⁵⁹ Os argumentos apresentados para tal afirmativa são que as incongruências encontradas nos livros I-IV não aparecem nos livros VII-X e que os

⁵⁶ TOURS, Gregory of. **The History of the Franks**. Traduzido por Lewis Thorpe. Penguin Books. Londres. 1997, p. 24-27.

⁵⁷ BREUKELAAR, A.H.B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul**: the histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context. Göttingen. Vandenhoeck und Ruprecht. 1994, p. 25-30.

⁵⁸ Idem, p. 56-59.

⁵⁹ BREUKELAAR, A.H.B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul**: the histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context. Göttingen. Vandenhoeck und Ruprecht. 1994.

livros I-VI circulavam de maneira independente, sendo esta falta de revisão uma das razões das incoerências internas e inconsistências da obra, que foram tema de diversos estudiosos.

Para sustentar a tese de que o livro foi escrito em dois momentos distintos, o trecho abaixo do começo do livro VII é usado como base de tal argumentação:

“Apesar de eu ter toda a intenção de retomar o fio da História de onde parei nos livros anteriores, o sentimento de reverência que eu tenho por ele me compele a começar fazendo menção a São Salvius que, como todos sabem, morreu esse ano [584]”⁶⁰

Latouche, no entanto, o interpreta de maneira distinta. Afirma que Gregório de Tours não queria indicar um recomeço de seu trabalho, mas sim se desculpar pela interrupção do texto em curso para prestar homenagem ao bispo Salvius de Albi.

Há ainda a teoria de que a obra idealizada por Gregório de Tours se limitasse aos livros I-VI, revisados e corrigidos por ele em 591.⁶¹ Para sustentar tal argumento, aponta-se o fato de Fredegário conhecer apenas os seis primeiros livros. Os últimos quatro livros seriam apenas rascunhos e anotações que Gregório de Tours não queria colocar em circulação. Essa teoria é rechaçada pelos autores dos MGH, que trazem à tona o trecho do Hist. X, 31, no qual Gregório de Tours pede que seu livro não seja destruído nem modificado e afirma ter escrito dez livros de História.

Breukelaar divide sua obra em duas partes. A primeira tem o título *History of composition & Genre of the Histories*, e a segunda *Motives, Intentions and Functions; a rhetorical analysis of the Histories*.⁶² Tal divisão evidencia a abordagem de Breukelaar. Ele parte do processo de composição da obra e, em um segundo momento, se aprofunda em sua interpretação. A primeira parte tem como temas centrais a biografia de Gregório de Tours e a historiografia sobre esse tema, a ascensão dele ao episcopado de Tours. Outra discussão importante é a datação dos *Decem Libri Historiarum*. De acordo com Lewis Thorpe, eles começaram a ser escritos após a consagração de Gregório de Tours

⁶⁰ HIST VII, 1.

⁶¹Essa teoria não é defendida por Goffart, mas é exposta por ele em GOFFART, Walter. **Rome's fall and after**. The Hambledon Press. London and Ronceverte. 1989.

⁶² Uma tradução livre dos títulos: “História da composição e gênero das *Histories*” e “Motivos, intenções e funções; uma análise retórica das *Histories*.”

como Bispo de Tours em 573, sendo o prefácio do livro V a primeira parte a ser escrita.⁶³

Breukelaar afirma haver uma falta de reflexão teológica nas histórias contemporâneas a Gregório de Tours, antes de 587, diferente dos quatro primeiros livros, que tiveram uma estrutura e um plano de escrita bastante claros. Sugere que, provavelmente após 587, Gregório de Tours passou a organizar suas histórias fragmentadas, escrever introduções e preparar o trabalho para ser publicado. A obra foi concluída entre os meses de outubro de 591 e os primeiros meses de inverno de 592. Gregório de Tours data seu epílogo nos primeiros três meses de 592.⁶⁴

Breukelaar afirma que a composição dos *Decem Libri Historiarum* pode auxiliar na definição de seu gênero literário. Como ele defende que a obra de Gregório de Tours é uma compilação do trabalho de mais de duas décadas de redação em uma obra, esta não foi concebida nem escrita como uma obra única, por isso é difícil defini-la em um gênero literário único. Sendo assim, Breukelaar fez a seguinte categorização, tomando cada parte da obra separadamente, cada uma com seus motivos, propósitos sociais e funções sociais: a parte mais substancial da obra faz parte do gênero retórico *historia* e, além desse, há também gêneros dialéticos como *quaestiones* (exemplo: Hist. I 10 e Hist. II 9.) e também *altercationes* (como em Hist. V 43, Hist. VI 5 e Hist. VI 40). Há, da mesma forma, textos não literários, como relatos analíticos (exemplos: Hist III2, Hist. VIII 18, Hist. IX 24) e *computus*, como em Hist. IV 51 e Hist. X 31. Ele conclui que a relativa coerência da composição final dos *Decem Libri Historiarum* é o resultado da remodulação feita nos documentos dispersos para formar um livro.⁶⁵

Breukelaar acredita que um dos motivos para a falta de coerência interna da obra de Gregório de Tours se dá não pelo caos inerente à obra do bispo, mas pela natureza de sua composição. Para ele, os *Decem Libri Historiarum* originalmente não têm um plano, um objetivo, sendo esse outro argumento para a carência de coerência interna. A obra, como é conhecida hoje, é resultado da compilação de histórias fragmentadas feita por Gregório de Tours com o objetivo de deixá-la para a posteridade. Essa revisão realizada

⁶³TOURS, Gregório de. **The History of the Franks**. Traduzido por Lewis Thorpe. Londres: Penguin Books. 1997. Páginas 24-27.

⁶⁴Idem, p. 54-59.

⁶⁵BREUKELAAR, Adriaan H. B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul**. *The Histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1994, p. 68-72. Nessa parte de sua obra Breukelaar também cita a importância do estudo da topologia para o estudo da obra de Gregório de Tours. Ele também usa a obra de Felix Thülermann para estudar tal tema.

pelo Bispo de Tours é a responsável pela relativa coerência dos *Decem Libri Historiarum*. Breukelaar tem uma visão bastante dúbia de Gregório de Tours e de sua obra. Ele não é, como defende Heinzelmann, autor de uma obra homogênea e sólida, com objetivos claros e com um conceito de sociedade consolidado. Breukelaar o vê como um autor que escreveu uma obra fragmentada e, em determinado momento, decidiu torná-la única. Ou seja, de cronista ele se torna historiador. Essa sua visão une características do novo e do velho Gregório de Tours. Apresenta tanto elementos da historiografia de até meados do século XX que analisa Gregório de Tours como ingênuo quanto daquela que o vê como historiador da Igreja, da sociedade cristã.

Já Heinzelmann argumenta que os livros I-IV foram escritos entre 575/ 576 como uma obra homogênea. Ao comparar o prólogo inicial do livro e o prólogo do livro I, ele observa que há sobreposição entre eles e, a partir disso, conclui que tal sobreposição se deve ao fato da segunda parte do livro (livros V-X) ter sido escrita em outro momento e, então, adicionada à obra original. Ao fazer essa compilação e escrever o novo prólogo, o Bispo de Tours não teria alterado o prólogo da primeira ‘parte’ da obra. Apesar de defender que os *Decem Libri Historiarum* foram escritos em dois momentos distintos, a obra foi concluída como única. Mesmo com essa argumentação, que sugere que ela tenha sido escrita em dois momentos, autores como Heinzelmann e Wallace-Hadrill⁶⁶ advogam que a obra deve ser analisada como homogênea, pois era assim que Gregório de Tours a entendia.⁶⁷

Dalton, Latouche e Thorpe concordam com a teoria de que a obra original de Gregório de Tours foi constituída de uma versão mais sucinta, sendo depois revisada pelo próprio bispo e estendida. Ou seja, afirmam que foi escrita em dois momentos distintos e não como uma obra homogênea. No entanto, Thorpe ainda defende que, por volta de 584, Gregório de Tours passou a interpolar capítulos em sua obra; ele afirma existir sessenta e oito capítulos interpolados na obra do bispo.⁶⁸ Essa seria a quarta etapa

⁶⁶WALLACE-HADRILL, J.M. **The work of Gregory of Tours in the Light of Modern Research**. In Transcriptions of the Royal Historical Society, Fifth Series, Vol.1. 1951. Royal Historical Society, pp. 25-45.

⁶⁷HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century**. Cambridge University Press, 2001, p. 113-115.

⁶⁸Tours, Gregory of. **The History of the Franks**. Penguin Books. Traduzido por Lewis Thorpe. Londres. 1997. Pp 25-27. Os capítulos interpolados arrolados por Thorpe são: HIST. I – 28, 29, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 44, 45, 46, 47; HIST II – 14, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 26, 36, 39; Hist. IV – 5, 6, 7, 9, 11, 12, 15, 19, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 48; HIST V – 5, 6, 7, 9, 10, 12, 20, 32, 40, 42, 45, 46, 47, 48, 49; HIST VI – 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 29, 36, 37, 38, 39.

Para Thorpe, além das duas etapas de produção dos *Decem Libri Historiarum*, houve mais duas. A terceira seria diminuir a lacuna entre a morte de São Martinho em 398 e o assassinato de Sigiberto em

da composição dos *Decem Dibri Historiarum*. A justificativa dada por Thorpe para tais inclusões é de que o bispo-historiador achava ter dado pouca importância para histórias de bispos, mártires e santos em seus livros de História, resolvendo então incrementá-las.

Wallace-hadrill se aventura a esmiuçar os motivos que levaram Gregório de Tours a escrever os *Decem Dibri Historiarum*:

“Agora, tem-se argumentado que as idéias de Gregório de Tours se desenvolveram ao longo da escrita das *Historia* e que seu plano original descrito de maneira simples [de narrar a guerra entre reis e pessoas hostis, entre mártires e pagãos e da Igreja contra os hereges] foi logo esquecido e deixado de lado. Gregório era um homem sem originalidade, sendo assim, ele podia e de fato se atrapalhar. Ele dificilmente se afastava de seu objetivo de narrar as guerras de seus tempos sob a ótica católica, pois os tempos eram ruins e estavam piorando, os cristãos ainda precisavam se reafirmar constantemente. Gregório se via como um historiador católico. (...) Por que então as *Historia* foram escritas? Certamente não foi para entreter a corte austrasiana, nem para agradar e satisfazer a curiosidade dos merovíngios com seu latim. A obra foi escrita para ser atrativa, para soar bem, parecer autêntica, impressionar e, julgando pelos manuscritos que chegaram até nós, ela cumpriu esses objetivos.”⁶⁹

Nesse artigo Wallace-Hadrill esvazia qualquer pretensão que Gregório de Tours possa ter tido com a sua obra. Ele tira qualquer sentido político dos *Decem Libri Historiarum*. A contribuição e a importância de Gregório de Tours é ser uma importante fonte do século VI que sobreviveu. Para Thürlemann, o objetivo do bispo-historiador com seu trabalho era *Simplicem historiam explicare*.⁷⁰

Buchner foi um dos primeiros a defender que os livros I-IV foram escritos como uma unidade e terminados por volta de 575. No computo final da cronologia faltavam anos, e alguns acontecimentos, como a ascensão de Gregório ao episcopado de Tours, são difíceis de datar. O livro V é iniciado com um prefácio, indício esse que solidifica a argumentação de que os *Decem Libri Historiarum* foram escritos em duas fases.

575. Em outras palavras, escrever os livros II, III e IV. E a quarta etapa seria a interpolação dos capítulos acima citados.

⁶⁹WALLACE-HADRILL, J.M. **The work of Gregory of Tours in the Light of Modern Research**. In Transcriptions of the Royal Historical Society, Fifth Series, Vol.1. 1951, p. 25-45. Royal Historical Society.

⁷⁰THÜRLEMANN, Felix. **Das Historische Diskurs bei Gregor von Tours: Topoi und Wirklichkeit**. Bern: Herbert Lang. 1974, p. 42.

Tomando as revoltas urbanas como parâmetro cronológico para datar a redação do livro V, Buchner diz que esse livro deve ter sido escrito após 584.⁷¹

Argumenta-se que Gregório de Tours mudou muitas vezes de idéia durante a redação dos *Decem Libri Historiarum*, e o resultado disso é sua obra ser uma colcha de retalhos. Wallace-Hadrill discorda disso. Ele defende que todos os historiadores, depois de Agostinho, tinham a visão de História como edificante e elucidativa. Gregório de Tours não é uma exceção: ele se torna historiador porque as comunidades católicas da Gália pareciam estar em perigo. Os tempos eram muito ruins e pediam explicações. Sua própria Igreja, a Sé de Tours, precisava desses esclarecimentos. Sua defesa dos valores cristãos, e o modo como esses interferiam no cotidiano e no desenrolar dos fatos também não mudaram. Além disso, Gregório seria um homem sem originalidade.⁷²

De acordo com os autores dos MGH, não há indícios de que Gregório de Tours tenha utilizado alguma fonte escrita para redigir os textos anteriores a 573. Canções populares e histórias da tradição dos francos e seus feitos advindas da tradição oral foram adotadas como fontes incontestáveis. Um exemplo é a idéia de que os francos são oriundos de Panônia (Hist. II, 9.). Sobre a fábula que narra que os francos são descendentes dos troianos, Gregório não diz nada. Após esse período, as fontes identificadas pelo autor desse volume dos MGH foram: a Crônica de Hieronymus, a obra de Eusébio, de Orósio, e o Antigo Testamento, sua principal fonte e modelo de narrativa. Além dessas, as vidas de santos e escritos eclesiásticos também foram usados como fonte.

Os *Decem Libri Historiarum* foram compostos em duas etapas, e não escritos como uma obra homogênea. Os eventos e fatos não foram escritos de maneira cronológica nem como um diário cotidiano da História. Há diversos traços de inconsistência e antecipações que indicam uma não linearidade na escrita do trabalho. Mas os *Decem Libri Historiarum* certamente foram finalizados como uma obra completa por Gregório de Tours. Porém é difícil, senão impossível, datar a revisão final feita por ele. A obra, como a temos, é suficiente para desencorajar uma preocupação excessiva com a sua cronologia de composição.⁷³

⁷¹ THÜRLEMANN, Felix. **Das Historische Diskurs bei Gregor von Tours: Topoi und Wirklichkeit**. Bern: Herbert Lang. 1974, p. XXI-XXII.

⁷² WALLACE-HADRILL, J.M. **The Long-haired Kings**. Toronto: University of Toronto Press. 1982, p. 56-58.

⁷³ GOFFART, Walter. **Rome's fall and after**. The Hambledon Press. London and Ronceverte. 1989, p. 268-272.

3 – Título

Gregório de Tours, no livro X dos *Decem Libri Historiarum*, capítulo 31, afirma que “*escrevi dez livros de História (...)*”⁷⁴, ou seja, para ele era claro que escrevera livros de História. Em momento algum ele se refere a sua obra como História dos Francos. O título “História dos Francos” seria uma criação da época Carolíngia⁷⁵ que não faz jus à vontade de Gregório de Tours. A partir de então, esse é o título padrão da obra de Histórias de Gregório de Tours. Apenas no fim do século XIX o autor dos MGH, voltou a utilizar o título *Decem Libri Historiarum*. Os manuscritos da família D também mantêm essa nomenclatura. Essa volta ao título, proposta pelo Bispo de Tours, encontrou resistências e não foi adotada por todos os acadêmicos que estudam o período.

Tal opção salienta, a partir do século VII, que a obra de Gregório de Tours passou a ser utilizada para entender, legitimar e construir a História da França e de sua realeza. Sendo assim, Gregório passou a ser visto como escritor de uma *origo gentis* ou *Volksgeschichte*.

J. W. Löbell defende o título *Historia ecclesiastica Francorum* (*Kischengeschichte der Franken*) em detrimento do título adotado por Ruinart de História dos francos (*Geschichte der Franken*)⁷⁶ no século XVII. Ele justifica sua escolha pelo fato de Gregório de Tours ter sua trajetória ligada de forma intrínseca com a Igreja e tal fato embasar toda a obra.⁷⁷

Partindo do título que aparece no manuscrito de *Cambrai codex* da família B, datado do século VII, no qual no último livro desse manuscrito é o livro VI, lê-se *Historiae*; assim como no manuscrito de Heidelberg da família C do século IX, em que no livro I também aparece a inscrição *Historiae*. Essa designação no singular é, para Breukelaar, uma indicação de que a obra do Bispo de Tours era vista, nesse período, como homogênea.⁷⁸

⁷⁴Hist X, 31 “Decem libros Historiarum, septem Miracularum, unum de Vita Patrum scripsi;/ in Pasalterii tractatu librum condidi. Quos libros lecet stilo rusticori conscripserim, tamen coniuro omnes sacerdotes Domini, qui post me humilem ecclesiam Turonicam sunt recturi, per adventum domini nostri Iesu Christi ac terribilem reis omnibus iudicii diem (...)”.

⁷⁵De acordo com Walter Goffart, o manuscrito classificado como C2 é o mais antigo manuscrito que chegou aos nossos dias e adota o título História dos Francos. Esse manuscrito é do século X.

⁷⁶RUINART, Thierry. **Gregorii episcopi Turonensis Opera omnia necnon Fredegari Scholastici epitome et chronicum**. Cols. 2-538. Reeditado em PL 71. Paris. 1699.

⁷⁷LÖBELL, J. W. **Gregor von Tours und seine Zeit**. Second revised edition. Leipzig. 1869, p. 320-323

⁷⁸BREUKELAAR, A.H.B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul: the histories of**

Há ainda autores que, baseando-se em determinados manuscritos, intitulam a obra de Gregório de Tours como *Gesta Francorum*. Os manuscritos que apresentam esse título são três, de duas famílias distintas: o manuscrito de Namurs, do século X, que pertence à família C apresenta esse título no livro I; e dois manuscritos da família D, um do vaticano, datado do século X, e o outro de ‘São Michel’, do século XI. Fragmentos desses manuscritos também se encontram em Paris e em Leiden. Além desses manuscritos, há também citações desse título no catálogo da biblioteca de São Pedro em Chartres, que é do século XI, e no catálogo da biblioteca de Bec, do século XII. Existem ainda fragmentos que foram desmembrados da obra historiográfica e têm títulos diferentes, como sermão, vida, carta (*sermones, vitae, epistulae, sententiae*). Tais títulos demonstram a falta de exatidão em classificar a obra de Gregório de Tours desde a Idade Média. Na próxima parte deste capítulo explorar-se-á melhor o tema do gênero das obras do Bispo de Tours.⁷⁹

A existência dos reinos francos é parte constituinte da realidade da Gália. Essa é a justificativa apresentada por Buchner para a adoção do título “História dos Francos” ou ainda “História eclesiástica dos francos” (*Kirschengeschichte der Franken*) por muitos autores. Utilizando principalmente fontes orais e recursos de discursos de personagens históricos, Buchner acredita que Gregório de Tours deixa a desejar nessa empreitada. O parâmetro do autor alemão é comparar a obra do Bispo de Tours com historiadores que escreveram o que ele chama de ‘*Stammesgeschichte*’ (História de tribos), como Bede, Paulo, o Diácono, e o também bispo Isidoro de Sevilla. Em todos esses trabalhos, a composição da História da origem dos povos germânicos é destrinchada de maneira satisfatória.

4 - Gênero dos *Decem Libri Historiarum*

Breukelaar se preocupa em falar sobre a teoria de acordo com a qual a obra de Gregório pertence a ‘*origo gentis*’ ou ‘*Volksgeschichte*’ (História do povo). Segundo ele, a característica mais importante da ‘*origo gentis*’ na Alta Idade Média, indicada por classificações modernas, é o fato de o autor pertencer ao povo que ele dedica sua

Gregory of Tours interpreted in their historical context. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht. 1994, p. 73.

⁷⁹BREUKELAAR, Adriaan H. B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul.** *The Histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1994, p. 77-78.

'*Volksgeschichte*'. Ele cita exemplos: o autor de 'As crônicas de Fredegário'; o franco que escreveu o '*Liber historiae Francorum*'; o lombardo Paulo, o diácono; e o autor saxão, Widukind de Corvey. A '*origo gentis*' como historiografia é a expressão literária da identidade de um povo, que o autor faz parte. Gregório de Tours não era franco. Ele era membro da aristocracia galo-romana. Breukelaar arremata o assunto afirmando que, até onde se sabe, os francos não escreveram sua história no período tratado pelo Bispo de Tours, e o foco dele não foi a origem do povo franco.⁸⁰

De acordo com Plassmann,⁸¹ o conceito de *Origo Gentis* e *Volksgeschichte* são semelhantes e muitas vezes são usados como sinônimos, porém é necessário observar a diferença entre esses dois conceitos. A *Volksgeschichte* não necessariamente trata da origem, genealogia de um povo, ela apenas organiza informações, fatos e Histórias acerca desse povo. Além disso, ela afirma que a principal fonte da *Origo Gentis* é a fonte oral.

Outro ponto que diferencia a obra de Gregório de Tours da *Volksgeschichte* é a importância e função estrutural dos elementos religiosos e eclesiásticos de sua obra. O foco, como já dito nesse texto, não são os francos, mas os cristãos, os personagens da sociedade de Gregório de Tours e como ela funciona na lógica da sociedade católica que tem Deus como onipresente e onipotente. O mundo secular, os santos e a interferência divina dividem o cotidiano das páginas de seus livros. É essa interação que impõe ritmo e liga a sua narrativa.

Exemplos citados por estudiosos de Gregório como autores de *origo gentis* são: Isidoro de Sevilla com sua obra *Historia Gothorum* ou *De origine Gothorum*; Jordanes com *De origine actibusque Getarum*; e Paulo, o diácono, com *Historia Langoborum*. Há uma discussão bastante extensa que demonstra diferenças entre as obras agora citadas e os *Decem Libri Historiarum*; esse tema será explorado adiante. Mesmo que o objetivo de Gregório de Tours não tenha sido escrever uma História dos francos, foi dessa forma que o público do século VII leu sua obra.

Krusch, em 1933, ainda utilizava o termo *Frankengeschichte* (História dos francos) mesmo utilizando o título *Decem Libri Historiarum*. Sua opção por adotar o

⁸⁰BREUKELAAR, Adriaan H. B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul.** *The Histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1994. P. 82.

⁸¹PLASSMANN, Alheydis. *Origo Gentis. Identitäts- und Legitimitätsstiftung in früh- und hochmittelalterlichen Herkunftserzählungen.* Berlin. Akademie Verlag. 2006.

título sugerido por Gregório de Tours estava ligado a seu purismo e rigor acadêmicos, e não a uma mudança em sua análise e perspectiva da importância e objetivos da obra do Bispo galo-romano.

Origo gentis é, de acordo com A. Plassmann, a obra que narra tradições e histórias sobre a origem de uma *gens*. Tal característica é bastante disseminada, de acordo com o autor, em grande parte das obras historiográficas medievais. São características desse gênero árvores genealógicas, Histórias de cidades ou povoados e Histórias de episcopados. Mesmo nos períodos em que narrativas históricas se tornaram escassas, as sagas aparecem como exemplos desse gênero. Para Plassmann a *gens* é um povo ou tribo que, organizada sob uma ordem específica, se entende e é vista como uma unidade (seja ela no modo de se vestir, na religião, idioma, organização política). Tal unidade é autoconsciente. Para se traçar a descendência de determinada tradição, basta que um grupo ou uma sociedade se entenda como pertencente a uma determinada linhagem. Sendo assim, qualquer sociedade surge a partir de uma *gens*.⁸²

O principal objetivo da *Origo gentis* é construir identidades e legitimar uma sociedade e sua classe dominante. Partindo desse conceito, é possível constatar que a obra de Gregório de Tours não faz parte desse gênero. Ele trata da História de episcopados, arrola a genealogia franca e seu desenvolvimento, mas não o faz para construir e solidificar a História franca e de seu povo. Sendo assim, Gregório não relata e reconstrói a *Origo* dos francos, mas sim a sua presença e consolidação na província romana da Gália. Ele não tem como finalidade fundamentar a identidade dos francos, tem essa unidade e identidade como ponto de partida e utiliza fontes para basear tal suposição. O motivo pelo qual Gregório de Tours não constrói a identidade franca é porque, para ele, ela já existe e é uma continuidade das estruturas e das identidades romanas. A base utilizada por Gregório de Tours, identificada por Plassmann, é a linha sucessória do episcopado e dos santos, ela remonta a tradição romana e seus primeiros bispos.⁸³

Plassmann, professora da Universidade de Bonn, defende que Gregório de Tours escreveu uma História dos francos, mas não uma *Origo Gentis*, mesmo que esse não tenha sido seu objetivo. Os *Decem Libri Historiarum* de Gregório de Tours, e a obra de Fredegário, os *Liber Historiae Francorum*, remontam a tradição dos francos e sua

⁸²PLASSMANN, alheydis. *Origo Gentis. Identitäts- und Legitimitätsstiftung in früh- und hochmittelalterlichen Herkunftserzählungen*. Berlin. Akademie Verlag. 2006, p. 13-15.

⁸³Idem, p. 144-45.

História desde a sua origem e são assim entendidas pela Historiografia sobre o período. A pesquisadora e professora da Universidade alemã identifica a seguinte dubiedade que perpassou os estudos sobre Gregório de Tours ao longo dos séculos: ele é um historiador dos francos, que dá continuidade aos valores e parte da cultura romana, ou simplesmente um historiador de um povo bárbaro? Um trecho que ela utiliza para embasar esse interesse de Gregório na origem dos francos é o capítulo 9 do livro II dos *Decem Libri Historiarum*, cujo tema é a origem da realeza franca. Nesse capítulo Gregório de Tours utiliza como fonte *Sulpicius Alexander* e *Renatus Profuturus Frigiredus*.

Joachim Moerchel, em 1979, em sua obra sobre a historiografia na Alta Idade Média, caracteriza os *Decem Libri Historiarum* como *Volksgeschichte*. Esse é, para ele, um ponto de partida. Gregório de Tours escreveu uma História dos francos sob a perspectiva da Igreja e seria o substituto de Bede na escrita da História nacional.⁸⁴

Há ainda autores que caracterizam a obra de Gregório e Tours como *gesta*.⁸⁵ *Gesta* é uma narrativa historiográfica típica da Idade Média. Na alta Idade Média ela relatava os feitos sucessivos de funcionários que exerciam a mesma função, mesmo que não apresentasse uma biografia completa de cada um desses personagens. De acordo com Grundmann, no período que a obra *Decem Libri Historiarum* circulou sob o título de *Gesta Francorum*, o trabalho de Gregório de Tours era visto como *Reichsgeschichte*, ou seja, História do Império. A conotação da palavra ‘francos’ não era a de membro do povo franco, mas sim de membro da elite no poder na região.

Walter Goffart diz que Gregório de Tours escreveu uma sátira. Ele define sátira como um gênero literário que esboça uma imagem distorcida de parte do mundo, com objetivo de mostrar a sua verdadeira moral em oposição a sua natureza e realidade.⁸⁶ No prefácio de sua edição de 2005, Goffart afirma que, caso reescrevesse esse capítulo, retiraria tal referência que foi alvo de críticas severas.⁸⁷

Sobre o gênero dos *Decem libri Historiarum*, Breukelaar também critica o anacronismo de Guenée,⁸⁸ que divide os gêneros da historiografia medieval em apenas dois gêneros: *historia* e *chronica*. De acordo com Breukelaar, isso não é possível porque

⁸⁴ MOERCHEL, Joachim. **Historiographie im Frühmittelalter**. Frankfurt/ Main: R. G. Fischer. 1979.

⁸⁵ GRUNDMANN, Herbert. **Handbuch der Deutschen Geschichte**. Stuttgart. 1979.

⁸⁶ GOFFART, Walter. **The Narrators of Barbarian History. (A.D. 550-800)**. Jordanes, Gregory of Tours, Bade and Paul the Deacon. Indiana: University of Notre Dame Press. 2005, p. 199-203.

⁸⁷ Idem, p. XXII.

⁸⁸ GUENÉE, Bernard. **Histoires, annals, chroniques; Essai sur les genres historique au moyen âge**. Annales ESC 28. 1973, p. 997-1016.

na Idade Média a historiografia era um gênero literário e a única teoria que um autor desse gênero precisava era a teoria literária. Breukelaar diferencia *historia* e *chronica* da seguinte maneira: ambos trabalham com o mesmo material, mas aquele que escreve uma *chronica* não escreve literariamente e cita brevemente os eventos. Já aqueles que escrevem *historia* devem utilizar ferramentas literárias. Para Breukelaar, a função pública da *historia* é fixar eventos na memória coletiva. A *historia* é um anúncio público. Ela indica, mostra e apresenta nomes e números. Seu objetivo era registrar os acontecimentos contemporâneos para sobreviverem para a posterioridade, esse gênero busca a verdade.⁸⁹ Sendo assim, Breukelaar defende que Gregório de Tours escreve *historia*.

Para o Bispo de Tours, a vida dos santos, as hagiografias, são pontos de partida para a escrita da *historia*. A concepção de *historia* de Gregório de Tours não coincide com a visão agnóstica dos iluministas que normatizaram os fatos históricos. Sendo assim, esses historiadores tacharam a obra do Bispo de Tours como não exata e com problemas de coerência e ingenuidade inerente. Para Breukelaar, tal interpretação se deu pela imposição da recém criada disciplina histórica, que defendia que os acontecimentos históricos têm de ser explicados racionalmente e com relação de causalidade.

Gregório de Tours se coloca como um narrador onipresente. Ele é o detentor da verdade e tem acesso a todos os fatos e acontecimentos, inclusive os protagonizados por santos e por Deus. Essa maneira como Gregório se coloca acima da verdade vai de encontro com os métodos iluministas de se fazer História.

Felix Thürlemann, professor de História da Arte da Universidade de Konstanz, defende que Gregório de Tours escreveu uma obra de História. Mas é importante definir o que é História para esse historiador alemão, pois sua obra foi alvo de muitas críticas e é citada amplamente pelos estudiosos do Bispo-historiador.

O uso cotidiano da palavra ‘História’ aparece em dois sentidos: para acontecimento (*res gestae*) e para o corpo linguístico [*Sprachkörper*] (*historia rerum gestarum*). Esse duplo uso denuncia um comportamento em relação ao idioma, à língua, que ainda não foi problematizado. Fica a idéia básica da aptidão, da constatação fiel de como eram as coisas. Mas é esse um dos grandes motivos para o Latim de Gregório de

⁸⁹BREUKELAAR, Adriaan H. B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul. The Histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1994, p. 86-101.

Tours sempre ter um peso fundamental na análise de sua obra e de seu discurso histórico.⁹⁰

Ao discutir o conceito de *historia* para Gregório de Tours e analisar a relação entre hagiografia e *historia*, Breukelaar cita Thürlemann. Ele defende que a narrativa histórica demanda uma argumentação mais sólida do que a narrativa hagiográfica para ter credibilidade. Nas hagiografias são sempre chamadas testemunhas orais, relatores. Eles têm mais credibilidade do que fontes escritas. Já a historiografia baseia-se, sobretudo, nos relatos escritos. Thülermann, ao analisar o epílogo do livro X 31 dos *Decem Libri Historiarum*, vê uma distinção, que parte do próprio Bispo-historiador, entre historiografia e hagiografia. Ele pauta essa conclusão na enumeração e divisão feita por Gregório de Tours de suas obras, assim como no prefácio do livro II, no qual o Bispo faz uma distinção entre hagiografia e História secular.⁹¹

Breukelaar discorda de Thürlemann quando ele defende que o Bispo de Tours já diferenciava os gêneros historiografia e hagiografia, *Profangeschichte* e *Sakralgeschichte*. Ele diz que, para Gregório, todos os dezoito livros, dez de história e oito de milagres, são *historia*. Essa diferenciação é feita por teorias modernas, sendo assim, um anacronismo interpretar a obra de Gregório de Tours tendo em vista tal distinção. Apoiar essa distinção é diferenciar a motivação e os objetivos das obras, que em minha opinião, Breukelaar acredita serem os mesmos.

Breukelaar defende que para Gregório de Tours o conceito de História era como um espaço no qual Deus matinha contato com os homens. Sendo assim, Ele era seu começo e seu fim. Era uma narrativa teológica que indicava os preceitos da religião como a trindade e a sucessão apostólica. Outro ponto de partida metodológico de Breukelaar é analisar os *Decem Libri Historiarum* como uma obra de retórica literária, como já foi exposto anteriormente. Traçando os passos de Breukelaar em esmiuçar a obra de Gregório de Tours, observa-se que ele começa comparando as narrativas do bispo com suas fontes. O segundo método empregado é mais estrutural, ele busca quantificar os dados que aparecem na obra. Ele cita as suas categorias centrais de análise: tempo, local, pessoas, fatos e causas.⁹²

⁹⁰THÜRLEMANN, Felix. **Das Historische Diskurs bei Gregor von Tours: Topoi und Wirklichkeit**. Bern: Herbert Lang. 1974, p. 8-11.

⁹¹THÜRLEMANN, Felix. **Das Historische Diskurs bei Gregor von Tours: Topoi und Wirklichkeit**. Bern: Herbert Lang. 1974, p. 106-113.

⁹²Sobre a metodologia de Breukelaar: BREUKELAAR, AHB. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul: the histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context**. Göttingen. Vandenhoeck und Ruprecht. 1994, p. 135-141.

Ao estudar o tempo, o autor leva em consideração como ele é abordado em diferentes momentos da obra do Bispo de Tours. Normalmente a determinação de tempo é vaga e imprecisa, ainda mais se o parâmetro metodológico adotado for a exatidão requerida pela História moderna. O segundo passo é entender a causa dessa maneira de abordar o tempo por Gregório de Tours. Ele afirma que a determinação do tempo não tem a mesma relevância metodológica e cronológica para Gregório de Tours, que aquela aferida e exigida pelos historiadores modernos. Ele vê na obra analisada uma diferença entre tempo profano e tempo sagrado. Coloca em sua contagem de tempo tanto a datação de eventos bíblicos como a criação do mundo, a passagem pelo mar vermelho com a morte de São Martinho e os reinados de seus contemporâneos.

Além desse argumento, há outros que embasam a falta de rigor cronológico de Gregório de Tours, como seu objetivo com a descrição dos acontecimentos. O exemplo da conversão de Clóvis é um deles: datá-la aproximadamente dez anos antes possibilita ligá-la à vitória de seu exército sobre os Alamanos. Gregório de Tours explicitamente sugere que a conquista de uma das maiores vitórias militares de Clóvis foi consequência de sua conversão ao catolicismo.⁹³ A intervenção divina e Sua participação no cotidiano é recorrente em sua obra.

Os fenômenos naturais e celestiais (como estações do ano, páscoa etc.) têm suas determinações de tempo exatas. Breukelaar afirma que isso acontece porque elas eram tidas como prodígios e sinais de Deus. Além disso, grande parte dos *Decem Libri Historiarum* é dedicada ao tempo de Gregório de Tours (livros V ao X). São feitos constantes paralelos entre o seu tempo presente, o tempo bíblico e o passado que ele descreve nos livros anteriores. Tal maneira de abordar o tempo e suas relações é uma das características da maneira cíclica como o Bispo de Tours vê a História. Essa tem um

⁹³HIST II, 30-31. "(...) Estourou, então, a Guerra contra os Alamanos e nesse conflito ele foi obrigado a aceitar o que estava negando. Quando os exércitos se enfrentaram no campo de batalha houve um grande massacre e as tropas de Clóvis rapidamente foram aniquiladas. Ao ver isso ele olhou para o céu com remorso e se comoveu. 'Jesus Cristo', ele disse, 'o senhor que Clotilde diz ser o filho de Deus, o senhor que concede ajuda àqueles que trabalham arduamente e são fiéis a Você, eu imploro a glória de sua ajuda. Se o Senhor me conceder a vitória sobre meus inimigos e se eu tiver evidências de seu poder miraculoso que aqueles que se dedicam ao Senhor já conhecem, então eu acreditarei no Senhor e serei batizado em Seu nome. Eu já evoquei meus deuses, mas, vejo somente agora com clareza, eles não tem intenção alguma de me ajudar. Eu, portanto, não acredito que eles tenham algum poder, pois eles não vêm socorrer aqueles que tem fé em seu poder. Agora eu recorro ao Senhor. Eu quero acreditar no Senhor, mas antes eu quero ser salvo dos meus inimigos'. Assim que ele disse essas palavras, os alamanos viraram-se e se foram. Assim que eles souberam que seu rei foi morto por Clóvis eles se submeteram a ele. 'Nós lhe pedimos', eles disseram, 'termine com esse massacre. Nós estamos prontos para obedecê-lo'. Clóvis acabou com a guerra e fez um discurso de paz. Então foi para casa e contou a Clotilde como ele tinha vencido a batalha evocando o nome de Cristo. (...)".

começo, a criação; e um fim, o juízo final. Esses marcos delimitam as narrativas do Bispo de Tours.⁹⁴

Em meio a reis, rainhas e alta nobreza, outros personagens participam da obra de Gregório de Tours. Exércitos estão em constante movimento e pessoas comuns eventualmente são citadas. Inundações, pragas, epidemias e fome são problemas constantes no mundo narrado por Gregório de Tours; tais calamidades não poupam a ninguém e normalmente são castigos divinos por ações do homem. A faida é corrente entre os cidadãos.⁹⁵ Os pobres aparecem pouco e quando são citados isso ocorre por sua preocupação com os impostos crescentes (HIST. IX 30; X, 7) ou para corroborar queixas encabeçadas pelo Bispo de Tours.

Thorpe evoca uma citação de Gregório de Tours, na qual ele afirma em seu prefácio ‘*não haver nenhum homem capaz de escrever sobre os acontecimentos de hoje (...)*’ (HIST. Pref.). Tal citação é incoerente com a imagem anteriormente construída do Bispo de Tours como um homem modesto. De acordo com o autor em questão, Gregório já se considerava o único porta-voz de seu tempo, de sua época. Para Thorpe, no século VI, um historiador era um cronista e um cronista era um historiador. Essa falta de categorização também simplifica uma discussão que outros autores aprofundam. Para não deixar a impressão de que Thorpe banaliza totalmente tal discussão teórica, ele afirma que a obra *Decem Libri historiarum* é mais do que uma crônica, por apresentar forte senso de narrativa.⁹⁶

O motivo da negação do título “História dos francos” e tudo que esse título traz consigo é bastante antagônico com a argumentação de Buchner, que acredita que Gregório de Tours não tenha conseguido escrever uma História dos francos, enquanto a historiografia de a partir da metade do século XX acredita que esse nunca tenha sido seu objetivo.⁹⁷ A diferença e a falha, assim declaradas pelo autor dos MGH, da obra de Gregório de Tours é que ele não se centrou nas personalidades, mas sim nos reinos como instituições políticas ou como unidades geográficas. Ele afirma que os francos ficaram em segundo plano na obra do Bispo de Tours, que só se dedica com mais

⁹⁴BREUKELAAR, Adriaan H. B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul.** *The Histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1994, p. 135-184.

⁹⁵Thorpe também usa como exemplo capital para tal afirmação o caso entre Chreminesindo e Sicário. (HIST IX, 19).

⁹⁶TOURS, Gregório de. **The History of the Franks.** Trad. Lewis Thorpe, Londres. Penguin Books. 1997, p. 24.

⁹⁷TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XVII.

profundidade a eles a partir do livro II, pois é desde então que passam a fazer parte da Gália.

5 – Traduções

Os MGH (*Monumenta Germaniae Historica*) constituem um dos principais projetos de transcrição e estudo das fontes medievais. Os MGH não são somente referência, mas também um centro de excelência no estudo medieval. O recorte e as escolhas feitas por seus historiadores são fundamentais para entender e analisar o estudo do período merovíngio na historiografia. Wilhelm Arndt, Rudolf Buchner, Bruno Krusch e Wilhem Levison foram os responsáveis pelas quatro edições das obras de Gregório de Tours nos MGH. A segunda edição dos *Decem Libri Historiarum* de Krusch e Levison foi publicada em 1937 e 1951. Nenhum dos autores estava vivo quando a publicação completa foi lançada. Krusch morreu em 1940; Levison, em 1947. A edição dirigida por Buchner teve como base as edições anteriores dos MGH, apesar de ele ter críticas à ortografia da versão de Krusch por constatar a dificuldade de ser fidedigno ao latim de Gregório de Tours e por Krusch defender que compilando diferentes manuscritos é possível se aproximar bastante da versão redigida pelo bispo do século VI.

Os MGH utilizaram preferencialmente os manuscritos da família D. Um dos grandes esforços das edições dos MGH é manter o latim ‘merovíngio’ de Gregório de Tours com suas especificidades e ‘erros’ linguísticos. Para tanto, os autores compararam manuscritos das diversas famílias, sobretudo os manuscritos da família B.

A visão clara de Buchner é de que a obra do Bispo de Tours é parte da História da Alemanha. Essa visão é bastante discutida atualmente, mas não há dúvidas de que a obra de Gregório de Tours é fundamental para a construção da História do ocidente tal como a conhecemos hoje.

Lewis Thorpe foi professor de francês na Universidade de Nottingham entre 1958 e 1977. Ele começou a trabalhar na Universidade em 1946, após ter atuado no exército. Foi presidente da *British Branch of the International Arthurian Society*, além

de ter sido editor da revista da Sociedade, intitulada *Bulletin Bibliographique*, das publicações *Nottingham Medieval Studies* e *Nottingham French Studies*.

A sua tradução dos *Decem Libri Historiarum*, a qual ele intitulou de “*The History of the Franks*” é a tradução para o inglês da versão do texto em latim de Henri Omont e Gaston Collon, versão essa baseada nos manuscritos B 2 para os livros VIII-X e B 5 para os livros I-IV. Além dessa versão, L. Thorpe consultou edições anteriores, principalmente as produzidas pela *Société de l’Histoire de France*, em 1836, por J.P. Migne⁹⁸ e a edição das MGH de W. Arndt e B. Krusch.⁹⁹ Consultou também as traduções de M. Dalton e Robert Latouche.¹⁰⁰

Ernst Brehaut (1873-1953)¹⁰¹ publicou, em 1916, a sua tradução para o inglês de trechos da obra de Gregório de Tours. Ele traduziu trechos dos *Decem Libri Historiarum*. Muitos capítulos não foram traduzidos na íntegra e há apenas resumos dos mesmos. O mesmo ocorre com os trechos selecionados dos Oito Livros de Milagre. Sua tradução, assim como as outras aqui citadas, é precedida por uma introdução. A introdução de Brehaut é bastante sucinta, superficial e recheada de juízos de valor. Para ele, Gregório de Tours é ingênuo e vive em um mundo Bárbaro. Ele não indica em sua introdução que manuscrito ou tradução ele utilizou como base para a sua edição da obra de Gregório de Tours. Em sua bibliografia encontram-se as edições de Arndt e Poupardin.

Robert Latouche lançou, em 1963, sua tradução para o francês da obra de Gregório de Tours. Além das traduções aqui citadas, encontrei citações de traduções às quais não tive acesso. Elas são:

- ARNDT, Wilhelm e KRUSCH, Bruno. **Gregory of Tours, Opera**. MGH. SSrM. Hannover 1885. Os *Decem Libri Historiarum* foram editados apenas por Arndt.

⁹⁸OMONT, Henri; COLLON, Gaston. **Grégoire de Tours. Histoire des Francs. Texte des manuscrites de Corbie et de Bruxelles**. Paris. Collections des Tectes pour server à l’étude et à l’enseignement de l’hitoire, volumes 2 e 13. 1886-93.

⁹⁹ARNDT, Wilhelm e KRUSCH, Bruno. **Gregory of Tours, Opera**. MGH. SSrM. Hannover 1885.

¹⁰⁰DALTON, O. M. **The History of the Franks by Gregory of Tours**. Oxford. 2 volumes. 1927.

LATOUCHE, Robert. **Grégoire de Tours. Histoire des Francs, traduit de latin**. Paris. Classiques de l’Histoire de France au Moyen Age. Volumes 27 e 28. 1963-65.

¹⁰¹TOURS, Gregory. **History of the Franks selectionstradução com notas de Ernest Brehaut**. New York. Norton, 1969.

- BORDIER, Henri. **Histoire ecclésiastique des Francs par Saint Grégoire, évêque de Tours, suivie d'un sommaire de ses autres ouvrages et précédée de sa vie écrite au Xe. Siècle par Odon, abbé de Cluni**, 2 vols. Paris. 1859-62. Essa tradução foi bastante influenciada e baseada na tradução de Giesebrecht.
- DALTON, O. M. **The History of the Franks. By Gregory of Tours. 2. Volume.** Oxford. 1927.
- GIESENBRECHT, Wilhelm. **Gregor von Tours, Zehn Bücher fränkischer Geschichte, Die Geschichtsschreiber der deutschen Vorzeit**, 2 vols. Leipzig. 1851.
- GUIZOT, M. **Histoire des Francs de Grégoire de Tours et de Frédégaire** que foi reformulada em 1863 por A. Jacobs.
- KRUSCH, Bruno. e LEVISON, Wilhelm. **Gregory of Tours, Historiae.** MGH. SSrM. Hannover. 1937. (Segunda edição – 1951)
- OLDONI, Massimo. **Gregorio di Tours, La Storia dei Franchi.** 2 volumes. 1981.
- OMONT, Henri e COLLON, Gustave. **Grégoire de Tours, Histoire de Francs. Collection de textes pour servir à l'étude et à l'enseignement de l'histoire.** Fasc.2, 16. Paris. 1886-93.
- POUPARDIN, René. **Grégoire de Tours, Histoire des Francs.** Collection de textes pour servir à l'étude et à l'enseignement de l'histoire. Fasc. 47. Paris. 1913.
 - ROY, J.J.E. **Chronique de Grégoire de Tours, comprenant l'histoire des rois francs.** Bibliothèque des écoles chrétiennes. Tours. 1838. Foi reeditada quatro vezes até 1852.

III. Gregório de Tours na Historiografia.

O século XIX foi marcado pela consolidação dos Estados nacionais que desenham a geopolítica até os dias de hoje. Foi ao longo do século XIX que a Itália e a Alemanha foram forjadas como nações. A América Latina estava em ebulição: as ex-colônias européias estavam se consolidando como Estados nacionais e criando também suas identidades nacionais. O neocolonialismo intensificou a tensão entre as grandes nações européias. A corrida por territórios na África fez com que a defesa da soberania e da identidade nacional na Europa voltasse à agenda política e ao universo acadêmico.

Foi no século XIX que a História surgiu como disciplina de conhecimento. Tal iniciativa deram a esse campo de conhecimento uma legitimidade inédita. Os métodos ganharam forma e foram aperfeiçoados. Um exemplo dessa efervescência da disciplina foi a criação de estudos sistemáticos, compilação, transcrição e tradução de fontes históricas, como por exemplo, os *Monumenta Germanea Historica* (MGH a partir desse ponto do capítulo) foram produzidos a partir de 1819.

O ofício do historiador mudou consideravelmente entre os séculos XIX e XX. Por mais que algumas temáticas sejam semelhantes, a perspectiva é totalmente diferente. Focando no debate em Gregório de Tours, analisar como autores desse período o estudaram é fundamental para entender o porquê de ele ser tema e referência ao longo da História.

Nesse capítulo pretende-se apresentar e analisar como os principais estudiosos de Gregório de Tours o abordaram. Tais autores foram divididos pelo recorte de sua abordagem da obra do Bispo de Tours: historiador dos francos ou historiador da igreja. Dentro dessa divisão, os autores são estudados em ordem cronológica, tendo como base a obra analisada. Houve uma sensível mudança de perspectiva entre os séculos XIX e XX. O autor merovíngio continuou a ser tema de estudos da alta idade média. Por quê? Essa é a pergunta central deste capítulo. Os autores são apresentados e comentados em cada uma das partes deste estudo pela ordem cronológica de suas obras.

I - Historiador dos francos:

Nesta parte do terceiro capítulo pretende-se apresentar os autores que abordaram o Bispo de Tours como historiador do povo franco, narrador dos primórdios das nações europeias. Tal abordagem se dá de maneiras bastante distintas, como se notará nas páginas a seguir. Há autores que defendem que Gregório de Tours escreveu a História dos francos de maneira consciente e de maneira teleológica, e há aqueles que acreditam que, independente de sua intenção com a obra, o resultado foi tal História.

O alemão Johann Wilhelm Löbell (1786-1863) nasceu em Berlin e estudou nas Universidades de Berlin e de Heidelberg. Ele foi professor de História na Academia Militar e, a partir de 1829, tornou-se Professor de História na Universidade de Bonn. A sua obra tem como tema central o surgimento e desenvolvimento do comportamento romano-germânico.¹⁰² Ele foi um dos historiadores que fundaram a disciplina de História na Alemanha no século XIX. Na apresentação da segunda edição, escrita por Heinrich von Snbel, a obra de Löbell é caracterizada como uma obra muito aclamada e pioneira. Após passados mais de vinte anos de seu lançamento, é possível fazer uma análise do impacto da obra de Löbell em sua época. Na segunda edição da obra, Heinrich von Snbel, afirma que *Gregor von Tours und seine Zeit* segue atraindo interesse de muitos estudiosos, principalmente porque, depois de seu lançamento, muitos acadêmicos, tanto alemães quanto franceses, seguiram seus passos ao estudarem a consolidação do Estado franco. Estudavam-se as guerras da antiguidade, mas não sua política externa, discutia-se o direito da constituição, mas não a forma de estado dos merovíngios. O autor alemão levanta esses temas a partir da obra de Gregório de Tours e essa é a sua importância capital nos estudos sobre o bispo. Nota-se que seu estudo influenciou significativamente a historiografia sobre a alta idade média, pois ele é amplamente citado pela historiografia posterior a ele.

Para Löbell, assim como para os outros autores estudados nesse capítulo, Gregório de Tours é o principal representante da historiografia do século VI. Löbell defende que a situação política do poder dos reinos merovíngios se desenvolveu, mais tarde, nos Estados da França e da Alemanha, cujos processos de unificação estavam em curso quando Löbell escreveu sua obra. Seu conceito de como escrever História nos dá indícios de sua abordagem da obra de Gregório de Tours. A História, diz ele, é como a

¹⁰²LÖBELL, J. W. **Gregor von Tours und seine Zeit**. Second revised edition. Leipzig. 1869.

natureza; a formação e o nascimento de seus feitos encobrem-se de uma obscuridade misteriosa. É papel do estudioso desses processos preencher as lacunas deixadas pelas fontes fragmentadas e tecer hipóteses. E é isso que ele faz ao estender a história dos reis merovíngios e seus súditos como os primórdios da História de seus contemporâneos. A primeira edição de sua obra *‘Gregor von Tours und seine Zeit’* é de 1839; a segunda edição é lançada em 1869. Seu trabalho é um dos mais importantes escritos sobre o Bispo de Tours da tradição germânica do século XIX.

Através da obra de Gregório de Tours, de acordo com o alemão, identificam-se facilmente as especificidades dos reis merovíngios. Eles tinham uma força arrasadora, sua astúcia e cupidez, após a glória, eram incontroláveis. Sua flexibilidade, com a qual ele mudava o rumo de seu reinado, através da já citada violência, tinha como objetivo consolidar cada vez mais seu domínio. A sociedade é descrita como bárbara e profundamente violenta. Os valores de sua elite estavam tomados pela devassidão e interesses pessoais. Exemplos de reis que trocavam de esposas, que viviam em regime de concubinato ou tinham uma larga prole oriunda dessas relações dão a impressão de que tais comportamentos eram a regra na realeza merovíngia.¹⁰³ A violência das vinganças de sangue, as faidas e as guerras atrozes, tanto internas quanto externas, faziam parte do cotidiano dos contemporâneos de Gregório de Tours e complementam a descrição de barbárie do autor oriundo de Berlin.

Expondo a interação entre romanos e germânicos [*Romanen und Germanen*], Löbell, ao se dirigir aos germânicos, adota naturalmente a denominação ‘alemães’ [*deutsche*]¹⁰⁴ e descreve a diferença entre eles: diferentes nacionalidades [*Nationalität*].¹⁰⁵ Além disso, ele afirma que os personagens com nomes romanos nos *Decem Libri Historiarum* não têm atos destemperados e selvagens nem se deixam levar por rompantes de raiva. Ele segue tal descrição com adjetivos como destemperados, pulhas e indomesticados para qualificar os ‘alemães’. Já os romanos eram mais civilizados, moderados e temerosos. Tal caracterização feita por Gregório transparece a diferenciação entre os bárbaros germânicos e os romanos, que não se deixam levar pelas dificuldades de seu tempo e não renegam a sua nação. Mas, como mostra o trecho abaixo, essa diferença se dissipa na convivência desses povos.

¹⁰³Exemplos por ele citados são Chilperico, Teodeberto, Clotário.

¹⁰⁴Löbell adota a denominação ‘alemão’ [Deutsch] como sinônimo de germânico. Isso fica claro, por exemplo, na página 119 quando ele diz *“Para falar em primeiro lugar dos ‘alemães’ não francos (...)”* [*“Um zuerst von den nichtfränkischen deutschen zu sprechen, (...)”*]

¹⁰⁵LÖBELL, J. W. **Gregor von Tours und seine Zeit**. Second revised edition. Leipzig. 1869, p. 58.

“Nós devemos, então, concluir que essas duas nações, que na Gália uma ao lado da outra moravam e viviam, não nos costumes, mas sim na constituição de seu temperamento e práticas não estavam distantes uma da outra.”¹⁰⁶

Essa diferenciação constante entre romanos e germânicos e a não extinção da nação romana sob o domínio dos bárbaros dá a tônica da interpretação de Löbell. Porém, ele conclui que uma interação foi inevitável. Romanos e germânicos aprenderam uns com os outros. Com essa convivência inevitável, os ‘alemães’ se desenvolveram. A Gália romanizada deu origem a uma nova linhagem. Essa História social do desenvolvimento do povo alemão coloca a obra de Löbell como ponto fundamental para essa dissertação. Ele explora de maneira cuidadosa a influência dos francos da Gália merovíngia nesse processo.

Outro ponto que ele desenvolve para basear a construção da Alemanha e de outros Estados europeus é apresentar a geopolítica do século VI com as influências e desenvolvimento dos diversos povos bárbaros que dominaram a Gália e a Península Ibérica. Löbell afirma que essas diferenças vivenciadas durante a Idade Média e, em parte por conta das novas relações construídas, definiram as divisões culturais e geográficas da Europa como ele a conhecia no século XIX. A parte leste dos territórios pertenciam politicamente não à França [*Frankreich*], mas à Alemanha [*Deutschland*], no norte, enquanto no sul formavam-se os reinos Burgúndios. Ele se refere à Gália de Gregório de Tours como a Gália belga-alemã.¹⁰⁷

Ao fazer um paralelo entre os germânicos de Gregório de Tours e de Tácito, Löbell coloca a seguinte questão: Por que os germânicos se degeneraram dessa maneira? A resposta é que Tácito descreve os germânicos de maneira idealizada para fazer um contraponto aos romanos: eles eram a imagem da pureza e da harmonia em sociedade. Eles não eram selvagens, mas sim povos bárbaros. Já os ‘alemães’ do tempo de Gregório de Tours são os que conquistaram a Gália. Nesse processo de conquista e acomodação, surgiu o amor à pátria. Os romanos, com grande prestígio social e sólida experiência em consolidar um estado, foram de fundamental importância para o desenvolvimento do Estado. É dessa interação entre romanos e germânicos que se consolidou o povo da Gália. Nesse processo, a língua foi uma alavanca fundamental.

De acordo com Löbell, a partir do século V, os romanos passaram a aprender a língua dos bárbaros, que ele já denomina de alemão [*Deutsch*], para poderem participar

¹⁰⁶LÖBELL, J. W. **Gregor von Tours und seine Zeit**. Second revised edition. Leipzig. 1869, p 58-59.

¹⁰⁷Idem, p. 58. e p. 71-83.

da vida social e econômica. Os ‘alemães’, por sua vez, mesmo com grande orgulho de suas raízes [*Stammesstolz*], tornavam-se cada vez mais romanizados. O peso dessa romanização não era apenas notado na vida pública, mas também na vida privada, tanto da realeza, quanto de sua nobreza, apesar do modo de vida bárbaro ainda serem predominar.¹⁰⁸ Sobre o largo desenvolvimento político dos merovíngios, a formação e estabilização do Estado passaram ao largo da vida privada dos germânicos, que não foi diretamente por ela influenciada. Dessa interação surgiu uma nova nobreza que coexistiu com a permanência da nobreza dos antigos germânicos.

Outra característica fundamental dessa interação entre romanos e germânicos é a religião. Quando os francos começaram a consolidar seu Estado, tal interação fez com que os francos mudassem drasticamente sua religião, convertendo-se ao catolicismo. As conseqüências dessa conversão extrapolaram a religiosidade, estabelecendo também uma hierarquia da Igreja Católica que entrou em conflitos constantes com os reis francos.

O poder do rei, como ficou conhecido a partir da sedentarização na Gália, foi imposto com grande violência à nobreza dos antigos germânicos, indo de encontro com a liberdade de cada família. Os reis dos antigos germânicos eram eleitos entre os nobres, a nobreza ‘nacional’ era de sangue e tinha origem fora do cenário político. Seu surgimento tem bases místicas que remontam tempos imemoriáveis. Esse processo, classificado por Löbell como democrático, mantinha a estabilidade interna das tribos bárbaras. Consolidou-se, nesse processo, uma sociedade baseada na guerra que desenvolveu, além da violência externa, uma crescente violência interna.¹⁰⁹

A conjuntura Galo-franca nesse período de transição, de acordo com Löbell, é de grande importância para o desenvolvimento histórico da Europa porque permitiu o pontapé inicial do período transitório na Itália e Espanha.¹¹⁰ Löbell explora bastante a interação entre francos e visigodos e como tal relação influenciou no desenvolvimento de ambos os reinos.¹¹¹ A diferenciação entre os povos germânicos e suas características singulares é o ponto de diferenciação entre os povos europeus dos tempos de Löbell. Ele exemplifica tal fato com a descrição da migração e língua de cada povo e cita como exemplo os belgas que têm ascendência teutônica, da Bretanha e dos Cimbrós.

¹⁰⁸ LÖBELL, J. W. **Gregor von Tours und seine Zeit**. Second revised edition. Leipzig. 1869, p. 74-78.

¹⁰⁹ Idem, p. 87-90.

¹¹⁰ Idem, p. 117-118.

¹¹¹ Idem, p. 128-130. Nesse trecho ele diz que faz parte da História da Gália não apenas os francos, mas também os romanos, os visigodos e os burgúndios.

Os pontos de diferenciação de ‘estados’ nos reinos merovíngios se resumem, para ele, nos seguintes pontos: a forma de governar, de administrar e a liberdade. Sendo que a liberdade é regrada pelos juramentos de fidelidade e das obrigações oficiais como cavaleiros que estavam diretamente ligadas ao rei.¹¹² Os romanos se inseriam nessa situação de uma maneira bastante particular. Como já foi exposto, houve intensa integração entre romanos e germânicos, mas a diferenciação continuou a pautar as relações sociais. Os romanos aceitaram a soberania do rei franco, mas tinham bastante claro que a realeza merovíngia estava submetida ao Imperador de Bizâncio, por esse motivo aceitavam o poder local do chefe merovíngio.¹¹³

A fidelidade entre os francos, sobretudo em relação a seu rei, que por determinado tempo protegeu sua realeza, não se desenvolveu a ponto de fazer parte do comportamento dos contemporâneos a Gregório de Tours. Essa relação baseada no juramento de fidelidade é um dos traços deixados pelos germânicos na nova Europa ocidental que se desenhava.¹¹⁴

A dinâmica da violência interna entre iguais, que era muito comum entre os francos, é tema corrente da historiografia, inclusive de Löbell. Ele já apresentava a multa pecuniária como uma forma de o poder real inibir e combater a faida. Ele afirma que essas guerras dentro da dinastia franca cobriam suas terras de horror, atrocidades e sangue, além de fragilizar a identidade de seus habitantes e enfraquecer a fidelidade ao rei, transferindo-a para o poder local. Ele continua: “*Totalmente diferente era o efeito das guerras entre reinos diferentes, as quais embasaram a unidade da Alemanha.*”¹¹⁵

Um exemplo da violência interna é o episódio da vingança de Sicário contra Chramnisindo (Hist. V, 32; VII, 47 é, também no texto dos MGH, narrado como evidência do funcionamento das famílias, da vingança e da honra no período narrado pelo Bispo de Tours). Tal episódio é utilizado como argumento de que o sentimento, modo de agir e pensar germânicos predominavam no mundo de Gregório de Tours.

A Igreja desempenhou, durante o período de Gregório de Tours, fundamental papel de poder local. Tanto do ponto de vista moral e religioso quanto de garantir e manter do equilíbrio das cidades. Ao tornar a cidade referência de sacralidade com as relíquias, moldou-se o comportamento de seus habitantes, diferentemente da arbitrariedade do sagrado nas tribos germânicas. Os conflitos com a realeza eram

¹¹²LÖBELL, J. W. **Gregor von Tours und seine Zeit**. Second revised edition. Leipzig. 1869, p. 152.

¹¹³Idem, p. 158.

¹¹⁴Idem, p. 185.

¹¹⁵Idem, p. 178.

constantes. O episcopado demandava menor influência dos reis nas decisões da Igreja, como a nomeação de bispos, além de requerer que a realeza pagasse à Sé os impostos a ela devidos e que não acumulasse tal riqueza no tesouro real.¹¹⁶ Essa relação conflituosa perpassa toda a obra de Gregório de Tours e é definidora de sua perspectiva e narrativa acerca dos reis francos e sua nobreza.

Ao comentar os títulos dados à obra de Gregório de Tours: ‘*Historia ecclesiastica Francorum*’ e ‘*Geschichte der Franken*’ (História dos francos), ele defende que de fato a Igreja é tema constante na obra de Gregório de Tours, mas os leitores contemporâneos a Löbell acreditavam que o primeiro título citado não condizia com a obra do Bispo de Tours, pois acreditava-se que essa História eclesiástica dos francos teria sido escrita por Gregório de Tours como uma História do Estado [*Staatsgeschichte*]. Além disso, Löbell diz que, na História da Igreja, há muito mais que simplesmente os pontos principais desse tema; também está contida nessa narrativa a História do Estado.¹¹⁷

Löbell escreve uma História do povo alemão. Seu objetivo é buscar suas origens desde seu embrião e acompanhar seu desenvolvimento. Ao focar seu estudo na era merovíngia e ter como fonte referencial Gregório de Tours, ele narra detalhadamente os mais diversos aspectos desse período e das células constituintes de sua população, apesar da ênfase na elite merovíngia. Sendo assim, Gregório de Tours narra a História dos germânicos, nomenclatura essa que é substituída naturalmente por ‘alemães’. Os povos que conquistaram a Gália, para ele, começaram o longo processo que culminou na consolidação e unidade do Estado Alemão. Seus escritos deixam claro que ser ‘alemão’ não é uma característica geográfica simplesmente, mas sim de construção histórica e cultural. É isso que ele faz em suas linhas e é assim que ele interpreta a obra do Bispo de Tours. Nota-se na abordagem do Professor de Bonn uma visão tradicionalista da democracia e do estabelecimento do francos na Gália. Apesar da notável barbárie do período merovíngio, os antepassados dos atuais alemães aglomeraram as características positivas dos romanos e dos germânicos.

Bernoulli (1868-1937) era suíço e estudou teologia na Universidade de Basel. Ele era romancista e estudou História da Igreja. A partir de 1922 se tornou Professor de História da Religião na mesma Universidade em que se formara. Sua obra data da virada do século XIX para o século XX (1900). Para ele, a grande dificuldade da ciência

¹¹⁶LÖBELL, J. W. **Gregor von Tours und seine Zeit**. Second revised edition. Leipzig. 186, p. 264.

¹¹⁷Idem, p. 321-322.

Histórica em estudar a História da Igreja é sua formulação. Os grandes homens, reis, rainhas e heróis saem de cena e dão lugar aos pobres e famintos. O estudo da fé e crença do povo e da Igreja são focos de estudo. A cultura da castidade e da moral cristã ligada à teologia são características desse campo de estudo no período merovíngio. Sua obra não tem como objetivo reconstruir a Igreja durante o período merovíngio, ela nem mesmo o tangencia. Ele se propõe a estudar o processo de formação da crença do sagrado e da cristianização no período merovíngio.

Esse autor faz um panorama dos santos e da religiosidade dos merovíngios. Seu ponto de partida é o fim do Império Romano e sua principal fonte é Gregório de Tours.¹¹⁸ O foco de seu estudo é como o sagrado era visto pelos merovíngios. A idéia por ele defendida é de que a maneira como os francos entendiam o sagrado permaneceu e baseou o modo como os franceses e alemães o vêem. Sendo assim, ele constrói uma argumentação que legitima a apropriação da História do povo franco como parte integrante das Histórias nacionais. Como ele parte do sagrado para falar sobre os merovíngios, sua obra é importante para mostrar os limites entre Gregório de Tours como teólogo, historiador, além do tom de sua narrativa.

A principal fonte de Bernoulli é Gregório de Tours, sobretudo sua obra hagiográfica, mas também usa correntemente os *Decem Libri Historiarum*. A obra desse autor é especialmente interessante para esse estudo, pois ele estuda os merovíngios com um recorte religioso, faz uma História da igreja e do sagrado no período, mas os vê como constituintes da nação franca. É de uso corrente em seu texto os termos nação franca, reino franco. Ele tem claro que a Gália merovíngia não era uma unidade, a divisão que faz do culto dos santos e suas igrejas demonstram isso. Porém, ele parte do local para englobar a veneração em todo território da “nação franca”. De acordo com Bernoulli, há santos de alcance local, como por exemplo, São Maurício de Agaunum, São Vitório, Santo Aubin de Tours, e aqueles que são venerados em toda a nação franca, como São Martinho¹¹⁹. Essa complementaridade da fé dos reinos francos é por ele apresentada como um dos pilares da identidade do povo da Gália merovíngia.

¹¹⁸BERNOULLI, C. A. **Die Heiligen der Merowinger**. Hildeshiem. New York. Georg Olms Verlag. 1981.

¹¹⁹São Martinho superou as fronteiras da Gália franca. Bernoulli, baseando-se em Gregório, aponta que haviam igrejas e mosteiros de São Martinho na Itália, em Ravena, na Espanha (Cartagena) e em Portugal. Há ainda sinais de culto a São Martinho na Bélgica e difusão de seu nome na Holanda. BERNOULLI, C. A. **Die Heiligen der Merowinger**. Hildeshiem. New York. Georg Olms Verlag. 1981. p. 230-232.

“Toda conversão religiosa de um povo é ligada a escolhas políticas. O impacto de tal opção política foi baseado nos seguintes pontos: enveredar pelo arianismo significaria que os francos romperiam com a tradição romana (cristã), optar pelo catolicismo teria como consequência não superar os conflitos com os outros germânicos. Como arianos eles poderiam ser brutos, sem modos, os reis realizariam uma política real baseada na idéia de pactos entre todos os reinos germânicos, ainda com a idéia de que o nobre Godo Teoderico era o governante ideal. Dessa maneira não teria havido nenhuma Idade Média, pelo menos não no sentido que a entendemos, a que viveu sob a disputa do imperador e do papa, na qual as particularidades e singularidades dos alemães [deutsche] seriam, e como foram, expressadas de maneira dissimulada publicamente e sob características romanas! Sendo assim, eles se tornaram católicos. A diferença nacional entre romanos e germânicos vem a tona de maneira harmônica através da crença. A antiguidade clássica refugiou-se na Igreja católica, para então extinguir-se; e no virgem espírito alemão [deutsche] encontrou acolhimento, e não foi parido até a sua completa geração, até a hora do renascimento [Wiedergeburt].”¹²⁰

Esse trecho é bastante significativo acerca da visão que Bernoulli tem do período narrado por Gregório de Tours. A maneira que ele aborda a opção religiosa dos francos é teleológica, mas tem razão ao afirmar que a conversão religiosa de um povo é política. A conversão de Clóvis (HIST. X, 30-31), tal como narrada pelo Bispo de Tours, demonstra essa tendência. Ele se converte ao catolicismo para ganhar a batalha contra os Alamanos. A datação do batismo de Clóvis é questionada pela maioria dos estudiosos de Gregório de Tours, é o exemplo mais usado para desqualificar a exatidão cronológica de Gregório de Tours. Mas nesse momento o que importa não é a rigidez metodológica e cronológica, mas sim como foi construído o discurso do Bispo de Tours. A conversão ter se dado após uma demonstração do poder divino em uma das mais importantes vitórias dos francos é um fato bastante significativo e simbólico; não apenas das vantagens práticas de ser católico, mas do poder onipresente e onipotente de seu Deus.

Outro aspecto fundamental levantado por Bernoulli é a importância dos francos, a partir de determinado ponto do trecho citado como ‘alemães’, de salvaguardar a tradição da antiguidade clássica para que ela renascesse no momento propício. Esse é o

¹²⁰BERNOULLI, C. A. **Die Heiligen der Merowinger**. Hildeshiem. New York. Georg Olms Verlag. 1981. p. 334.

grande feito dos merovíngios. Ao optarem pelo catolicismo, eles escolheram deliberadamente se tornarem guardiões da cultura clássica, apesar de todos os ônus dessa escolha, como os conflitos com os povos irmãos [*Brudervölker*]. Essa grande missão dos “alemães” é, para o autor, o que dá grandeza à linhagem de Clóvis.

A Igreja traz civilidade aos bárbaros. O teólogo-historiador suíço advoga que quando a cultura superior [*Überkultur*] e os bárbaros se chocam, trocam-se primeiramente os vícios. Sendo assim, o cristianismo dos merovíngios começou pelo caminho errado. Na prática, eles não respeitavam os dogmas. Os habitantes da Gália seguiam com sua religiosidade pagã. No século VI, a religiosidade cristã eliminou as características pagãs ideais e manteve sua moral através da persuasão.

*“A religiosidade na vida privada levada pelo bravo e sincero Gregório não estava espelhada no âmbito da profissão sagrada e católica, mas sim lidando com sua crença pessoal, plenamente vazia. Envolvido em uma turva consciência de culpa, assim como sua fé, contava em transformar-se perante Deus.”*¹²¹

Essa necessidade de salvação divina, que Bernoulli faz emergir das obras hagiográficas de Gregório, coloca em evidência que, para o Historiador suíço, os francos estavam em fase de conversão e consolidação do catolicismo. A igreja precisava se firmar. Justificativas e motivações se mostram necessárias, não apenas para a conversão, mas também para que aqueles que adotaram a confissão católica sigam seus dogmas e sua moral. Eis aí um dos motivos para que Gregório escreva suas obras e sua importância para seus contemporâneos. A própria fé de Gregório de Tours é colocada em cheque por Bernoulli.

A dificuldade, apontada por Bernoulli, vivida por Gregório de Tours e seus contemporâneos fora superada pelos merovíngios do século VII. Os habitantes da Gália do século VII utilizaram Gregório de Tours e suas obras – como por exemplo, HIST II, 10¹²² – como base de sua religiosidade, porém a substituíram por religiosos de seu tempo, como Eligius de Nohon, que pregava a penitência constante perante Cristo e a superioridade da justiça divina sobre a justiça dos homens. Tal abordagem da religião foi possibilitada e apoiada pela religião oficial dos francos. Bernoulli ainda vai mais

¹²¹ BERNOULLI, C. A. **Die Heiligen der Merowinger**. Hildeshiem. New York. Georg Olms Verlag. 1981. p. 335.

¹²² Nesse capítulo Gregório de Tours, utilizando o episódio bíblico de Moisés, no qual ele prega a não adoração de ídolos pagãos e introduz Deus a esses camponeses, conclui o capítulo com a seguinte frase: “(...) No começo os francos nada sabiam sobre isso, mas eles aprenderam depois, como esta História irá narrar.”

longe, ele afirma que a religiosidade possibilitada e vivenciada pelos francos, levava a uma atitude de não reflexão.¹²³

*“Assim sendo, mil anos desfalecem como se fosse um dia. E depois de mil anos aparecem outros Martins, após o romano, o alemão e após o santo, o profeta.”*¹²⁴

A releitura da imagem de São Martinho após o século VI é ilustrativa. Ele é um símbolo bastante importante da cristandade defendida e propagada por Gregório de Tours. Como já foi exposto no capítulo II, ele tem uma imagem análoga à de Cristo para os merovíngios, ou pelo menos é assim disseminada por Gregório de Tours.

Ele arremata a importância dos merovíngios da seguinte maneira:

*“Na Alta Idade Média surgem, no caminhar dos séculos, duas perspectivas, os atos grandiosos da antiguidade para a humanidade significa sempre muito valor: a filosofia escolástica e a arte da construção gótica. Ambas tiveram presença nos reinos francos. Esse é o bem original da era medieval em cada um dos estados que estavam surgindo, depois do cultivo dos atos de nossos santos, de seu conhecimento e sua força. Com seu trabalho árduo e honesto não se chegou a nenhuma cultura, mas ela foi fundamento de uma cultura. A crença cristã de um povo, ao invés da crença pagã, comprova-se como elementos do futuro.”*¹²⁵

Esse papel fundador, de ser o embrião do que um dia seriam as grandes nações européias é, para Bernoulli, o que dá importância histórica aos francos merovíngios. Nesse processo, a opção pelo catolicismo e pelo fortalecimento de sua instituição foi fundamental para que o mundo europeu se desenvolvesse até o fim século XIX. O sagrado e o desenvolvimento do catolicismo é o fio condutor de Bernouille. Para ele é claro que Gregório de Tours tem como seu tema central a igreja e a cristandade, mas elas são elementos edificantes dos Estados europeus. Referir-se aos francos como alemães deixa isso claro.

Bruno Krusch, Wilhelm Levison e Rudolf Buchner foram os responsáveis pelos volumes dos *Decem Libri Historiarum* na coleção dos *Monumenta Germaniae Historica*. Bruno Kursch (1857-1940) colaborou nos MGH entre 1879 e 1935, sendo que entre 1879 e 1903 foi pesquisador na área dos *Scriptores* e entre 1903-1935 foi

¹²³BERNOULLI, C. A. *Die Heiligen der Merowinger*. Hildeshiem. New York. Georg Olms Verlag. 1981. p 335.

¹²⁴Idem.

¹²⁵Idem, p. 335.

integrante da direção central dos MGH e diretor do departamento *Scriptores rerum Merovingicarum*. Wilhelm Levison (1876-1947) colaborou entre 1899-1920 como pesquisador na área *Scriptores rerum Merovingicarum* e entre 1924 e 1935 foi integrante da direção central dos MGH. Rudolf Buchner (1908-1985) colaborou nos MGH nos anos 1930-1935, 1946-1950, 1964-1980 como pesquisador na área de *Leges*. Bruno Kursch e Wilhelm Levison foram os responsáveis pela transcrição e edição do texto em latim em 1884. Rudolf Buchner foi o responsável pela tradução e edição bilíngüe (latim/alemão) publicada em dois volumes em 1955; esta é a edição utilizada neste estudo.

Os MGH foram fundados em 1819 pelo barão Karl vom Stein. Eles foram fundados como *Gesellschaft für ältere Deutsche Geschichtskunde*¹²⁶ no contexto pós Congresso de Viena (1814-1815), pela nobreza alemã, embalada pela necessidade de delinear sua identidade. Para tanto, as fontes entre os anos 500 e 1500 foram reunidas e passaram a ser transcritas, traduzidas e estudadas.

*“Os ‘Decem Libri Historiarum’ de Gregório de Tours pertencem aos testemunhos indispensáveis do nosso desenvolvimento europeu. Nós aprendemos sobre um século todo a partir de seu relato plástico e cheio de vivacidade como com nenhuma outra fonte, desse período em diante, no qual em 498 o rude Clóvis ‘suavemente inclinou-se’ para ‘admirar o que havia destruído’, até o fim do selvagem, turbulento e bárbaro século VI, no qual se deu a fusão entre romanos e germânicos. A transposição de sua cultura e seu caráter é parte fundamental para a orgulhosa construção da História européia. Isso serve para justificar o motivo da série de ‘fontes medievais selecionadas para a História alemã’ ser iniciada com uma obra que não tem, em sentido restrito, uma ligação direta com tal tradição, nem com o povo alemão.”*¹²⁷

O trecho acima citado explicita o porquê de a obra do Bispo de Tours ser incluída nas fontes do “passado alemão”. Os livros de História escritos por Gregório de Tours narram um tempo conturbado e bárbaro, mas é a partir desses turbulentos séculos que germina a História européia e, portanto, também a alemã. Nota-se que nos MGH a interação entre germânicos e romanos também é a célula inicial do desenvolvimento do povo alemão.

¹²⁶Tradução livre do termo: Sociedade para a História antiga alemã.

¹²⁷TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987.

É necessário ter cautela e não simplificar a interpretação desses autores acerca do papel e significado do período merovíngio para a História alemã e para a formação de seu povo. Na introdução fica claro que eles não compartilham da visão de muitas gerações da época romântica, na qual chamavam os reis merovíngios de reis alemães. Buchner deixa claro que não corrobora essa perspectiva que ele julga equivocada. Ele defende que a narrativa de Gregório de Tours descreve e explica sobre a política, a economia e a cultura da área coincidente com parte do território base para a construção da identidade alemã, mais precisamente na área da Alamania, Bavária e Turíngia e também identifica a presença dos francos às margens do Reno, Maas e Mosel. As pesquisas contemporâneas a Buchner ampliaram a perspectiva para todo o território da Gália a fim de pesquisar suas influências no comportamento alemão.¹²⁸

É evidente que para Buchner e seus colegas dos MGH é impossível compreender a História alemã sem conhecer a Gália merovíngia e seu desenvolvimento. Para justificar tal obrigatoriedade são apresentados dois argumentos: primeiro que a realeza medieval alemã, assim como a francesa, vem da linhagem dos carolíngios, que tiveram suas raízes sociais e religiosas na dinastia merovíngia.¹²⁹ O segundo é de fundo religioso, espiritual e intelectual. A adoção do culto e crença romano-cristãos e da cultura e herança intelectual greco-romana fundiu-se a elementos do modo de vida dos “bárbaros” durante a formação germânica da Alemanha. Tal processo não se limita ao período Merovíngio, mas foi durante esse período que o cristianismo foi gradualmente adotado. Ao abordar esse ponto, o autor dos MGH faz analogia entre esse processo e a reforma protestante do século XVI. Ele afirma advir do tempo dos merovíngios a força religiosa e política que, no decorrer dos séculos, levou a Alemanha a preparar o terreno para a nova religião.¹³⁰

O reconhecimento do período merovíngio como parte fundamental do passado alemão foi consolidado pela academia alemã entre o século XIX e começo do século XX. Com a unificação alemã (1871) tornou-se imprescindível a criação de uma identidade nacional e de seu povo. A História foi um dos campos importantes para tal

¹²⁸ TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987. p. VII.

¹²⁹ Ao fazer essa afirmação, Buchner exalta que advém desse passado a força da realeza alemã, que foi cunhada durante a querela da Investidura: “(...) Wer diese Wurzel übersieht, dem bleibt die zähe Kraft unbegreiflich, mit der das spätere Königtum den Stürmen innerer und äusserer Kämpfe vor allem in Investiturstreit standzuhalten vermochte.”

¹³⁰ TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p VIII.

construção. A criação de um passado comum, com raízes greco-romanas, o estabelecimento e desenvolvimento dos reinos bárbaros ao longo da Idade Média foram alguns dos alicerces para a consolidação da Nação alemã.

Mas que período Merovíngio é esse a que Buchner se refere? Para ele a impressão do mundo galo-romano transmitida por Gregório de Tours em sua obra não é homogênea. Sua origem social, ele é um bispo que veio da aristocracia senatorial e tem muito orgulho de tal origem, influencia diretamente a sua maneira de entender seu mundo. A Igreja era predominantemente dominada por essa aristocracia senatorial e os interesses de ambas eram complementares. Sendo assim, Gregório de Tours é um personagem que representa essa elite eclesiástica de origem senatorial.

O modelo de unidade de Gregório de Tours era o Império Romano. Essa unidade foi perdida com a tomada de Roma e a mudança do centro do Império para Constantinopla, que teve como consequência o esfacelamento da *res publica*. Nesse processo, a Gália se isolou, solidificando assim a sua identidade. Os francos passam a fazer parte de sua obra a partir de Clóvis, momento esse que os reinos francos se unificam. A identidade de Gregório de Tours e o modo como ele vê a sociedade franca são distintos de cronistas da alta idade média como Fredegário. O cronista do século VII separa francos e romanos, já na obra de Gregório de Tours essa fusão está dada.¹³¹

Além desse ponto da origem galo-romana de Gregório de Tours, Buchner levanta outro ponto a ser observado, não se sabe se o bispo dominava a língua dos francos ou se apenas a compreendia. É muito difícil mensurar a real influência romana e germânica no reino dos francos e como elas se integravam na formação dessa sociedade. O que Gregório mais narrou de seu mundo foi a esfera do poder germânico: os reis e sua corte, a nobreza germânica. O funcionamento da lei, também descrito por Gregório de Tours, é um dos principais campos no qual é possível identificar claramente a influência romana. Outra dificuldade de mapear a presença romana nesse período é o costume, adotado pela aristocracia romana a partir do reinado de Clóvis, de dar nomes germânicos a seus filhos, deixando pistas da fusão entre romanos e germânicos. A narrativa deixa a impressão que todo o movimento, apresentação e o conceito de honra cunhado pelos germânicos impressionavam o autor dos MGH. Sendo assim, o modo

¹³¹“Damit sind die wichtigsten Faktoren aufgewiesen, die Gregor Denken bestimmen: Kirche und christliche Welt- und Geschichtsansicht, senatorisches Aristokratentum, gallisches Heimatgefühl, fränkisches Reichesbewusstsein.” TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XIX.

como os germânicos penetraram no mundo romano representa a grandeza dos reinos merovíngios.¹³²

Quanto à conversão de Clóvis, Buchner afirma que a impressão deixada pelo relato de Gregório é de que tenha sido algo súbito e improvável. Valendo-se do discurso da rainha Chrodechilde (Hist. II, 29), Gregório constrói um sermão no qual a perspectiva romana é clara. Ele é recheado de elementos da mitologia Greco-romana. Nessa passagem fica explícito que Gregório de Tours não é apenas um observador da História e tem como objetivo descrevê-la, ele dialoga com os fatos e constrói uma narrativa com uma coerência interna, fiel a seus objetivos com sua obra.¹³³

Na avaliação do pesquisador dos MGH, há uma diferença enorme entre o historiador do século V e do século VI. O século V tem um forte sentido político, voltado para o encaminhamento de guerras, principalmente fora do território da Gália merovíngia. O pensamento pré-cristão era a base das ações, do desenvolvimento da História e de sua interpretação. A partir do século VI, a crença em milagres cresce de maneira exponencial, Deus onipresente e o santo que está bastante próximo dos homens e de seu cotidiano passam a intervir no curso da História, na ordem moral do mundo e a ajudar a conseguir alcançar o ideal da moral cristã. Surge a partir de então outro mundo espiritual. A crença em milagres passa a ser um dos pilares da fé cristã.

O ponto de partida usado pelo cristianismo para entender e interpretar o mundo são a Criação e o Juízo Final. Eles são os limites do tempo, o começo e o fim de tudo. É a partir deles e com esse pano de fundo, essa idéia de fim da História e fim dos tempos, que Gregório de Tours escreve sua obra. Outro ponto que fortalece o modo cristão de pensar é a alteridade. No caso da obra de Gregório de Tours, os hereges, mais especificamente os arianos, e os judeus são marcos que delimitam a narrativa.

A interpretação de Buchner, no entanto, inova quanto à maneira que Gregório de Tours se colocava em seu tempo. Ele se sentia membro dos reinos francos que Clóvis e seus filhos construíram como unidade, mas levando-se em consideração seu ponto de vista da elite eclesiástica e sua origem na aristocracia senatorial, almejava ter grande

¹³²TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10.** Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XI-XIII.

¹³³Outro exemplo citado por Buchner que corrobora essa intencionalidade de Gregório de Tours é o episódio é o saque de Soisson (HIST II, 27), no qual Clóvis ao flagrar um de seus soldados sacando a igreja local o manda devolver os objetos e o executa. A frase citada pelo autor como sendo 'adornada pela fantasia de Gregório de Tours' é: "Ruhreicher König, es ist alles dein, was wir sehen, auch wir selbst sind deiner Herrschaft untertan. Tu jetzt, was dir gefällt, denn keiner kann deiner Macht widerstehen". Idem, p. XV.

influência no ‘Estado’¹³⁴ e na Igreja. Seu sentimento de pertença era tal, que ele dificilmente fazia distinção entre francos e romanos em seu texto, diferente, por exemplo, de Fredegário, que fazia tal diferenciação com os termos *genere Romanus*, *genere Francus*. Mas é importante salientar que ele se sentia membro da sociedade da Gália Merovíngia, do reino franco, mas não se considerava um “franco”. Os principais fatores para a formação da sociedade na Gália merovíngia para Gregório de Tours eram a Igreja e o mundo cristão, o sentimento de pertença à Gália, a aristocracia senatorial e os francos.¹³⁵

Thorpe, tradutor dos *Decem Libri Historiarum* para o inglês e professor de francês na Universidade de Nottingham entre 1958 e 1977, faz um breve histórico do reconhecimento de Gregório de Tours como narrador de eventos. Ele cita Claude Fauchet que, no século XVI, o caracterizou como ‘*le père de nostre Histoire Française*’ e ‘*le plus ancien et fidele auteur qui ait parlé des Roys et du Gouvernement François*’, e J.J Ampère que, no século XIX, o nomeou como ‘*l’Hérodote de la barbarie*’. Tais títulos não são questionados pelo autor inglês, deixando assim a entender que concorda com tais pontos de vista.¹³⁶

Como já foi exposto anteriormente, em relação à datação e ordem da obra de Gregório de Tours, Thorpe defende que ele tenha começado com o livro V. Os livros V-X são, para ele, os livros de História propriamente dita. Sua inspiração foi a leitura das crônicas de Eusébio, São Jerônimo e Orósio, além da Bíblia. A influência da Bíblia, sua cronologia e fatos serem as bases e o modelo da História narrada na obra do bispo-historiador é um consenso entre seus estudiosos. Outro ponto em que eles concordam é a importância capital do Antigo Testamento na obra de Gregório de Tours. Além disso, Thorpe acredita que, em algum momento de 584, Gregório passou a interpolar capítulos. Uma vez que tinha contado a História Bíblica, se dedicou a narrar a vida secular na Gália e seus santos.

Thorpe escolheu o título História dos francos não por adotá-la de maneira automática, seguindo traduções anteriores à sua, mas por uma decisão deliberada. Em sua introdução ele afirma

¹³⁴Termo utilizado por Buchner, a palavra alemã presente no texto é ‘*Staat*’.

¹³⁵TOURS, Gregor Von. **Gregor von Tours: Zehn Bücher Geschichten, Bd.1, Buch 1-5/ Bd II: Buch 6-10**. Trad. Rudolf Buchner. Darmstadt. Wissenschaftliche Buchgesellschaft. 1987, p. XIX-XX.

¹³⁶Idem.

“O que pareceu ser uma narrativa de eventos consecutivos torna-se mais complexo e causa confusão e espanto nos leitores modernos, que acham estranho que a obra que chamamos de ‘História dos Francos’ fosse para Gregório ‘Decem Libri Historiarum’, que começou com a criação do mundo e com Adão, o primeiro homem, antes dele cometer o pecado.”¹³⁷

A utilização do título adotado a partir do século VII demonstra como Thorpe insere os livros de Gregório na historiografia, como um testemunho da História dos francos, mesmo que esses não sejam os únicos personagens da narrativa. Em sua apresentação da obra, tal constatação também salta aos olhos. A partir da obra aqui tratada, ele reconstrói uma breve história dos francos. Diferente de outros autores, que defendem explicitamente que, sem a compreensão desse período da História europeia, é impossível costurar a História das nações europeias, Thorpe não discute tal utilização dos escritos do Bispo de Tours.

Quanto à obra, Thorpe afirma que, ao ler os *Decem Libri historiarum*, é possível ‘sentir os respingos de sangue e pus e ouvir os gritos animalescos de homens e mulheres sendo torturados até a morte: mesmo que Gregório nunca tenha questionado a eficácia desse método para extrair confissões, apontar cúmplices ou simplesmente saciar o desejo de sangue de reis e rainhas. Por isso ele era um homem de profunda compaixão.’¹³⁸ Fica claro nesse trecho a idéia de Thorpe acerca de Gregório de Tours e seu tempo. A Gália merovíngia é extremamente violenta e os reis, personagens que têm maior presença nos *Decem Libri historiarum*, governam a seu bel prazer. A imagem é de trevas. Gregório, no entanto, é modesto e dotado de compaixão, característica inexistente nos senhores do poder temporal. O Bispo de Tours é uma exceção, uma luz no meio das trevas de seu tempo.

Em meio a reis, rainhas e alta nobreza, outros personagens participam da obra de Gregório de Tours, exércitos estão em constante movimento, pessoas comuns eventualmente são citadas. Inundações, pragas, epidemias e fome são problemas constantes no mundo narrado por Gregório de Tours, tais calamidades não poupam a ninguém e normalmente são castigos divinos por ações do homem. A faida é corrente entre os cidadãos.¹³⁹ Os pobres aparecem pouco e quando são citados isso ocorre por

¹³⁷TOURS, Gregório de. **The History of the Franks**. Trad. Lewis Thorpe, Londres. Penguin Books. 1997.

¹³⁸Idem.

¹³⁹Thorpe também usa como exemplo capital para tal afirmação o caso entre Chreminesindo e Sicário (HIST IX, 19).

sua preocupação com os impostos crescentes (HIST. IX 30; X, 7) ou para corroborar queixas encabeçadas pelo bispo.

Thorpe evoca uma citação de Gregório de Tours, na qual ele afirma em seu prefácio ‘*não haver nenhum homem capaz de escrever sobre os acontecimentos de hoje (...)*’ (HIST. Pref.). Tal citação é incoerente com a imagem anteriormente construída do Bispo de Tours como um homem modesto. De acordo com o autor em questão, Gregório já se considerava o único porta-voz de seu tempo, de sua época. Para Thorpe, no século VI, um historiador era um cronista e um cronista era um historiador. Essa falta de categorização também simplifica uma discussão que outros autores aprofundam. Para não deixar a impressão de que Thorpe banaliza totalmente tal discussão teórica, ele afirma que a obra *Decem Libri historiarum* é mais do que uma crônica, por apresentar forte senso de narrativa.¹⁴⁰

Margarete Weidemann escreveu sua tese de doutorado sobre Gregório de Tours e a concluiu em 1984. Em seus dois pesados volumes, esse estudo, baseado na obra de Gregório de Tours, tem como objetivo remontar a História cultural do período merovíngio. Sua obra é de grande fôlego e abrange tanto a esfera temporal quanto a espiritual do mundo de Gregório de Tours. Sua dissertação não é um estudo sobre a História política do século VI na Gália, mas sim um estudo aprofundado do comportamento político do mundo de Gregório de Tours.

Seu objetivo é mapear e desvendar, a partir das narrativas de Gregório de Tours – e com essa base coteja tais informações com outras fontes do período –, o mundo merovíngio com foco no comportamento político de sua sociedade. Ela narra um mundo em construção. Tanto as instituições temporais quanto as espirituais estão tomando forma e se fortalecendo.

Seu foco são as instituições e seus personagens. Os reis, nobreza, Igreja e seus bispos, a família. Ela descreve com riqueza de detalhes e citações em latim cada uma delas, seu funcionamento e seus membros ao longo do século VI. Fica cristalino o papel central do rei em todas elas. O rei não apenas controla cada instância de poder, muitas vezes delegando suas funções a algum representante local, seja ele laico ou eclesiástico. A Gália é habitada e governada por germânicos. A justiça, suas instâncias e métodos, a

¹⁴⁰TOURS, Gregório de. **The History of the Franks**. Trad. Lewis Thorpe, Londres. Penguin Books. 1997, p. 24.

administração e o tesouro real são regidos a partir da cultura bárbara. Os romanos e sua cultura são minoria.

A relação entre a Igreja e o estado e seus desdobramentos é esboçada a partir das descrições detalhadas dos bispos, as assembleias de bispos e a relação entre a realeza e a elite eclesiástica. O poder real sobre a nomeação e a atuação dos representantes legais da Igreja é taxativa. Ao se estudar as linhas de M. Weidemann, lê-se uma História da sociedade franca. Mas por que no fim do século XX Gregório de Tours e seus contemporâneos são o objeto de um trabalho que visa remontar tão fidedignamente seu mundo?

Essa visão geral deixada pela obra de M. Weidemann salienta a utilização da obra de Gregório de Tours pela sua importância como uma das únicas fontes de seu mundo. Ela segue o desejo de Gregório de Tours de descrever seu tempo. Para que o bispo seja deixado de lado pelas páginas da historiografia, ela se empenha em um trabalho de minuciosa pesquisa para que suas linhas sejam destrinchadas e entendidas.¹⁴¹

Seguindo essa corrente de interpretação da obra do Bispo de Tours, que na segunda metade do século XX analisa a sua obra e o período merovíngio como o embrião da História dos francos, Stéphane Lebecq, no primeiro volume da coleção “*Le origines franques – V-IX siècles*”, constrói sua narrativa partindo da premissa que os reinos francos começaram a se consolidar a partir da morte de Childerico no século V. A principal fonte para que ela escreva esse capítulo do livro são as obras de Gregório de Tours.¹⁴²

Obras como estas aqui citadas deixam claro que a abordagem da obra do Bispo de Tours como História nacional, História da origem dos francos, não é simplesmente cronológica, ou seja, datada do século XIX e da construção e consolidação dos Estados nacionais, mesmo que tal perspectiva seja mais abundante nesse período. Essa diferença abrupta de interpretação da História merovíngia se dá pela mudança metodológica de muitos acadêmicos.

¹⁴¹WEIDEMANN, Margarete. **Kulturgeschichte der Merowingerzeit nach den Werken Gregors von Tours**. Teil I und II. Bonn: Mainz Verlag des Roemisch-Germanischen Zentralmuseums in Kommission bei Dr. Rudolf Habelt GMBH, 1982, p. XIII.

¹⁴²LEBECQ, Stéphane. **Les origines franques. V – IX siècle**. Nouvelle Histoire de la France Medievale – 1. Editions Du Seuil. Paris. 1990.

J.M. Wallace-Hadrill (1916 – 1985) era professor de História Medieval na Universidade de Manchester (1955-1961), pesquisador da Faculdade de Merton na Universidade de Oxford (1974-1983) e da faculdade All Souls, também em Oxford (1974-1985). Ele foi eleito membro da Academia britânica. Foi, também, presidente da Sociedade Histórica Real (1976-1980). É especialista no período merovíngio. Seu trabalho foi publicado na segunda metade do século XX.

Em sua obra fica claro como Gregório de Tours é inserido na historiografia européia: ele é um historiador nacional. Para estudar o desenvolvimento da região que eles ocuparam é fundamental esmiuçar sua história. Os merovíngios têm forte característica pagã, são sanguinários e vivem em uma era de trevas. Ele se refere aos séculos narrados por Gregório de Tours como ‘*Dark Ages*’ e a seus governantes como ‘*chieftains*’ (chefes de tribos) e não reis.¹⁴³ Mas qual é, então, o objetivo ao estudá-los e incluí-los na História das nações européias? Aqui volta-se novamente ao fato de a obra de Gregório ser uma das únicas fontes do período. Ao analisar a obra de Fredegário e os governantes merovíngios do século VII, ele já passa a usar o termo ‘rei’. Os ‘reis merovíngios’ que estavam no poder nesse período governavam uma sociedade mais coesa, com uma economia que ressurgia, com a fé católica finalmente estabelecida e hegemônica. Porém, a unificação da Gália segue fora do objetivo desses governantes; mesmo que em alguns momentos houvesse um único soberano, manter tal hegemonia não era uma prioridade.

*“As disputas fraticidas do século [que seguiu a morte de Clóvis] não são sem sentido e imorais como Gregório as retrata. Elas são ações da vida bárbara, mesmo bárbaros que estavam se tornando rapidamente romanizados.”*¹⁴⁴

Ao longo de seus escritos, Wallace-Hadrill, se refere à obra de História do Bispo de Tours como “História dos Francos”, mesmo colocando logo em seguida que o título de Gregório de Tours não era esse. Ele adota o título utilizado pela historiografia que se consolidou no século XIX. A comparação direta com Bede é outro ponto que explicita qual é o papel de Gregório de Tours na historiografia. Um de seus objetivos é contar a História de seu tempo, não os épicos cantados pelos trovadores, mas o desenvolvimento do homem até chegar ao cristianismo. Ele queria alertar, advertir e mudar os maus

¹⁴³ WALLACE-HADRILL, J.M. **The Barbarian West (400-1000)**. Blackwell Publishing. 1985, p. 67.

¹⁴⁴ Idem, p. 73.

costumes de seus contemporâneos. Ao apresentar esse tópicos da obra de Gregório de Tours, Wallace-Hadrill não se mostra como um ortodoxo na classificação do bispo como historiador nacional.

Ao descrever os *Chieftains* (chefes de tribo) merovíngios, Wallace-hadrill em momento algum utiliza os nomes dos Estados-nação atuais da França e Alemanha, apenas cita Gália. O fato de negar o título de *Rex Francorum* a Clóvis, por não existir tal figura, o transforma em apenas um líder das tribos francas. Os francos não existiam como uma identidade, eles são tratados no texto como ‘bárbaros’ ou ‘germânicos’. Ao relatar a dinastia carolíngia, o vocabulário muda completamente. As referências geográficas deixam de ser a Gália e passam a ser a Itália, a França e a Alemanha. Os bárbaros somem e dão lugar aos francos, nomenclatura antes utilizada timidamente apenas para caracterizar a miscigenação entre germânicos e romanos¹⁴⁵, e, assim, seus soberanos ganham o título de rei. Wallace-hadrill exalta os feitos de Carlos Magno em unificar os francos e lembra que:

*“Ele foi lembrado por séculos nas lendas da Saxônia e apareceu novamente como herói germânico na época dos nazistas. Os francos também estavam muito impressionados por ele.”*¹⁴⁶

Carlos Magno foi, de acordo com Wallace-Hadrill, o primeiro a dar formato ao que seria as atuais França e Alemanha. Além de sua hegemonia política e conquistas territoriais, ele também educou escribas para que os registros de seu reinado fossem compreendidos por clérigos de todas as nacionalidades e incentivou as artes iniciando, assim, o que é conhecido na historiografia por Renascimento Carolíngio. Ele é tido como patrono das monarquias da França e da Alemanha. Além disso, ao transformar o reino franco em império, foi o primeiro a unificar grande parte do território europeu sob um soberano desde o fim do Império Romano. Carlos Magno é peça fundamental para a construção da identidade da Europa. A dinastia merovíngia é o germe da gloriosa dinastia carolíngia e da História dos francos. Eis, para Wallace-Hadrill e muitos outros historiadores que compartilham de sua linha de argumentação, a importância da História dos merovíngios para a construção dos Estados-nação europeus.

¹⁴⁵WALLACE-HADRILL, J.M. **The Barbarian West (400-1000)**. Blackwell Publishing. O autor caracteriza a sociedade franca como uma sociedade de raças misturadas, línguas misturadas e, sobretudo, de casamentos mistos. p. 74.

¹⁴⁶Idem. 1985, p. 98.

E. Ewig, Professor de História Medieval da Universidade de Koblenz-Kandau, em sua obra “*Die Merowinger und das Frankreich*”, que está em sua quarta edição (2001) desde que foi lançada em 1988, remonta a dinastia merovíngia sob a perspectiva dos reinos francos subseqüentes. Ele não faz uma História nacional propriamente dita, mas uma História dos francos, utilizando como fonte principal (entre o reinado de Clóvis e o século VI) as obras de Gregório de Tours, tanto os *Decem Libri Historiarum*, quanto as hagiografias. Gregório de Tours não é tema central em nenhuma passagem de seu estudo, mas são suas narrativas que pautam seu texto.

Patrick Geary, em seu livro publicado em 1988¹⁴⁷, remonta a História da Gália merovíngia. Ele analisa o reino de Clóvis como uma continuidade que não se quebra ao longo da Antiguidade Tardia, intitulada por ele como um período de simbiose entre o Império Romano e os bárbaros. Essa continuidade é observada principalmente durante o século VI. A partir do século VII, inicia-se o que Patrick Geary denomina “transformação do mundo merovíngio”. O título da obra de Patrick Geary já indica sua posição em relação à época merovíngia, ela desencadeou o que hoje chamamos de França e Alemanha. Ele faz uma nova interpretação das fontes fundamentais para a História do período, entre elas a obra de Gregório de Tours, mas mantém a História nacional como linha de interpretação.

2 - Historiador da Igreja

A partir da segunda metade do século XX, depois da II Guerra Mundial, a geopolítica europeia sofreu profundas transformações. As grandes nações da Europa estavam devastadas pela Guerra e passavam por uma árdua reconstrução. A partir de então, os países europeus iniciaram um processo de integração da Europa, que teve como resultado a União Europeia.

Esse processo de reinvenção da Europa e de mudança de perspectivas influenciou diretamente a escrita da História. É notável como a abordagem de Gregório de Tours e de sua obra mudou a partir do fim da II Guerra Mundial. Nesta parte, pretende-se evidenciar tal diferença. Os autores aqui estudados não vêem mais o bispo

¹⁴⁷GEARY, Patrick. **Before France and Germany. The creation and Transformation of the Merovingian World.** 1988.

de Tours como historiador nacional, historiador do povo franco, mas sim como historiador da sociedade cristã, sociedade da igreja.

Thürlemann é professor de História da Arte da Universidade de Konstanz desde 1987. A sua tese de Doutorado foi sobre o Discurso histórico de Gregório de Tours.¹⁴⁸ Ao traçar topologias para estudar a obra de Gregório de Tours, Thürlemann se baseia nas semelhanças entre a estrutura da obra do Bispo de Tours com o antigo testamento. Essa análise foi utilizada na argumentação de autores como Heinzemann, Goffart e Giselle de Nie para solidificar suas teses de que Gregório de Tours não tinha como objetivo escrever uma História dos francos. O livro de Thürlemann foi publicado pela coleção dos seminários históricos da Universidade de Zurique. O trabalho é a dissertação de Thürlemann concluída em 1973.

Felix Thürlemann faz uma tipologia dos *Decem Libri Historiarum*. Ele define tipologia como ‘um método de exegese da Bíblia, no qual são feitos links entre os dois testamentos; um evento (ou pessoa) do velho testamento é vista como uma pré-figuração (*typus* ou *figuro*) de um evento (ou pessoa) do novo testamento, que então aparece como um todo (*anti-typus* ou *matéria*)’.¹⁴⁹ Inicialmente, a tipologia que apresenta dois pólos normalmente baseia-se em um comportamento que apresenta três níveis: a manifestação de Cristo não se dá apenas em realizações, em atos, mas também na promessa do fim do mundo e do Juízo Final; aqueles que acompanharem as providências divinas saberão prever a chegada do Apocalipse.

Uma característica marcante no discurso histórico de Gregório de Tours é a utilização do discurso direto, o qual mostra a variedade de sistemas de referências de pessoas e de tempo usados pelo autor, assim como elementos externos ao discurso do autor. De acordo com Thürlemann, o discurso direto é provavelmente a maneira mais incisiva de se produzir um texto.¹⁵⁰ Seu discurso histórico tem dupla faceta. Há momentos em que Gregório de Tours se propõe a descrever o passado ‘assim como ele foi’, em outros momentos ele ordena o passado, atribuindo aos fatos importância e dizendo o que esses eventos significam em seus contextos. Ele mistura, dessa forma,

¹⁴⁸THÜRLEMANN, Felix. *Das Historische Diskurs bei Gregor von Tours: Topoi und Wirklichkeit*. Bern: Herbert Lang. 1974.

¹⁴⁹Idem. p. 86.

¹⁵⁰Idem, p. 68.

duas descrições: a História da narração de fatos, superada a ‘lógica’ temporal, dá lugar à interpretação da sucessão dos fatos.

O modo como o discurso bíblico é construído, principalmente no Antigo Testamento, no qual o personagem tratado na passagem deixa-se apresentar pelo narrador, é seguido por Gregório de Tours em seus livros de História através do discurso direto. Essa influência estilística da Bíblia também é notada nas obras hagiográficas de Gregório e naquelas contemporâneas a ele.¹⁵¹

Essa intenção de adotar a semelhança com a Bíblia em seus escritos não é puramente formal. O panorama histórico construído por Gregório de Tours tem como finalidade comprovar que os modelos bíblicos se reproduzem em sua sociedade. Tal propósito tem forte base moral. A escolha por seguir os preceitos divinos e a maneira como eram seguidos dividia a sociedade narrada por Gregório de Tours entre ortodoxos e hereges. Ou seja, a confluência ideológica da Bíblia e da obra de Gregório de Tours justifica a utilização do discurso direto semelhante ao adotado no Antigo Testamento.

“*Gregório não escreve História de indivíduos, mas sim História religiosa ligada a indivíduos*”.¹⁵² A tônica de toda obra do Bispo de Tours é fazer um paralelo entre seu tempo e o tempo bíblico, expondo a degeneração de seus contemporâneos, sobretudo daqueles que têm o poder, os reis, que por serem soberanos têm a obrigação de zelar por seus súditos, e não serem os primeiros a quebrar as leis e a conduta cristã.

A ação divina como motor da História era consumada de acordo com o comportamento individual, e a maneira como Gregório de Tours construiu a sua obra evidencia um forte objetivo moralizante. Essa idéia é de suma importância para entender como Gregório de Tours via a História.

Thürlemann afirma que a topologia de pensamento da Idade Média em geral é cíclica. Personagens e acontecimentos em épocas e contextos diversos são correspondentes entre si, como entre o Antigo e o Novo Testamento, o passado e o presente, o Novo Testamento e seu próprio passado. Essa idéia de “vai e vem” entre passado, presente e futuro evidencia como Gregório de Tours entendia o tempo e sua

¹⁵¹THÜRLEMANN, Felix. **Das Historische Diskurs bei Gregor von Tours: Topoi und Wirklichkeit.** Bern: Herbert Lang. 1974, p. 74-77.

¹⁵²Idem, p. 76.

relação com a sociedade. Diferentemente da historiografia moderna, na qual o acontecimento em si e seus desdobramentos são os responsáveis por fazer a História, na época do Bispo de Tours, uma perspectiva sintagmática predomina na idéia de História.

“A História franca volta e meia aparece na obra de Gregório quase como uma paráfrase da História sagrada do Antigo Testamento.”¹⁵³

Tal passagem destaca como Thürlemann aborda Gregório de Tours e sua obra. Ele escreve uma História religiosa dos indivíduos, mais especificamente uma História cristã. A tese do autor é que o Antigo Testamento serve de inspiração, modelo e fonte para o Bispo de Tours.

A História, assim como o mundo, tinha, para Gregório de Tours, começo, meio e fim. Como descreve Thürlemann, um tempo de preparação, um de realização e satisfação e outro de espera. O teórico alemão afirma que Adão e as outras figuras do Antigo Testamento já sabiam da vinda de Cristo, do Anticristo e da figura do salvador. Ou seja, o futuro era o fim do mundo, o juízo final, e todos esperavam por ele. O papel do historiador era descobrir, de maneira precisa, as analogias entre situações e acontecimentos presentes e seus correspondentes no passado sagrado ou profano. Sendo assim, a História dos francos aparece na obra do Bispo de Tours como uma paráfrase da História sagrada do Antigo Testamento.¹⁵⁴

Como Thürlemann faz um estudo do discurso de Gregório de Tours, seu estudo não se preocupa em analisar o período do Bispo de Tours; porém, sua obra é de capital importância para os estudiosos posteriores. Sua análise cuidadosa e detalhada da obra do bispo e de categorias como *Historie* e *Geschichte* o colocam como um dos principais teóricos da produção de Gregório de Tours.

O conceito de *ecclesia* é muito importante para entender as idéias sociais e a lógica de sua historiografia. Tal conceito foi explicado no primeiro e último livros dos *Decem Libri Historiarum*. Além do significado literal de *ecclesia* como o espaço físico da igreja, assim como a instituição, a obra do Bispo de Tours a descreve como a Igreja

¹⁵³THÜRLEMANN, Felix. **Das Historische Diskurs bei Gregor von Tours: Topoi und Wirklichkeit**. Bern: Herbert Lang. 1974. p. 90. Ele cita como exemplo HIST IV, 20. Neste trecho o personagem tem dupla referência. Há uma aproximação entre o comportamento de seu tipo no Antigo Testamento e o antítipo na História franca, nesse caso respectivamente os personagens merovíngios Clotário e Chramn e os bíblicos David e Absalom.

¹⁵⁴Idem, p. 87-90.

de Cristo, como a comunidade dos santos. A Igreja idealizada por Gregório de Tours visa preparar os fiéis para o Julgamento Final. Além desse conceito fundamental, Heinzelmann defende que os *Decem Libri Historiarum* são a História de uma sociedade pelo grande interesse que o bispo tem nos reis e na descrição de seus governos.

A obra “*Studium zur Bewertung von Zahlenangaben in der Geschichtsschreibung des Früheren Mittelalters: Die Decem Libri Historiarum Gregors von Tours und die Chronica Reginos von Prüm*” é a tese de Doutorado de Regine Sonntag, concluída em 1986, na Universidade de Munique. Ao analisar os dados numéricos da obra de Gregório de Tours, ela demonstra que a perspectiva temporal do bispo é baseada no antigo testamento. Sendo assim, toda a argumentação se constrói através da História cristã e não da História do povo franco.

O estudo e qualificação de dados e complexos numéricos na historiografia sobre a Idade Média normalmente são abordados ao fazer-se referência à cronologia ou à História econômica. Esses dados são considerados demasiado amplos pela autora e o seu estudo é pioneiro ao abordá-los como centro de um estudo da Alta Idade Média.

Ela faz um estudo bastante sistemático da obra de Gregório de Tours, seguindo a ordem dos livros e os analisando um a um. No estudo do primeiro livro dos *Decem Libri Historiarum*, a autora afirma que o Bispo de Tours detalha sua fé e desenvolve seu trabalho a partir da Gênese.¹⁵⁵ O começo da História narrada por Gregório é uma síntese da Gênese bíblica. A principal fonte e exemplo de Gregório de Tours é o Antigo Testamento. Pouco do Novo Testamento é citado por ele; de acordo com a autora, o evangelho de Mateus é o único usado pelo bispo.¹⁵⁶

Na obra de Gregório de Tours aparecem Histórias de flagelo dos mártires com frequência, principalmente nas hagiografias, mas também nos *Decem Libri Historiarum*. R. Sonntag cita G. Kurth¹⁵⁷ e traça um paralelo entre as listas de bispos descritas por Gregório de Tours e a hagiografia espanhola. A tradição oral teria preservado muitas das tradições, feitos e Histórias dos bispos mártires que foram

¹⁵⁵THÜRLEMANN, Felix. **Das Historische Diskurs bei Gregor von Tours: Topoi und Wirklichkeit**. Bern: Herbert Lang. 1974, p. 12.

¹⁵⁶A parte a qual ela se refere é a missão designada por Jesus de batizar o povo de Deus in nomine *Patris et Filii et Spiritus Sancti*. Essa é uma das raízes da crença da Igreja.

¹⁵⁷KURTH, G. **Etudes Franques II**. Paris-Brüssel. 1919.

compiladas e narradas pelo Bispo de Tours. Tal narrativa segue a lei de Deus de manter a unidade da Fé cristã.¹⁵⁸

O maior problema de registros numéricos no segundo livro de Gregório de Tours é a cronologia do reinado de Clóvis. O rei franco é o centro do segundo livro. R. Sonntag defende a tese segundo a qual Gregório de Tours manipulou a cronologia do reinado de Clóvis para igualá-la à cronologia de outras fontes de seu tempo. O exemplo por ela citado é o sincronismo do ano da morte de Clóvis na conclusão do capítulo 43 e a contagem dos anos tendo como referência a morte de São Martinho e o episcopado de *Licinius*. O nascimento de São Martinho é um marco para a História franca. A contagem do livro II, capítulo 43, aponta que Clóvis tenha morrido após 112 anos da morte de São Martinho no 11º ano do episcopado de *Licinius* (ela situa a data de morte de São Martinho em 397, e a de Clóvis em 509). A contagem é apresentada no livro X 31.

Houve manipulação também na data de nascimento dos filhos de Clóvis (Teuderico, Childeberto, Clodechilde e Clotar) e, de acordo com a autora, essa maneira de apresentar uma concordância interna entre a cronologia da vida de Clóvis e de seus anos de reinado evidencia novamente a intenção de traçar paralelos entre as figuras de poder temporal (reis) e representantes de Deus (mártires e santos).¹⁵⁹ Essa manipulação das datas, que ocorre para que a cronologia faça sentido dentro da lógica bíblica traçada por Gregório de Tours, é um argumento que mostra que o Bispo de Tours escreve uma História da Igreja e não uma História do povo franco.

Gregório de Tours, no capítulo 31 do livro II, descreve a conversão e batismo de três mil soldados de Clóvis. A autora aponta que o tamanho e, conseqüentemente, a força do exército de Clóvis realmente tinham essa dimensão descrita por Gregório de Tours. Não há descrições do tamanho dos exércitos no início do período merovíngio em outras fontes; sendo assim, a autora questiona a fidedignidade dessa proporção narrada pelo Bispo de Tours. Autores como Ferdinand Lot¹⁶⁰ e B.S Bachrach¹⁶¹ acreditam que o exército franco na época de Clóvis contava com cerca de seis mil soldados. Desse modo, a conversão não foi da totalidade do exército, mas sim da metade dele. A

¹⁵⁸SONNTAG, Regine. **Studien zur Bewertung Von zahlenangaben in der Geschichtsschreibung des Früheren Mittelalters. Die Decen Libri Historiarum Gregor von Tours und die Chronica Regnos von Prüm.** Kallmünz: Michael Lassleben. 1987, p. 15-18.

¹⁵⁹SONNTAG, Regine. **Studien zur Bewertung Von zahlenangaben in der Geschichtsschreibung des Früheren Mittelalters. Die Decen Libri Historiarum Gregor von Tours und die Chronica Regnos von Prüm.** Kallmünz: Michael Lassleben. 1987, p. 20-22.

¹⁶⁰LOT, Ferdinand. **L'art militaire et les armées au moyen âge en Europa et dans la Proche Orient, Tome premier.** Paris. 1946.

¹⁶¹BACHRACH, B.S. **Merovingian Military organization 481-751.** Minneapolis. 1972.

quantidade narrada por Gregório, de acordo com R. Sonntag, já era o suficiente para impressionar seus contemporâneos. A maneira radiante com a qual ele narrava o batismo de Clóvis e de seus guerreiros pela vontade e intervenção divina tinha como objetivo harmonizar a população e sedimentar as classificações sociais de seu tempo.¹⁶²

O livro II, que narra o reinado de Clóvis e sua conversão, é um dos mais explorados por aqueles que defendem que Gregório de Tours. O capítulo 31 é especialmente importante, pois narra o batismo de Clóvis e de seu exército. Tal conversão tem como desdobramento vitórias em batalhas, como por exemplo, a batalha de Vouillé, contra os godos, narrada no capítulo 37 do livro II.

A maneira como ocorreu a conversão é essencial para entender o argumento dos autores que defendem que Gregório de Tours é um historiador da Igreja e não do povo franco. Os questionamentos levantados por R. Sonntag e a maneira como ela interpreta os dados numéricos ao longo da obra do Bispo de Tours evidenciam que ela o identifica como historiador da Igreja. O papel do Bispo de Reims, São Remígio, é esclarecedor. Ele, como enviado de Deus e com a Sua ajuda, convence todo o exército de Clóvis a se converter sem que o rei tenha que intervir. As conseqüências temporais dessa conversão também deixam claro que a esfera sagrada e a secular funcionam de maneira complementar, ou seja, a força divina é onipotente e onipresente.

A contagem das baixas no exército dos Vândalos, 20 mil soldados mortos pelos francos, no capítulo 9 do livro II, é para R. Sonntag excessiva. Além disso, o paralelo traçado entre os vândalos e o destino de povos que tiveram o mesmo fim no Antigo Testamento por não seguirem a palavra de Deus demonstra a ligação traçada por Gregório de Tours entre a História dos reis francos e o Antigo Testamento. As fontes usadas por Gregório de Tours e muitas vezes transcritas nos *Decem Libri Historiarum* são *Renatus Profuturos Frigeridus* e o Antigo Testamento. Essa idéia de que o poder divino por si só define o desenvolvimento e o desfecho de guerras também é notada ao longo de grande parte do Antigo Testamento. A Bíblia, com ênfase quase que absoluta no Antigo Testamento, é a base e a baliza utilizada por Gregório de Tours em sua obra. Sendo assim, narrar as batalhas, conquistas e feitos dos francos é, para o Bispo de Tours, igualar a lógica da História de seus contemporâneos à História bíblica.

¹⁶²SONNTAG, Regine. **Studien zur Bewertung Von zahlenangaben in der Geschichtsschreibung des Früheren Mittelalters. Die Decem Libri Historiarum Gregor von Tours und die Chronica Regnos von Prüm.** Kallmünz: Michael Lassleben. 1987, p. 26-28.

O livro III narra a divisão do reino de Clóvis entre os filhos e acaba com a morte de Teudeberto. Esse livro contém 72 registros numéricos. R. Sonntag afirma que 10 deles se referem à Trindade, 10 são sobre informações cronológicas de diversos bispos, 19 tratam de lendas e crônicas, 12 são sobre informações genealógicas e cronológicas de aspectos principais da História merovíngia, 5 são relacionados a informações financeiras, 2 têm como objetivo demonstrar modelos bíblicos e os outros 14 registros são de áreas diversas.¹⁶³ O III livro também deixa claro o interesse, prioridade e intenção de demonstrar o modelo bíblico. A introdução evidencia as relações e descrições como base e exemplos, sobretudo, do Antigo Testamento.¹⁶⁴

E assim segue a autora, de livro em livro, fazendo um levantamento detalhado do uso numérico na obra de Gregório de Tours.¹⁶⁵ A partir desses dados, ela esboça a importância dos números no trabalho de Gregório de Tours e como essa importância se altera no decorrer da obra. No livro IV o centro dos dados numéricos são informações

¹⁶³ SONNTAG, Regine. **Studien zur Bewertung Von zahlenangaben in der Geschichtsschreibung des Früheren Mittelalters. Die Decem Libri Historiarum Gregor von Tours und die Chronica Regnos von Prüm.** Kallmünz: Michael Lassleben. 1987. P. 34. R. Sonntag afirma que as fontes utilizadas pelo Bispo de Tours são tanto orais quanto escritas.

¹⁶⁴Hist III Introdução: “Eu gostaria de fazer uma breve comparação entre os resultados positivos dos cristãos que acreditam na Santíssima Trindade e as desgraças que caíram sobre aqueles que tentaram destruí-la. Eu deixarei de lado, como Abraão adorou a Trindade sobre uma árvore, como Jacob a proclamou em suas bênçãos, como Moisés a viu em uma moita, como as crianças de Israel a seguiram com as nuvens até as montanhas. Eu não devo descrever como Aarão sustentou a Trindade em seu peito e como Davi a professou como salmo, rezando para que um Espírito digno renascesse nela e que o Espírito Santo não fosse dela removido e fosse fortalecido pelo Espírito livre do Senhor.” (...)

¹⁶⁵Em um resumo da aparição dos números nos *Decem Libri Historiarum*, Sonntag faz o seguinte resumo:

“No primeiro livro o número 1 é apresentado por volta de 20 vezes; por volta de 10 vezes aparecem os números 2, 3 e 4; 4 vezes os números 7, 10 e 14; 2 vezes os números 5, 6, 11, 12 e 19. No segundo livro o número 1 é citado 20 vezes; 9 vezes os números 2 e 3; 7 vezes o número 7; 4 vezes os números 4 e 5; 2 vezes os números 6, 11 e 15; o número 12, assim como os números 14, 20, 22, 25 e 27, aparece apenas 1 vez. O terceiro livro inclui em suas páginas 16 vezes os números 1 e 3; os números 2 e 4, 6 vezes; o número 12, assim como os números 14 e 30, 2 vezes. O livro IV apresenta os números 1, 2 e 4 10 vezes; um pouco mais freqüente, 13 vezes, o número 3. O número 7 fica um pouco atrás com 5 citações; o número 12, ao contrário dos outros números, não aparece nesse livro. No quinto livro o número 1 fica ainda mais freqüente, chega a 50 citações, seguido pelo número 3, com 30 citações e pelo número 2, com 25. O número 12 é encontrado 2 vezes, assim como os números 6, 15, 18 e 30. No sexto livro, o número 6 atinge 30 aparições, o número 2 chega a 14 e o número 3 a 12. Os números 5, 7, 8 e 9 aparecem 2 vezes e o número 12 novamente não é citado nenhuma vez. No livro VII cita-se 20 vezes o número 1, 15 vezes o número 2, 11 vezes o número 3, 4 vezes o número 4; os números 9, 10 e 15 aparecem 2 vezes e o número 12 aparece 1 vez. No oitavo livro o número 1 é encontrado 20 vezes, os números 2 e 3 são vistos 12 vezes; os números 4, 5, 8 e 12, 3 vezes; o número 7, 6 vezes. No nono livro o número 1 aparece mais de 30 vezes, o número 3 21 vezes, o número 2 18 vezes. Seguidos pelos números 4 (6 vezes) e 7 (4 vezes); 8, 9, 12, 13, 14 são citados 2 vezes. No décimo livro o número 1 também é encontrado mais do que 30 vezes, os números 2 e 3 aparecem 15 vezes; 6 e 7, 7 vezes; 4 e 5, 5 vezes; 8, 9, 12, 20, 22, 2 vezes.” SONNTAG, Regine. **Studien zur Bewertung Von zahlenangaben in der Geschichtsschreibung des Früheren Mittelalters. Die Decem Libri Historiarum Gregor von Tours und die Chronica Regnos von Prüm.** Kallmünz: Michael Lassleben. 1987. p. 85.

de genealogias e cronologia. A partir do livro V, no qual se inicia a narrativa do tempo contemporâneo a Gregório de Tours, a questão cronológica e da fidedignidade dos dados descritos por Gregório são analisadas cuidadosamente. Ao longo de todo o livro, Regine Sonntag utiliza a arqueologia como contraponto das evidências deixadas por Gregório de Tours. Essa comparação coloca em cheque descrições sobre o tesouro real, sobre detalhes de batalhas, entre outras.

“*Gregório de Tours era um administrador capaz, astuto diplomata e um bispo corajoso e santo. Ele também era um contador de histórias.*”¹⁶⁶

Atualmente Giselle de Nie é uma acadêmica independente. Antes de se aposentar, ela estava ligada ao departamento de História Medieval da Universidade de Utrecht na Holanda e começou a conclusão de seu livro *Views from a many windowed Tower. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours*. Em sua obra de 1987, a autora faz um estudo do imaginário de Gregório de Tours. Esse livro é o seu trabalho de doutorado. Ela faz um apanhado geral da obra de Gregório, mas se foca principalmente nas hagiografias, sendo essas as fontes centrais da segunda e terceira parte do livro. A primeira parte do estudo tem como fonte principal os *Decem Libri Historiarum*.

Giselle de Nie é uma grande crítica da historiografia que estigmatiza Gregório de Tours como ingênuo, que ridiculariza a crença do Bispo de Tours nos milagres por ele narrados e questiona a veracidade dos fatos por ele apresentados. Em resposta a essa leitura, a autora se propõe a encontrar uma lógica na narrativa de Gregório de Tours. O primeiro passo, de acordo com ela, é rever a organização do material disponível, que esses historiadores tomaram como base a lógica do latim clássico. Tendo em vista esse parâmetro, as obras do Bispo de Tours têm uma maneira de se expressar estranha e sem ordem. Tais historiadores não atribuem a sua narração apenas à incompetência pessoal de Gregório de Tours, mas à influência da sociedade caótica e semibárbara na qual ele se encontrava.¹⁶⁷

Para Giselle de Nie, a obra de Gregório de Tours deve ser lida e interpretada de maneira não discursiva. Sendo assim, ela tenta encontrar relações e significados além da superfície da narrativa através das formulações obscuras, aparentes contradições e lacunas na continuidade de suas apresentações. Ela constrói uma coerência que consiste na integração de imagens em vez de conceitos e pensa em maneira não discursiva em

¹⁶⁶ NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 295.

¹⁶⁷ Idem, p. 1.

oposição a uma interpretação sistemática.¹⁶⁸ Essa é a grande diferença de Giselle de Nie e os outros autores analisados nessa pesquisa.

Ainda de acordo com Nie, até o fim do século VI Gregório de Tours é o único historiador-hagiógrafo que usa não somente o imaginário com grande frequência, mas também relata numerosas percepções de fenômenos luminosos no contexto do cotidiano da vida religiosa.¹⁶⁹

Dill,¹⁷⁰ em 1926, tinha uma opinião parecida à de Giselle de Nie sobre Gregório de Tours. Ele o qualifica como eminente administrador, diplomata astuto, bispo independente e santo, que dedicou tempo para escrever um texto original e enérgico, o que, de acordo com Dill era incomum para a sua época. Ou seja, apesar de ter uma visão positiva do bispo-historiador, ele mantém a análise de que a Gália merovíngia do século VI não tinha espaço para tal tipo de produção intelectual. Seguindo para 1983, L. Pietri¹⁷¹, autora de uma das mais recentes biografias de Gregório de Tours, reafirma os elogios feitos por Dill ao bispo. Ela afirma que Gregório foi eficiente ao fazer de Tours um símbolo da esperança cristã em uma época de violência e miséria. Ora, tendo em vista esses autores citados, não houve grande mudança de perspectiva sobre o tempo de Gregório de Tours, mas sim da imagem do bispo-historiador para a autora em questão.

Essa visão de que Gregório de Tours era uma exceção em um mundo primitivo e violento fica evidente na passagem abaixo:

“O modo de governo Merovíngio era uma monarquia primitiva Germânica, normalmente dividida entre vários reis guerreiros, que não podiam evitar a justiça arbitrária ou a violência de seus oficiais, conseguiam ainda menos manter controle sobre homens poderosos que queriam somar a sua propriedade a de seu vizinho ou oprimir os pobres; parte das histórias de Gregório mostram isso. Pelo menos a partir do século V, as cidades perderam sua vitalidade, a comunicação se tornou mais perigosa e difícil, o comércio desacelerou, a população começou a ir para o campo aonde podia encontrar trabalho e proteção perto ou nos estados de grande quantidade de terra da aristocracia Galo-romana, nos férteis vales dos rios. (...) Além da insegurança física devido à incapacidade do governo e das guerras civis, as primitivas e insalubres e a má nutrição crônica de grande parte da população possivelmente foi

¹⁶⁸ NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987. p. 1.

¹⁶⁹ Idem, p. 25.

¹⁷⁰ DILL, S. **Roman Society in Gaul in the Merovingian age**. London. 1926. Reimpresso em 1966.

¹⁷¹ Pietri, L. *La ville de Tours de IV au Vie siècle: naissance d'une cite chrétienne*. Roma. 1983.

*um dos fatores da recorrência de epidemias de praga bubônica, disenteria e cólera, de 546 em diante. As descrições de Gregório dão a impressão distinta que toda essa insegurança e miséria levava para muitos níveis padecimentos nervoso e desordem psíquica. Quem quisesse sobreviver nessa sociedade tinha que ser capaz de se proteger e usar algum tipo de influência ou poder para alcançar seus objetivos. Não pode ser acidental o fato de a maioria das histórias de Gregório, de uma maneira ou de outra, serem sobre poder, tanto físico quanto psicológico”.*¹⁷²

Esse trecho é extremamente rico ao descrever que praticamente todas as esferas da sociedade do Bispo de Tours eram decadentes: a política, a justiça, a saúde, a economia e as relações sociais. Todas essas conclusões são baseadas nas narrativas de Gregório de Tours. No que tal panorama difere da historiografia que Heinzelmann e mesmo Giselle de Nie julgam criticar tão veementemente? Essa idéia de uma idade média violenta e sem progressos, de ruralização da população e da economia, de poderes de proprietários de grandes extensões de terra, de reis guerreiros que estavam mais ocupados em batalhas entre si do que na manutenção e desenvolvimento de seus reinos, da população padecendo de males terríveis é o discurso propagado nos últimos séculos acerca de tal período.

Nie cria um Oásis nesse cenário: Tours. Na cidade na qual Gregório era bispo, ele lutava para diminuir as injustiças e fazer com que o mundo funcionasse de acordo com os preceitos divinos. Ele zelava pela justiça, pela paz entre os reis. Por seu esforço, Tours tornou-se a cidade mais importante e centro de peregrinação do reino franco.¹⁷³ A arma do bispo era a ameaça da punição sobrenatural, tema que a autora desenvolve detalhadamente em sua obra.

Giselle de Nie faz uma análise historiográfica bastante densa. Ela abarca desde Ampère (1839) até seus contemporâneos.¹⁷⁴ Sua maior crítica à historiografia e ao modo como eles abordaram as obras de Gregório é a afirmação de falta de lógica, a descontinuidade, a ingenuidade e sua categorização mais como romancista do que como

¹⁷²NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower.** Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 4.

¹⁷³Idem, p. 7.

¹⁷⁴Os autores citados por Giselle de Nie são: Ampère (1839); W. Giesebrecht (1851); R. Köpke (1852); G. Monod (1872); A. Ebert (1874); L. Löbell (1869); W. Wattenbach (1952); W. Levison (1952); F.W.N Hugenholtz (1960); G. Misch (1955), Ganshof (1966); F. Thürlemann (1974); P. Zumthor (1954); H.L. Mikoletzky (1970); S. Boesch Gajano (1977); F. Brunhölzl (1975); B. samalley (1952); D. Bianchi (1961); I. Blume; S. Hellmann (1911); L.Halphen (1925);B. Krusch (1931); J.W Thompson (1924); Auerbach (1946); Walter (1966); P.Gaultier Dalché (1982). Nie, Giselle de. *Views from a many windowed Tower. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours.* Studies in Classical Antiquity – Band 7. Rodopi. Amsterdam. 1987, p. 10-22.

historiador. Ela aponta também autores que já apontam para uma busca de lógica diferente dessa. Uma lógica cristã, com coerência religiosa.

Giselle de Nie tenta descobrir o que Gregório de Tours não disse: o que ele pensou e imaginou para construir suas descontinuidades e ambigüidades nas suas descrições ‘visuais’ e ‘miraculosas’; assim, ela pretende encontrar uma lógica interna na obra do Bispo de Tours. De acordo com ela, sua falta de exatidão de tempo, por um lado, e a preferência pela ordem cronológica e tipologia, por outro, não explicam totalmente as descontinuidades no todo da composição de sua obra ou a imprecisão na apresentação de eventos individuais. A escolha de Nie para construir sua tese é dar atenção aos fenômenos naturais ordinários, extraordinários e prodígios, o imaginário e percepções de luminosidade e sonhos, visões e aparições ligadas aos santos.¹⁷⁵

Giselle de Nie tenta, para tornar o pensamento de Gregório de Tours mais inteligível para os europeus do século XX, isolar modelos que sejam muito diferentes da realidade européia contemporânea. Essa afirmação da autora deixa bastante claro quem são seus interlocutores, seu público-alvo. Creio que isso mostra também quem está interessado no tema: a Europa. Ela tenta aproximar seus contemporâneos a Gregório de Tours, mostrando o pensamento do Bispo-historiador sobre sua realidade, e descobrir as relações em seu ambiente social. Para ela, muito de seu pensamento continua com características de mudanças sociais que persistem através de séculos e que estão relatadas de maneira secundária em sua realidade social. Ela pretende, também, mostrar que sua ‘ingenuidade’ é uma ilusão intelectual dos historiadores modernos.¹⁷⁶

O livro de Giselle de Nie é dividido em quatro partes: *Roses in January. Discontinuity and coherence in the Histories; The Wonders of nature. Models of sudden transformation; Light and Fire in a ‘Dark World’. Metaphors and reality e Dreams of a venerable Person. The Power of an ideal.*¹⁷⁷ A mudança de foco se dá, principalmente, pelos documentos analisados em cada parte do livro. Na primeira parte a obra fundamental é *Decem Libri Historiarum*. Na segunda, terceira e quarta partes do livro ela se concentra nas obras hagiográficas do bispo: *In gloria martyrum, De virtutibus sancti Juliani, De virtutibus sancti Martini, In gloria confessorum, Vitae patrum*. Porém

¹⁷⁵NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987. p. 22-24.

¹⁷⁶Idem. p. 25-26.

¹⁷⁷Traduções livres dos títulos das partes do livro de Giselle de Nie: Rosas em janeiro. Descontinuidade e coerência nas Histórias; As maravilhas da natureza. Modelos de mudanças súbitas; Luz e fogo no ‘mundo das trevas’. Metáforas e realidade e Sonhos com pessoas veneráveis. O poder de um ideal.

os *Decem Libri Historiarum* está presente em todas as partes, mas nas últimas partes é apenas usado pontualmente. O objetivo, a partir de agora, é fazer uma análise das partes componentes do livro de Giselle para desconstruir sua tese.

Ela afirma, na introdução da primeira parte, que a primeira vista os *Decem Libri Historiarum* parecem ser exatamente o que os historiadores modernos o rotulam, uma coleção de eventos desconexos. Ela trabalha toda essa parte do livro para construir uma coerência no livro do Bispo de Tours. Para tanto, ela volta sua atenção para os prodígios e milagres narrados por Gregório de Tours e sua ordem na obra. Ela diz que ele não foi o primeiro a notar e relatar sinais e prodígios, pois observá-los era tradição no mundo antigo (antiguidade tardia e fim Império Romano).¹⁷⁸

Um tema constante nos *Decem Libri Historiarum* são as mortes de reis, suas circunstâncias e causas. Giselle de Nie diz que suas mortes foram anunciadas por sinais ou visões, o que confirma que elas foram conseqüências de punição divina. As causas naturais e sobrenaturais agem de maneira paralela, complementares. Exemplos desses sinais são: o título do capítulo, “Rosas em Janeiro”, época na qual não há rosas; tempestades e secas que destroem as plantações, peste no gado e outras devastações da natureza.¹⁷⁹

Os sinais vistos pelo Bispo-historiador são interpretados das seguintes maneiras pela autora: ligados a destruições ou devastações, como as ligadas à morte de Chilperico, e ligados a indicações de Deus de que o fim do mundo está se aproximando. Há ainda sinais que nem Gregório consegue explicar, nesse ponto a autora questiona se ele busca uma explicação alternativa as já apresentadas pela historiografia.¹⁸⁰

Os prefácios são, também para Giselle de Nie, fundamentais para interpretar os *Decem Libri Historiarum*. Ela também se preocupa em como Gregório de Tours constrói sua cronologia, como ele conta os anos e, assim, a ordem de sucessão de eras e tempos. Para ele, o fim do mundo está próximo e é com esse fim que ele lida e

¹⁷⁸NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 29-34. Esses sinais e visões descritos por Gregório de Tours são, por exemplo, pragas, anúncios de morte de reis, guerras. Exemplos: *Hist* 1. 20; *Hist*. 2.3, *Hist*. 2.18, 19, *Hist*. 2.34, *Hist*. 2.43, *Hist*. 3. 36, 37, *Hist*. 4.20, 21, *Hist*. 4. 31, *Hist*. 4.51, *Hist*. 4.9, *Hist*. 5.41, *Hist*. 5.50, *Hist*. 7.4.13-4.

¹⁷⁹Idem, p. 38-44.

¹⁸⁰Idem, p. 46.

interpreta a sua realidade. Conhecer as manifestações do fim do mundo e da vinda do Anticristo é algo constante em sua obra.¹⁸¹

De acordo com ela, Gregório é pessimista nos prefácios. Tem duas esferas do mundo: o bom e o mau. O bom está latente e o mau é o que reina em seu tempo.¹⁸² Novamente aqui se encontra a idéia de tempos turbulentos. Por exemplo, quando os reis da Burgúndia, que são arianos, são assolados e derrotados em guerras e batalhas terríveis, ou, em 593, quando os reis não levaram em conta a opinião dos bispos e a guerra civil na Gália se aprofundou.¹⁸³

Na conclusão da primeira parte de seu livro, Nie afirma que Gregório de Tours espera que eventos casuais e desconexos na história e na natureza exibam congruência, modelos sincrônicos que é para ele o fator construtivo de um período coerente da História humana ou de um 'tempo'. Os eventos são descontínuos porque a lógica não é puramente vertical e cronológica e a causalidade não é temporal. A causa é vertical, são reflexos da ação divina. Deus sempre está presente ou é chamado para participar dos casos referentes à humanidade. É Deus que intervém para interromper ou alterar o curso da vida e história humanas.¹⁸⁴

O uso dos *Decem Libri Historiarum* pela autora se restringe aos relatos de sinais, prodígios, sonhos e fenômenos sobrenaturais. Ela tem como foco de seu estudo não a Gália Merovíngia, mas o modo como Gregório de Tours interpreta seu mundo. Talvez seja por isso que ela mantenha a visão historiográfica da Gália merovíngia como um período de violência irracional e de estagnação cultural, econômica e política.

A partir da segunda parte do livro, o corpo documental muda. O foco é na produção hagiográfica de Gregório de Tours, porém o tema segue o mesmo. Ela busca construir uma coerência em seu pensamento. Para tanto, recorre às maravilhas da natureza e como essas são interpretadas pela ótica do Bispo de Tours.

Os milagres e revelações entram nessa categoria. São feitos de homens santificados que alteram a natureza, a ordem natural do mundo. Os fenômenos da

¹⁸¹Nas páginas 59 – 68 ela explica melhor como os historiadores da cronologia abordam o tema e esmiúça essa divisão cronológica por ele construída. Como esse não é o ponto nesse momento não me estenderei na citação.

¹⁸²NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 56-58.

¹⁸³Hist. IV.47.

¹⁸⁴NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 69.

natureza são renovados, recriados e manipulados por Deus para demonstrar sua ira ou satisfação.

A água é uma das maravilhas por ela analisada e em seus sub-capítulos ela explora maravilhas da natureza conectadas com esse elemento. A água renova a vida, os mares, alimenta as plantações e é essa a idéia da renovação divina. ‘*The living spring*’¹⁸⁵ é chamada por Giselle de Nie de símbolo da vida eterna divina. Ela diferencia a primavera comum da ‘*living spring*’, dizendo que a primavera já era usada por práticas religiosas e mitologias desde o neolítico e por isso a Igreja católica opta por não usar a mesma terminologia. A primavera [*the living spring*] , quando faz parte de uma visão é sinal de regeneração, renovação, revelação do poder divino, uma epifania.¹⁸⁶ Para Giselle de Nie, a renovação através do poder divino é um dos elementos centrais do pensamento de Gregório de Tours.¹⁸⁷

Ela discute a ambivalência do significado do poder do santo dentro da lógica construída por Gregório de Tours: é seu prestígio no paraíso que facilita que ele persuada Deus a lhe garantir esse poder ou é Deus que delega tal poder que ele dispõe?¹⁸⁸ Essa questão ela não consegue resolver em sua tese.

Giselle de Nie explora, nessa segunda parte, como Deus age ou é convocado a agir na Terra, sempre salvando os inocentes e punindo os transgressores. Uma das ferramentas mais usadas para chamar Deus a participar e interagir no mundo é através de ordálios¹⁸⁹ e da ação dos santos. Esses são os fenômenos observáveis da presença divina, sendo que a imagem de Cristo fica secundária nessas narrativas citadas pela autora.

Gregório de Tours, de acordo com a autora, interpreta o visível como metáfora do invisível. A ausência de sinais físicos após o ordálio (seja o da água fervendo, de brasas, entre outros) é a prova divina da inocência do acusado. O ordálio era a maneira como Deus era chamado para intervir e resolver diretamente os conflitos sociais e religiosos. Os ordálios não eram institucionalizados na época de Gregório de Tours, mas

¹⁸⁵ No texto de Giselle de Nie (página 77) ela chama usa o termo “the living spring”. Usarei o termo em inglês para evitar distorções do termo. Uma tradução possível é ‘primavera viva’.

¹⁸⁶ Exemplos citados nas páginas 79-81 da obra de Giselle de Nie são tirados das *Hist. I. 47.*, *Hist. VI.29.*, *Hist. VI.43.*, *Glor. Mart. V, XXIII, XXIV.*

¹⁸⁷ NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower.** Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 84.

¹⁸⁸ Idem, p. 86.

¹⁸⁹ Entre as páginas 96 e 97 Giselle de Nie descreve e analisa duas histórias que poderiam ser confundidas com ordálios, mas não são assim designados por Gregório de Tours. Assim como ela analisa casos de pessoas condenadas que são salvas por santos e a ação de santos através de relíquias.

Giselle de Nie diz que as histórias que ela analisa mostram como funcionava a mentalidade da sociedade na época de Gregório e abre caminho para o ordálio cristão.¹⁹⁰

Giselle de Nie defende a tese de que a utilização da intervenção direta de Deus tem uma função social, principalmente para a igreja. Essa era a arma que os bispos tinham em tempos violentos como o que Gregório de Tours vivia. Ela descreve a sociedade merovíngia do século VI como ‘insuficientemente ordenada’.¹⁹¹ Ao bispo, restava confiar na ordem e justiça divinas, acreditar na concretude da ação divina tendo em vista a desordem e violência de sua realidade. E são através dos fenômenos naturais que Deus se faz visível. Tal opinião de Giselle de Nie mantém o discurso da época merovíngia como decadente, violenta e irracional. Gregório de Tours é, nesse contexto, uma vela na escuridão. Ele luta contra as guerras civis e autodestrutivas; as tempestades, ventos e nuvens são por ele interpretadas como ações diabólicas que poderiam ser amenizadas com rezas ou invocação de santos e relíquias.¹⁹²

Outros elementos analisados pela autora. Todos eles servem de conexão entre o mundo temporal e espiritual. A água é às vezes sinal de perigo e violência e, em outros momentos, manifestação divina através da renovação, tanto da natureza quanto dos homens. Os milagres descritos através da água vão de cura de doenças a prevenção da Guerra civil.¹⁹³ O germinar como prova da ressurreição, o brotar da palavra de Deus no coração dos homens e o fato de não estar ligado à morte é colocado pela autora como uma interpretação original de Gregório de Tours.¹⁹⁴ A árvore, como imagem que liga o céu e a terra, com raízes na terra e seus galhos no céu, também é explorada pela Giselle de Nie: eram normalmente perto de árvores que aconteciam as teofânias.¹⁹⁵ As flores completam os elementos retirados da flora analisados por Giselle de Nie na obra do Bispo de Tours. Duas tem destaque: as rosas e as violetas. Seu aroma é relacionado com o paraíso.¹⁹⁶

A idéia central do argumento de Giselle de Nie é retomada ao longo do texto nas conclusões, tanto dos capítulos, quanto na final, é que o pensamento de Gregório de

¹⁹⁰NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 102.

¹⁹¹Idem. 1987, p. 103-104.

¹⁹²Idem, p. 105-106.

¹⁹³Idem, p. 107-108.

¹⁹⁴Idem, p. 110.

¹⁹⁵Idem, p. 116-118. Ela afirma que a árvore já tem essa conotação na tradição nórdica e judaica.

¹⁹⁶Idem, p. 123.

Tours segue as leis do imaginário e não a lógica da razão. As imagens não são abordadas como abstratas, mas sim relacionadas pela sua lógica visual.

Os santos e o poder milagroso que eles representam, a verdadeira e nova vida como dádiva divina, não podem ser vistos como necessidades sociais simplesmente. Gregório de Tours, de acordo com a autora, não tinha como objetivo renovar a sociedade, apesar dela reconhecer que as circunstâncias o levaram a inovar muito em sua época. O objetivo dos homens era salvar sua alma, merecer o Paraíso, e não pensar sistematicamente ou de maneira construtiva a sociedade em que viviam. Os modelos de transformação súbitas e as imagens que estruturam sua visão têm função social, mas elas não derivam de sua sociedade. Elas são parte da visão de mundo Cristão da antiguidade tardia na qual o bispo foi educado.¹⁹⁷ Sendo assim, a autora é contraditória, a sociedade merovíngia do século VI era alienada, não se analisava, não buscava resolver seus problemas e falhas. Gregório de Tours é uma exceção, uma luz na escuridão. Ele se educou e cresceu nessa sociedade carente de crítica e de ação transformadora, mas foi essa mesma sociedade que gerou um autor capaz de analisar e propor mudanças.

A descrição e análise de uma visão de Salvius são seguidas de um questionamento:¹⁹⁸ “*Salvius se refere à sua realidade contemporânea, violenta e meio-bárbara do século VI da Gália?*”, ela segue ainda, na página 133, dizendo que na antiguidade tardia o mundo pode ter parecido com ‘trevas’ porque as filosofias pagãs e a teologia cristã eram dominadas por um ideal tradicional de um mundo espiritual superior ligado a uma luz imaginária. Eram celebradas as vitórias da iluminação divina sobre as trevas. A visão de mundo dualista pode ser uma explicação à citação de Salvius, mas, analisando o livro como um todo, essa opinião de uma era violenta e bárbara acompanham Giselle de Nie.

Ao falar das chamas do inferno como imagens inspiradoras de medo, Giselle de Nie cita a idéia de Le Goff, que afirma que ela faz parte da boa psicologia pastoral em uma sociedade na qual apenas o medo do poder é capaz de conter a violência e a imoralidade.¹⁹⁹ Ela vê que essa idéia emerge constantemente na obra de Gregório de

¹⁹⁷NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 132.

¹⁹⁸Idem. p. 133. Descreve a quase morte de Salvius. Que ao retornar dia: “O merciful Lord, what have you done to me? Why did you let me return to this dark place, the earthly habitation, when I have so much preferred your mercy in heaven to the absolutely worthless life of this world?”

¹⁹⁹LE GOFF, Jaques. **La Naissance du Purgatoire**. Gallimard. Paris. 1981.

Tours. Além da imagem do fogo como punição, há também o odor de enxofre, que está relacionado com a imagem das trevas. A volta à idéia ameaçadora do inferno é usada como arma eficaz da Igreja para assegurar seus interesses e manter os valores morais da sociedade cristã.²⁰⁰ O ‘fogo divino’ queima o mau nos homens. Nessa altura do texto ela retoma a idéia de que a sociedade de Gregório de Tours é bárbara:

*“Apesar disso [‘fogo divino’] nos parecer bastante imaginativo, fazia bastante sentido – ainda que num outro tipo de inteligência, e senso comum que o nosso – no ajustamento da estrutura da Igreja em uma sociedade bárbara”.*²⁰¹

Nesse trecho ela reafirma com clareza que a sociedade da Gália merovíngia do século VI é bárbara e a Igreja tenta adaptar-se a ela e trazer alguma lógica e regulamentação. Outro ponto de destaque é o público para o qual ela escreve: a Europa atual.

Uma ferramenta metodológica bastante utilizada por Giselle de Nie é a psicologia moderna. A primeira vez que ela usa tal método é ao desenvolver a idéia de que santidade, poder e iluminação (espiritual) são diferentes aspectos de um mesmo fenômeno. Focando-se nessa iluminação, revelação, ela afirma que processos primários e secundários também podem coexistir vinte e quatro horas por dia em adultos europeus contemporâneos. Esse seria o primeiro processo de designar um pensamento imaginativo, baseado em imagens e sonhos. Acordados os adultos não prestam atenção a tais aspectos, mas normalmente isso acontece de forma inconsciente. Para ela, o que diferencia Gregório de Tours de *nós* [para ela os europeus] é que ele prestava menos atenção nas palavras e mais nas imagens dos sonhos do que *nós*. Esse modo de ver o mundo a partir de imagens, esse ‘pensamento ótico’ é interpretado muitas vezes como ingenuidade.²⁰² Essa construção que ela faz retoma o tema acima citado, ela escreve uma História da Europa para os europeus.

Ao abordar as experiências de visões que são interpretadas pelo Bispo de Tours como a comunicação de Deus com os homens, Giselle de Nie afirma que a falta de certas vitaminas na dieta causada pelo jejum, longas noites sem dormir por causa das vigílias, o ambiente criado pelos cantos canônicos, o calor, a luminosidade criada pelas velas acesas e o odor dos incensos levava algumas pessoas a terem alucinações. Ela

²⁰⁰NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 150-151.

²⁰¹Idem, p. 160.

²⁰²Idem, p. 170-176.

afirma, também, que o simbolismo da iluminação divina em um ambiente de trevas expressa a necessidade emocional dos indivíduos, tanto dos homens quanto mulheres.²⁰³

Ela também apresenta uma explicação para a cura de Landulfo, quando ele é libertado do domínio do demônio. Giselle de Nie aponta que ele provavelmente sofria de epilepsia. O exorcismo podia acontecer pelo sentimento de ser queimado ou torturado.²⁰⁴

Essa abordagem psicológica/ psicanalítica segue a argumentação da autora por todo o texto. Aqui ela evoca um elemento bastante polêmico no estudo do período, o indivíduo.

Na interpretação de Gregório de Tours, a verdade experimentada por essa sociedade não é a estrutura de universo, mas o poder miraculoso, sobretudo dos santos. A verdade é para ele imediata, pessoal e emocional. O poder sagrado é central na vida do bispo.

Seguindo a interpretação psicanalítica, na página 207, ela cita Jung e afirma que a literatura da antiguidade tardia segue a eterna linguagem dos sonhos. Para ela, o pensamento simbólico é a essência da mentalidade da Antiguidade tardia.

Ela defende também que a prática de magia era muito disseminada principalmente nos estratos sociais mais populares, mas não se limitava a eles. Para ser aceita e entendida, a Igreja tinha que adaptar suas práticas, ações e categorias de pensamento. Os santos são, para ela, um exemplo dessa iniciativa.²⁰⁵

No fim da sua conclusão da parte III Giselle escreve:

*“Suas [de Gregório de Tours] metáforas de trevas, luz e fogo, portanto, são simplesmente categorias de percepção que ele aprendeu quando criança e ajudou a adaptar para fazer sentido no sistema social. Essa adaptação, na minha opinião, não pode ser confundida com a origem ou ‘causa’ de sua visão sobre esses temas. É óbvio que os homens do século VI tinham mais razão para pensar assim do que os homens do século I. No entanto, eu sugiro que a relação entre a visão de mundo e a sociedade sejam indiretas, que ela passe pelo ideal que os homens buscam. O ideal de Gregório parece ser de renovação interior.”*²⁰⁶

²⁰³ NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987. Pp. 195-197, p. 182.

²⁰⁴ Idem. Pp. 195-197. Ela retoma a interpretação psicanalítica também nas páginas 209-210.

²⁰⁵ Idem, p. 208-209.

²⁰⁶ Idem, p. 211.

Nessa conclusão, ela reafirma que a sociedade de Gregório de Tours pode ser retratada como uma era de ‘trevas’; é importante pontuar os momentos em que tal opinião é defendida em seu texto. Gregório de Tours tem o papel de ir contra essa regra.

Ela também afirma que, no tempo de Gregório, não só as imagens metafóricas, mas também os sonhos apareciam como ‘realidade sensorial’. As visões através de sonhos são, para Giselle de Nie e, de acordo com ela, também para Gregório de Tours, importantes para a formação de um novo culto. Além de criar novos cultos, os sonhos-visões ajudam a legitimar locais de adoração, como igrejas, o que é fundamental para a influência do episcopado nas cidades. O poder dos bispos não dependia da pressão dos camponeses, nem corria o risco de perder prestígio local, pois estava ligado ao comando sobrenatural. A importância das relíquias também está ligada a essa legitimação.²⁰⁷

Dentro do tema de experiências visionárias e santos, Giselle de Nie dá especial destaque as curas, que são as mais numerosas narrações de histórias nas obras do bispo. Ela faz um breve histórico dos milagres, sobretudo através de sonhos. A autora volta a dizer que isso é um traço da continuidade da tradição pagã e que, na bíblia, não há nenhuma passagem que baseie essa prática.²⁰⁸

Os pagãos da antiguidade tardia, assim como os cristãos, atribuíam muitas doenças à presença do demônio. Para curá-las era feito o exorcismo, ponto que já foi detalhado nesse capítulo. Para Giselle de Nie, a cura simboliza a libertação do pecado.

Voltando à psicologia, Giselle afirma que os santos, em suas diversas modalidades, não eram apenas um modelo humano, mas um arquétipo, um símbolo de transformação. O uso do poder dos santos como libertadores têm participações quase mágicas na sociedade merovíngia. O pronunciamento do nome do santo para alcançar graças quase que imediatas, como por exemplo São Martinho, demonstram o caráter mágico e mítico desses personagens.²⁰⁹ Os Santos eram evocados também em casos de julgamentos, dando uma idéia ambígua entre prece e a exaltação de um nome mágico.²¹⁰

Ela afirma que os sonhos visionários expressam-se em quatro casos: quando há necessidade de criação ou transformação de um novo culto, antes ou durante curas

²⁰⁷ NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 217-226.

²⁰⁸ Idem. p. 227-229. Ao desenvolver esse tema ela utiliza novamente a psicologia como método.

²⁰⁹ Virt. Mart. 4.26. Esse exemplo é citado na obra de Giselle de Nie na página 258.

²¹⁰ NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 259.

milagrosas, quando conselhos ou amparos são necessários e quando a justiça demanda advertências e punições.²¹¹

Nessa parte de sua obra ela explica o título do livro ‘The many-windowed tower’, como a imagem que representa a imagem do eixo vertical, o fluxo da realidade do sobrenatural imanente à vida em seu mundo. A imagem é de uma torre com muitas janelas com anjos olhando para fora, fazendo profecias e Deus no topo da torre.²¹²

Para a autora, a justiça e o governo secular são complementares à justiça e ao governo divino. Nesse ponto, é possível observar que ela também vê uma tentativa de Gregório de Tours fazer com que a Igreja participe ativamente nos poderes seculares²¹³. Essa superioridade do governo espiritual sobre o governo temporal gerava a idéia de um ‘estado dentro do estado’. A isso se adenda a visão da autora sobre o governo merovíngio:

“O fato dos reis merovíngios terem uma concepção mínima de governo e deixar grande parte por ser feito deve ter sido responsável por tal política. A Igreja podia reivindicar proteger o direito daqueles que não tinham parentes nem meios de proteger seus interesses. Refletindo a sociedade, a Igreja agia como Brown chamou ‘um grupo de parentesco artificial’ e , como vemos Gregório fazendo, usa o ‘poder’ dos santos, seus patronos²¹⁴”

Novamente voltamos à idéia da autora de que o período merovíngio é um período de barbárie. O Governo secular é nulo, ineficiente. Portanto, a Igreja se fortalece e se expande. É baseado nessa carência de instituição e poder que entram a Igreja e os santos, representantes de Deus e de sua legitimidade. Os patronos, normalmente bispos mortos, têm como canal de comunicação com a comunidade cristã os bispos em atividade. Isso faz com que a justiça e o poder divino sejam personalizados na imagem dos bispos.

Para a autora, essa personalização que também é vivenciada através das visões e sonhos que se concretizam na sociedade era a receita da Igreja para sobreviver em uma sociedade organizada de forma inadequada, arbitrária e extremamente violenta. Ela vê

²¹¹NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p 297-298.

²¹²Idem, p. 263-264.

²¹³Sobre esse tema ver análise da obra de Martin Heinzelmann nesse estudo.

²¹⁴NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 284.

na obra do Bispo de Tours que os homens do século VI precisavam de um ideal para fazer com que eles cooperassem e inovassem a sociedade.

Retomando a frase com a qual começamos o estudo sobre a obra de Giselle de Nie, que elogia as capacidades administrativas e de contar histórias do Bispo de Tours, a autora acaba o seu livro com uma visão bastante elogiosa de Gregório de Tours. Ela constrói, ao longo da obra, argumentos que explicam o que muitos historiadores chamaram de ingenuidade, falta de coerência e simplicidade. Ela defende que Gregório de Tours tinha, de sua própria maneira, uma idéia estruturada e precisa de como a sociedade humana podia se organizar. O erro de muitos historiadores do século XX, para Giselle de Nie, foi insistir em uma abordagem racional do pensamento do Bispo de Tours. Tal forma de pensamento é dominante na sociedade ocidental moderna, mas não pautava a produção de Gregório de Tours.

Seu pensamento é baseado em imagens, é visual. Essa é, de acordo com ela, o motivo da falta de interesse em conexões de causa concreta e da dita incoerência.²¹⁵ Sendo assim, ela defende que Gregório de Tours pode até ser interpretado de maneira descuidada como ingênuo, mas não se pode afirmar que sua obra é simples. Mas as qualidades por ela elencadas sobre as habilidades intelectuais, diplomáticas e administrativas do Bispo de Tours não podem ser estendidas à sua época, da qual ela tem uma visão extremamente negativa e estereotipada. Tal conclusão da autora deixa claro que a figura de Gregório de Tours tem sido reinventada e revisitada pela historiografia, mas a sociedade merovíngia continua nas trevas.

As abordagens de Heinzelmann e de Giselle de Nie se distinguem em diversos pontos. O primeiro deles é a abordagem político-social. Heinzelmann vê o aspecto de agente social e político de Gregório de Tours; sua análise é uma ruptura na historiografia acerca do Bispo de Tours. Ele pontua que o poder temporal na época de Gregório é bastante forte, tanto que a Igreja entra em constante conflito com os reis. Já Giselle de Nie defende que a política na época de Gregório de Tours era fragmentada e caótica, deixando o papel de institucionalizar, moralizar e pautar as regras sociais à Igreja, que tinha os bispos como seus agentes de poder local.

Além desse tema acerca da organização institucional da sociedade merovíngia do século VI, eles divergem quanto em relação à metodologia de análise e o foco de estudo da obra de Gregório de Tours. A obra central para Martin Heinzelmann são os

²¹⁵ NIE, Giselle de. **Views from a many windowed Tower**. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours. Studies in Classical Antiquity – Band 7. Amsterdam: Rodopi. 1987, p. 209 e 298-300.

Decem Libri Historiarum, enquanto que na obra da autora holandesa as hagiografias têm maior preferência. A tese de Giselle de Nie ao colocar o bispo-historiador como exceção em meio a barbárie me deixa a seguinte questão: O que faz mudar tão veementemente a imagem da Gália do século VI entre a publicação do trabalho de Giselle de Nie e de Martin Heinzelmann?

A tese central do trabalho de Adriaan Breukelaar é que os *Decem Libri Historiarum* de Gregório de Tours como produto literário foi instrumental no estabelecimento do poder episcopal na Gália na antiguidade tardia. Para o autor a obra do Bispo é tratada como uma relíquia do processo social da Gália no século VI. Era uma arma de persuasão que o Bispo de Tours usou para guiar seu rebanho. A abordagem de Breukelaar é interpretar essa obra de modo intrínseco com o contexto histórico de sua redação.²¹⁶

A identidade local, de acordo com Breukelaar, era de grande importância na Gália do século VI. Delimitar qual é a região de Gregório de Tours define a perspectiva social, política, moral e até mesmo emocional de sua narrativa. Há uma mudança de perspectiva geográfica na obra do Bispo-historiador. Os quatro primeiros livros (até c. 573) têm como foco a região de Avernán. A partir deste ponto o epicentro de sua narrativa é a região de Tours.

A identidade local é um dos pontos básicos na sociedade do século VI na Gália, pois é a partir dela que se organiza a solidariedade local. Em uma sociedade, de acordo com Breukelaar, praticamente sem mobilidade social e geográfica, a família era o laço social primordial e a base da solidariedade local. O indivíduo devia sua posição social a ela. A família estava ligada ao seu estado, sua região e, assim, ao seu poder local e ao rei. Ao descrever os acontecimentos Gregório cita primeiro as cidades aonde ocorreram, tal foco mostra a importância dos centros urbanos em seu tempo. Quanto a sua identidade regional a Gália é o epicentro da narrativa de Gregório de Tours. Tais fronteiras são delimitadas, sobretudo quando há conflitos, como por exemplo, o da Septimânia (*Hist.* VIII, 28-30). Ampliando ainda mais, Breukelaar delimita o *Regnum*

²¹⁶BREUKELAAR, Adriaan H. B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul.** *The Histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1994.

Francorm, para Gregório os reis francos deviam se unir e, assim, manter a unidade da Gália frente aos reinos vizinhos como os visigodos que eram arianos.²¹⁷

Como já foi dito nesse estudo, a identidade de Gregório de Tours não era em relação aos francos, mas sim com a aristocracia galo-romana. Isso é de grande importância, pois essa diferenciação foi bastante usada ao longo do século XIX e XX em prol das histórias nacionalistas da Europa. Breukelaar cita Godefroid Kurth tratando da Bélgica, Robert Latouche para a França, Arndt e Bruno Krusch e sua edição dos *Monumenta Germaniae Historica* para a Alemanha. Tal abordagem anacrônica tira o foco dos conflitos da Gália do século VI que de acordo com Breukelaar giravam em torno das autoridades locais e autoridades regionais, entre bispos e reis. Os *Decem libri Historiarum*, nesse contexto, é uma arma de Gregório de Tours a seu favor nessa disputa.

As pessoas, fatos e causas, ou seja, os eventos narrados pelo Bispo de Tours são analisados cuidadosamente por Breukelaar. Depois de estudar os elementos estruturais da narrativa, o tempo e o local, ele se volta aos personagens e ações dos *Decem Libri Historiarum*. Os personagens são os reis, duques, condes, bispos, abades, santos, Deus e o diabo. De acordo com Breukelaar o poder é o tema central de Gregório de Tours. As elites são o centro de atenção do Bispo e isso fica claro quando são classificadas de acordo com seus ranques e funções.²¹⁸

O rei que tem maior importância na ‘pré-história da França’, de acordo com Breukelaar, é Clóvis. Outros dois reis muito importantes na narrativa de Gregório são Chilperico e Gontrão. Os dois reis são contemporâneos de Gregório e representam o mau e o bom rei, respectivamente.

Os mortos também desempenhavam funções importantes na obra do Bispo de Tours. Os santos e mártires intervinham diretamente no mundo merovíngio. A morte era uma passagem e não um fim. Essa maneira de abordar a vida, a morte e a relação entre o além e o mundo dos mortais são de fundamental importância para o entendimento da

²¹⁷ BREUKELAAR, Adriaan H. B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul**. *The Histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1994. p. 186-225.

²¹⁸ Breukelaar faz o seguinte levantamento na página 227 de sua obra: são 260 capítulos nos quais a família real ou membros de suas famílias aparecem, dos quais em 245 capítulos são pessoas de sangue nobres citadas, em 223 um rei, em 65 uma rainha, em 58 o filho ou a filha de um rei e em 11 um pretendente. Os cortesãos são minoria nas narrativas, eles aparecem em apenas 28 capítulos. Os membros do clero desempenham funções em 198 capítulos, dos quais 180 descrevem ações seculares, 163 os bispos participam. Os clérigos de menor patente aparecem bem menos: os padres, incluindo arcebispos, são citados em 28, os diáconos em 26 capítulos, a *abba ecclesia* em 5 capítulos e *aedituus* em um capítulo.

noção de História para o Bispo de Tours. A fluidez entre essas duas dimensões justifica o que muitos historiadores chamam de ingenuidade, falta de precisão e superstição. As visões e as experiências de quase morte são exemplos dessa maneira de abordar a realidade.

Deus é um personagem sempre presente. Ele intervém direta ou indiretamente (por exemplo, através dos santos) no mundo temporal. Há três aspectos que caracterizam a vontade de Deus: a *Providentia*, que previne a malícia e garante que o bem será cumprido; a *Ultio*, também chamada de *ira* de Deus é a mais proeminente ação divina nos *Decem Libri historiarum* e pela qual passa a *iudicim divinum* e por último a *clementia* ou *misericordia*, que protege os fiéis de injustiças e vinganças.²¹⁹

A felicidade e a salvação só podiam ser alcançadas através da ortodoxia. Devia-se conhecer e adorar a trindade como os bispos a ensinavam. Os milagres eram fundamentais para essa argumentação, eles eram a prova de que Deus de fato concedia perdão e recompensava os seus fiéis.²²⁰

Breukelaar analisa a obra de Gregório de Tours de maneira bastante detalhada quanto a sua divisão em capítulos e sua composição. Partindo do contexto: local e tempo; e dos seus personagens, fatos e causas ele defende que o propósito dos *Decem Libri Historiarum* era fortalecer a Igreja da Gália e conseqüentemente seu episcopado. Breukelaar não se preocupa em analisar o período de Gregório de Tours para além da obra do Bispo, como por exemplo, faz Giselle de Nie e nem se aventura a fazer generalizações a respeito da sociedade merovíngia no século VI como a autora. Sua obra é mais madura e melhor fundamentada. Sua principal fonte foram os *Decem Libri Historiarum*, as hagiografias de Gregório são apenas citadas, mas não analisadas.

Para Breukelaar os *Decem Libri Historiarum* originalmente não têm um plano, um objetivo, sendo assim, carecem de coerência interna. A obra como é conhecida hoje é resultado da compilação de histórias fragmentadas feita por Gregório de Tours com o objetivo de deixá-la para a posteridade, essa formatação feita pelo Bispo de Tours é a responsável pela relativa coerência dos *Decem Libri Historiarum*. Breukelaar tem uma visão bastante dúbia de Gregório de Tours e de sua obra. Ele não é, como defende Heinzemann, autor de uma obra homogênea e sólida, com objetivos claros e com um conceito de sociedade consolidado que ele pretende pregar a partir de sua obra.

²¹⁹BREUKELAAR, Adriaan H. B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul.** *The Histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht. 1994. p. 226-267.

²²⁰Idem. p. 270-288.

Breukelaar o vê como um autor que escreveu uma obra fragmentada e em determinado momento decidiu torná-la única. Ou seja, de cronista ele se torna historiador. Essa sua visão une características do novo e do velho Gregório de Tours. Apresenta tanto elementos da historiografia de até meados do século XX que analisam Gregório de Tours como ingênuo e aquela que o vêem como Historiador da Igreja, da sociedade cristã.

Martin Heinzelmann estuda Gregório de Tours desde o começo de sua carreira acadêmica. O autor é membro do Instituto Histórico Germânico em Paris e um dos mais importantes e reconhecidos especialistas na obra do Bispo de Tours. Em sua obra Heinzelmann defende que Gregório de Tours tinha um objetivo bastante claro com seus escritos: não apenas propor um modelo moral, mas através dele intervir em sua sociedade. Ele debate com a historiografia clássica que interpreta Gregório de Tours como um autor ingênuo e rústico. Ele é um dos primeiros historiadores a defender que Gregório de Tours escreveu uma história da Igreja e não uma história do povo franco.²²¹ Sua obra aqui estudada, o livro *Gregor von Tors (538-594). "Zehn Bücher Geschichte": Historiographie und Gesellschaftskonzept im 6. Jahrhundert (Darmstadt 1994)* traduzida para o inglês por Christopher Carrol sob o título: *Gregory of Tours. History and society in the sixth century* foi encomendado pelo *Wissenschaftliche Buchgesellschaft* em 1979 e finalizado em dezembro de 1992.

Já na apresentação Martin Heinzelmann deixa claro seus objetivos. Sua tese e a idéia que ele quer derrubar com a formulação de sua obra serão expostas nos próximos parágrafos. O título já anuncia uma de suas teses: a de que Gregório de Tours tem um conceito bastante sólido da sociedade em que vive. A tradução do título peca ao escolher a palavra 'sociedade' e não colocar 'conceito de sociedade', como no título original, por camuflar um dos temas abordados pelo autor.

Heinzelmann afirma que os impulsos historiográficos de Gregório de Tours não estão somente em seu desejo de representar e descrever a história 'como ela foi'. Essa foi a motivação secundário para a sua estrutura; o primeiro objetivo foi a apropriação, a apresentação pedagógica e didática dos eventos históricos. Isso foi alcançado ao descrever de maneira singular eventos selecionados da vida social e comum. As escolhas para selecionar e compor esses eventos históricos foram feita a partir da perspectiva consciente de Gregório de Tours como bispo, tendo em vista sua função de

²²¹HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century.** Cambridge University Press, 2001.

líder ideológico da sociedade cristã em seu período. Nos *Decem Libri Historiarum*, no entanto, ele encara a dificuldade do desafio de relatar a história de maneira ‘objetiva’ e ao mesmo tempo selecionar e organizar os episódios históricos de maneira a se encaixarem em seus objetivos didáticos.²²²

Dialogando com Walter Goffart, ele cita a idéia de Goffart de que para Gregório de Tours ‘História’ constituía a soma total da co-existência do bem e do mal, dos altos e baixos, dos santos e dos depravados. Gregório ligava esses fenômenos a fatores ou instituições dados por Deus, como o ‘rei’ ou o ‘bispo’ (profeta). Sinais naturais de intervenção divina também têm que ser considerados.²²³ Ou seja, ele soma a idéia corrente de que o Bispo de Tours é apenas um observador e relator da realidade à ampliação, já feita por seu colega, de que tal interpretação simplista não é suficiente para analisar os *Decem Libri historiarum*. A partir desse ponto Heinzelmann refina sua argumentação para sustar sua tese de que o Bispo-historiador não apenas tinha um plano bastante definido ao escrever sua obra, como também tinha intenções com ela.

Um exemplo dessa História, defendida por Goffart e desenvolvida por Heinzelmann é, no livro V entre os capítulos 1 e 50, quando Gregório de Tours trata dos anos do reinado do jovem Childeberto II, que cobre o conflito espiritual entre um rei rejeitado por Deus (Chilperico) e aqueles que estão fadados a perecer com sua família, e o bispo do Senhor, quem na tradição dos profetas do velho testamento, repetidamente apontam o verdadeiro caminho e quem, apesar de correr perigos, acaba salvo.

Outro ponto muito frisado por Heinzelmann é não descontextualizar nenhuma parte do livro e analisá-la isoladamente. Isso porque Gregório de Tours tem, como já dito antes, um plano para sua obra e que não é compreendida se o texto é esquartejado. De acordo com ele, Gregório de Tours tem uma tendência de trabalhar os eventos históricos de forma a incluí-los, abstratamente, no tema da ‘presença e deveres da Igreja, representados através das comunidades de bispos no mundo’. A parte dos *Decem Libri Historiarum* referente à história contemporânea ao autor – livros V a X - é difícil de ser englobada por um conceito rígido, como o retrato de uma história do passado distante. O plano do Bispo de Tours associa eventos históricos com descrições de reinos exemplares seguindo os conhecidos e modelos ideais da bíblica *Historiae Regum Israhellicorum* (prólogo livro II). Os limites desenhados por Gregório de Tours nos

²²²HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century**. Cambridge University Press, 2001. p. 36.

²²³Idem. p. 36.

livros I e X iluminam a extraordinária importância da *ecclesia* para a idéia de Gregório de Tours de História. ²²⁴

Heinzelmann na página 102 de seu livro, afirma que frases dos *Decem Libri Historiarum* como “*Eu escrevo sobre as batalhas entre reis e pessoas hostis, entre mártires e pagãos, igrejas e heréticos (...)*”, são reveladoras e podem ser tomadas como um princípio que guia e dois fatores decisivos que, de acordo com Gregório de Tours, determinaram o curso da História. O princípio é o contraste entre o bem e o mal, os verdadeiros fiéis e hereges. Dois extremos são os reis e os representantes de Deus e da ‘Igreja’ – isto é, os mártires, santos e, sobretudo, os bispos. Isso fica claro no prólogo, principalmente, do livro III dos *Decem Libri Historiarum*.

Revisitar as disputas entre a igreja (representados na obra de Gregório de Tours principalmente pelos bispos) e os reis é retomar o passado para que sirva de lição para o presente e futuro. Ainda seguindo a inspiração de Goffart, a idéia de que a História pudesse ser reduzida à oposição do bem e do mal eram a motivação e justificativa para seus escritos, ele sentiu necessidade de justificar seu trabalho porque ele desafiou a tradição de seu tempo por escrever História. Ele tinha que julgar o comportamento moral da sociedade. ²²⁵

Gregório de Tours adota o modelo ‘historiográfico’ do velho testamento. Heinzelmann baseia-se no estudo de Felix Thürlemann, que analisa com propriedade tal tese. Ele estuda a obra de Gregório de Tours a partir de seu discurso histórico e utiliza topologias para fazer essa análise. Thürlemann será analisado amiúde nas próximas páginas deste trabalho.

O Bispo de Tours começa sua narrativa desde os primórdios, que para ele é a criação do mundo por Deus. Cada caso, fato histórico descrito tem um contexto e objetivo moral e moralizante. Vários autores identificam em Gregório de Tours evidências de um gênero que eles chamam de *historia*. Gênero este que através da continuação da *historie* bíblica tenta explicar a História através da ação de Deus no mundo. Essa era também a visão oficial de História, apoiada pela hierarquia da Igreja e ganhou significado na Idade Média entre reis e a nobreza, fato que explica a grande disseminação do manuscrito de Gregório de Tours. Essa obra de Gregório trata-se de

²²⁴ HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century**. Cambridge University Press, 2001. p. 81-89.

²²⁵ Idem. p. 102.

um exemplo típico desse gênero, não apenas pelo grande número de citações e referências feitas a Osório, pioneiro de tal estilo, mas também pelo seu desejo expressado de dar conta de ‘toda a história’ desde a origem.²²⁶

De acordo com Heinzelmann, Gregório tenta conscientemente, por trás de seu plano de formulação da obra, intervir na estrutura social existente moralizando a sociedade e, para ele, a instituição clerical é o meio para alcançar esse objetivo. Essa ‘clericalização da sociedade’, termo usado pelo historiador alemão, é o programa social de Gregório de Tours.²²⁷

Heizelmann chega a essa conclusão usando a metodologia idealizada por Thürlemann, na qual ele cria tipologias que comparam as categorias (como reis, bispos, Igreja, etc.) de Gregório de Tours e o Antigo Testamento, fato esse evidenciado pelo seguinte trecho:

*“Prova de um plano para sua [de Gregório de Tours] obra é especialmente importante, porque se acreditou por muito tempo que Gregório de Tours não fosse capaz de estruturar a sua narrativa. Minha ‘descoberta’, seguindo os passos de Thürlemann, da forma de pensamento tipológica ou figurativa de Gregório – aplicável como sistema permanente de referências para a estrutura espiritual e de formulação das Historia – abrem várias portas para entender seu trabalho histórico.”*²²⁸

Uma das conclusões de Heinzelmann sobre a noção e utilização de história, e conseqüentemente de sociedade, para o bispo de Tours, é que esse modelo eclesiástico que ele advoga ao longo de todos os *Decem Libri historiarum*, no contexto de suas tipologias, poderia aparecer como uma lúcida interpretação da sociedade e da história. No entanto, para percepções modernas essa forma de retratar representa um filtro mal penetrável.

O envolvimento dos bispos em questões públicas é defendido ao longo da obra e é marco definidor entre o bom e o mau governante²²⁹. Esse fenômeno é chamado pelos estudiosos alemães de *Bischofsherrschaft*, que atingiu seu clímax histórico em diversas *civitates* da Gália no século VII, mas tem raízes no estado de Constantino e se estabeleceu na Gália na segunda metade do século V. Gregório de Tours, de acordo com

²²⁶ HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century**. Cambridge University Press, 2001. p. 105.

²²⁷ Idem. p. 175-177.

²²⁸ Idem. p. 204.

²²⁹ Esse é um tema fundamental dos *Decem Libri Historiarum*. Os reis em questão são Chilperico e Gontrão. Eles são irmão e contemporâneos. Eles são, também, tema central de cinco livros da obra.

Heinzelmann, foi quem criou uma base teológica para a participação dos bispos e do alto-clero no exercício do governo, além de defender uma cooperação entre o episcopado e o poder real. Sendo assim, é possível afirmar que a obra de Gregório de Tours representa a teoria de uma idéia de sociedade que já tem suas bases na Gália merovíngia do século VI, embora ainda não esteja completa, do modelo de sociedade atualmente chamado de *Bischofsherrschaft*.

Um dos principais elementos dos *Decem Libri Historiarum* são pessoas e seu comportamento ético. Tal perspectiva nos dá um modelo de comportamento desejável pelo Bispo de Tours para a sua sociedade, mas não possibilita visões de instituições e de conceitos políticos fora de contexto teológico. A comparação entre história da época de Gregório e história moderna é uma constante na obra de Heinzelmann, sendo assim, parte de sua metodologia. O Bispo de Tours é para Heinzelmann, um historiador que não apenas utilizou as idéias correntes em seu tempo para construir a narrativa histórica de sua época, mas ao propor um modelo de sociedade tornou-se mais que um cronista, mas um agente social e histórico, que era exatamente o que ele acreditava ser o papel de um bispo.

Para Heinzelmann Gregório de Tours não escreve a História do povo franco, mas sim a História da sociedade cristã. Não só pela ênfase na moral cristã e na causalidade pautada por comportamentos que não seguem as leis divinas, como por exemplo, as decisões políticas tomadas pelos reis ou comportamentos cotidianos narrados pelo Bispo, mas também por basear seu modelo narrativo no Antigo Testamento. Essa utilização do Antigo Testamento não se limita apenas às referências teológicas, mas a lógica interna e o ponto de partida e o fim da História, a criação do mundo e o apocalipse. Sabendo-se que o fim da História e a principal missão da humanidade, dentro dessa lógica, eram se preparar para o Juízo Final, para o fim dos tempos. Viver de acordo com os preceitos cristãos é garantir a vida eterna no paraíso.

Os bispos, como representantes de Cristo na Terra têm como uma de suas funções guiar a humanidade para o salvamento. A figura do rei também se inclui nessa lógica, pois ele também é responsável por guiar seus súditos à salvação eterna. É essa idéia de sociedade que justifica não somente a teoria *Bischofsherrschaft*, mas também as críticas feitas a Chilperico.

Walter Goffart é professor emérito de História da Universidade de Toronto, pesquisador sênior e palestrante de História na Universidade de Yale. Sua obra é tida como referência para estudiosos do Bispo de Tours como Martin Heinzelmann. Goffart

defende que Gregório de Tours escreve uma História da cristandade. Para ele Gregório de Tours é um bárbaro e vive em uma sociedade bárbara.²³⁰

Retomando um ponto já discutido no capítulo II desse estudo, o título de Gregório de Tours, é relevante salientar que Goffart deixa claro em seu livro *'The narrators of barbarian History (A.D. 550-800)'* que o título dado pelo Bispo de Tours a sua obra é *Decem Libri Historiarum* e que em nenhum momento História dos francos é citada, apesar de ter sido consagrada como título pelo uso milenar de tal nomenclatura. Tal apontamento demonstra a posição clara de Goffart e a sua abordagem em relação aos escritos do Bispo de Tours.

Ele aponta como principal ruptura de abordagem na obra de Gregório de Tours no século XIX a mudança de perspectiva em relação à obra em questão. Antes do século XIX a principal preocupação dos estudiosos era a autenticidade e datação dos escritos de Gregório de Tours. A partir do século XX os acadêmicos passaram a ser menos céticos em relação ao conteúdo da obra e mais preocupados com os métodos e cronologia de composição dos *Decem Libri Historiarum*. Seguindo os passos de Goffart, é possível esboçar o porquê da mudança de perspectiva dos historiadores do século XX em relação à obra de Gregório de Tours. Mudou-se a abordagem da obra: não mais se buscava ali os primórdios das nações européias, mas voltaram-se aos escritos do Bispo merovíngio para melhor compreender sua época e sua obra. Passou-se a fazer uma exegese dos escritos de Gregório de Tours e não mais inseri-lo em uma tradição historiográfica que configurou os Estados europeus.

O interesse de Gregório de Tours não era focado nos francos nem em nenhuma outra etnia em seus escritos. Mas para Goffart o Bispo de Tours não tinha um roteiro para a sua obra, nem mesmo ele sabia exatamente o que queria com seus escritos. Ele defende que as intenções de Gregório de Tours mudaram ao longo do livro e que o prefácio do primeiro livro fora escrito depois que a obra já estava quase completa.

“Os sujeitos listados no prefácio são descritos no tempo verbal ‘presente’. A não ser o tempo verbal, eles como grupo, pertencem a qualquer época depois de Cristo. Não tem nada caracteristicamente merovíngios neles. É o contexto social de Gregório

²³⁰GOFFART, W. **The Narrators of Barbarian History. (A.D. 550-800). Jordanes, Gregory of Tours, Bado and Paul the Deacon.** Indiana: University of Notre Dame Press. 2005.

que define seu foco cronológico. As necessidades públicas gesta praesentia, história contemporânea, assim como no livro de milagres, são produzidas por Gregório.”²³¹

Gregório de Tours escreveu, para Goffart, querendo ou não uma interpretação de sua história contemporânea. Goffart faz uma crítica bastante dura a Gregório de Tours como historiador. Gregório de Tours mesmo com seu interesse nas pessoas e nas elites não é um historiador social, e é apenas útil de maneira superficial para aqueles que querem reconstruir as instituições merovíngias. Fica claro ao analisar o texto de Goffart que nem os francos nem os merovíngios são o foco de atenção e de aprofundamento nas linhas do Bispo de Tours. Eles estão ali simplesmente por serem contemporâneos de Gregório de Tours. Pormenores do modo de vida dos francos passam batido nas páginas de Gregório de Tours, como por exemplo, o fato deles terem uma língua própria, fato esse citado, mas não é possível saber como esse idioma era utilizado na sociedade franca.²³² Esses pontos são fundamentais para um autor que quer ser considerado historiador de uma dinastia ou de um povo.

Esses pontos, entre tantos outros como conversões de judeus e suas circunstâncias, não cabiam na obra que ele pretendia escrever. Também os rótulos carregados pela obra de ‘caótico’ derivam do senso daqueles que analisam os *Decem Libri Historiarum* como uma História dos francos ou dos merovíngios e eles caem por terra porque não era essa a intenção de seu autor. Goffart afirma que os *Decem Libri Historiarum* eram para ser, acima de tudo, um veículo de instrução cristão.”²³³

Os extremos e excessos monopolizam a atenção e as habilidades de Gregório de Tours. Ele muitas vezes é lido como um autor que tenta construir uma corrente de incidentes que faça sentido. Tais correntes são frágeis e se desfazem com as omissões. As histórias dos reis merovíngios é um exemplo dessa construção. A importância dessas histórias é de fundo moral e didático.

“Através da representação de imperativos políticos, relacionamentos familiares entre outros são de importância secundária. O palco montado por Gregório de Tours tem que parecer convincente e, para os primeiros leitores dos Decem Libri Historiarum, a contemporaneidade da obra a tornou realmente bastante convincente. O

²³¹GOFFART, W. **The Narrators of Barbarian History. (A.D. 550-800). Jordanes, Gregory of Tours, Bado and Paul the Deacon.** Indiana: University of Notre Dame Press. 2005. p. 156.

²³²Idem. p. 162. Além da língua, Goffart aponta outros pontos do cotidiano que não são descritos por Gregório de Tours, apesar de ele ter atenção focada em nomes e personagens da elite franca, como os diferentes estilos de cabelo e trajes, as diferenças lingüísticas da região e comentários sobre invernos brandos ou verões agradáveis.

²³³Idem. p. 168.

que interessa é que as cenas deveriam ilustrar a feiúra das tentativas e ações humanas.”²³⁴

Goffart descreve a obra de Gregório como se ele se tratasse de um romance. O Bispo-historiador acha o cenário ideal para desenvolvê-lo. Como poderia ele, então, escrever uma História dos Francos se eles são apenas coadjuvantes na narrativa?

Gregório de Tours deixa claro em suas linhas que a terceira geração dos merovíngios, seus contemporâneos, marca a degeneração da linhagem. Crimes hediondos acontecem, milagres são presenciados, reis e bispos morrem e são substituídos, tanto por causas naturais quanto por intervenção sobrenatural, mas a situação de degeneração e degradação nunca muda.

Sua preocupação com o fim do mundo e a contagem dos anos a partir da criação do mundo traz a tona qual é o pano de fundo e o fio condutor de sua obra. O papel dos prodígios, milagres e castigos também são evidências desse cenário criado por Gregório de Tours: a aproximação do fim do mundo.

Os *Decem Libri Historiarum*, de acordo com Goffart, narra um período louco, mas duradouro, cujos temas variam de maneira homogênea entre a antiguidade bíblica e o presente Merovíngio. Ele se propõe a fazer uma interpretação cristã da história, ele submete a História a instruções morais. Inserindo os *Decem Libri Historiarum* no conjunto da obra do Bispo de Tours, que é composta principalmente por hagiografias, pode-se concluir que eles também são parte da História da Igreja e da cristandade, tema este que é comum a todos os escritos de Gregório de Tours.²³⁵

Gregório de Tours, como afirma Goffart²³⁶, pressupõe que a governança de Deus, a comprovada habilidade humana de seguir o caminho por Ele traçado e a recompensa eterna alcançada por todos aqueles que segurem os desígnios divinos são os pilares para atingir seu rebanho. Nos eventos históricos transcritos e ordenados pelo Bispo de Tours, podem não apenas ser explicados, mas também apoiados por convicção e esperança. A rigidez e exatidão cronológicas nunca foram alvo de atenção ou objetivos do Bispo.

O heroísmo aclamado por Gregório também é um indício da natureza de seus escritos. Seus heróis são os santos, são casos como de um casal que se mantém castos após o casamento (HIST I, 47), Leo, o cozinheiro que libertou Attalus do cativo

²³⁴GOFFART, W. **The Narrators of Barbarian History. (A.D. 550-800). Jordanes, Gregory of Tours, Bado and Paul the Deacon.** Indiana: University of Notre Dame Press. 2005.. p. 182.

²³⁵Idem. 206.

²³⁶Idem. Goffart diz que na narrativa de Gregório o senso e a sanidade estão sempre presentes. p. 152

(HIST III, 15). Também são heróis de Gregório de Tours Hospicius de Nice (HIST VI, 6), Gregório se refere a ele como um recluso que vivia perto de Nice e além de ter uma vida extremamente ascética realizava inúmeros milagres, Sálvio de Albi (HIST VII, 1), santo este que tem o primeiro capítulo do livro VII recheado com seus feitos, milagres e qualidades inspiradas por Deus e Aredius de Limoges (HIST X, 29). O modelo de herói são mártires e fiéis que seguiam de maneira exemplar os dogmas cristãos. Ele não constrói heróis nacionais, grandes guerreiros que através de suas conquistas e trunfos militares merecem ser modelos para a sociedade. Os reis e personagens laicos que tem tal importância nos *Decem Libri Historiarum*, como Clóvis e Gontrão, a conquistaram pelas suas atitudes ligadas a Igreja católica. Clóvis por ser o rei que levou o catolicismo aos francos como religião oficial ao se converter e Gontrão pela sua relação com os bispos e com a Igreja. Sigiberto, por exemplo, foi um rei de grande êxito e habilidade militar, além de ter tido uma vida privada bastante ponderada, se comparada com a de seus irmãos. Apesar da inegável admiração de Gregório de Tours por Sigiberto, ele não é aclamado herói nem tem o mesmo destaque em sua obra como os personagens citados acima²³⁷

*“As Histories não são um tratado político, mas sim a explicação de eventos em curso para o interesse de um público que necessita de tais esclarecimentos. Desconcertante como era o tempo presente, ele poderia ser enfrentado calmamente se algumas noções fossem mantidas em mente: que não existia nenhuma distinção significativa entre o escravo e o bispo, entre a família e o governo, entre o quarto e a câmara do conselho; a etnicidade era um detalhe acidental; mas, por outro lado, a Igreja católica importava muito; que a santidade era o único heroísmo; e que reis mereciam exaltação apenas para exemplificar virtudes cristãs. Quando enunciado como lições, essas idéias têm o charme e a persuasão de generalidades pias. É facilmente compreensível porque Gregório, um professor solícito, preferiu expressá-las nas cores difusas de seus Dez Livros”*²³⁸

Nessa síntese de Goffart acerca de uma das obras do Bispo de Tours fica claro que o objeto de Gregório de Tours não é o poder merovíngio nem a sua História, mas sim que a cristandade, a sociedade Cristã, que são os protagonistas de suas páginas. Esse foco é o principal argumento de Walter Goffart para sustentar a sua tese de que

²³⁷GOFFART, W. **The Narrators of Barbarian History. (A.D. 550-800). Jordanes, Gregory of Tours, Bado and Paul the Deacon.** Indiana: University of Notre Dame Press. 2005. p.220-23.

²³⁸Idem. p. 226-27

Gregório de Tours não tinha como objetivo escrever a História dos merovíngios, dos francos, mas sim da cristandade. Os *Decem Libri Historiarum*, para ele, são uma obra de literatura religiosa e tem como produto entendimento e não conhecimento. Certamente que o contexto em que viveu foi definidor tanto dos temas quanto das ênfases escolhidas por Gregório de Tours. Ao narrar a História da cristandade no correr dos séculos, Gregório de Tours faz um testemunho de sua época e de seus contemporâneos. Quanto ao tempo de Gregório de Tours, Goffart é bastante categórico:

*“Gregório de Tours é reconhecido por escrever o passado bárbaro de maneira a dar-lhe personalidade, tanto por sua linguagem quanto pela disposição de seus escritos. Ele certifica para os homens modernos que a Idade das Trevas, pelo menos por um momento, foi autenticamente das trevas.”*²³⁹

Retomando uma pergunta que perpassa as linhas desse estudo: O que caracteriza essa mudança de perspectiva acerca da obra de Gregório de Tours? Ao analisar a historiografia aqui apresentada há pontos de intersecção nos estudos sobre o Bispo-historiador, o fato de seu tempo ter sido violento e bárbaro. O que muda é sua abordagem. Os autores do século XIX tinham como tema contemporâneo a consolidação de seus Estados Nacionais e a ciência histórica foi grande aliada na construção e legitimação desses processos. Já no século XX com esse processo finalizado e maior amadurecimento da História temas e obras por si passaram a ser estudadas, sem essa necessidade de introduzi-las em um grande contexto. Os estudos são mais limitados na coerência interna das fontes e apenas depois comparadas e inseridas em linhas temáticas. Ao voltar-se para a fonte em si sem procurar nelas respostas pré-definidas, nota-se maior riqueza e especificidades aonde antes só se via padrões e conexões com o presente. Essa mudança de perspectiva foi fundamental para a História e é ela que dá dinamismo e renovação a suas pesquisas.

²³⁹GOFFART, W. **The Narrators of Barbarian History. (A.D. 550-800). Jordanes, Gregory of Tours, Bado and Paul the Deacon.** Indiana: University of Notre Dame Press. 2005, p. 231.

Considerações finais

Gregório de Tours é tido como ingênuo e crédulo por muitos séculos. Porém, é visto como uma luz nas trevas de seu tempo. Um bispo habilidoso, diplomático, bom administrador, defensor da fé católica e habilidoso historiador. Essa abordagem favorável, conquistada por Gregório de Tours ao longo dos séculos, é um dos argumentos para sua obra ser estudada.

Seus textos são lidos e estudados desde o século VII e continuam a serem tema de estudos acadêmicos até os dias de hoje. Esta dissertação, entre outras defendidas no nosso departamento, é exemplo disso. Ao longo dos séculos XIX e XX, a abordagem da obra de Gregório de Tours mudou: de historiador dos francos ele se tornou historiador da Igreja e da sociedade cristã.

Uma questão colocada, sobretudo nos capítulos I e II deste texto, aborda os objetivos de Gregório de Tours ao escrever os *Decem Libri Historiarum*. Tal preocupação é fundamental para se fazer uma análise da obra, mas não é central para um estudo da historiografia sobre Gregório de Tours. Nessa temática, uma das perguntas a serem respondidas é: como os *Decem Libri Historiarum* foram interpretados e utilizados?

Após as leituras e considerações feitas nas páginas deste estudo, considero que Gregório de Tours tenha escrito uma História da sociedade cristã. Isso ele fez de maneira consciente e deliberada. Esse era o tema de sua obra. Os merovíngios são personagens dos *Decem Libri historiarum* porque Gregório de Tours viveu na Gália merovíngia e eles eram seus contemporâneos. É inegável, porém, que de fato o Bispo de Tours escreveu também a História dos merovíngios. Os estudiosos que se concentraram apenas nesse aspecto da obra de Gregório de Tours a analisaram de maneira limitada, mas com um objetivo transparente: construir a História dos Estados nacionais da França e da Alemanha. Sendo assim, Gregório de Tours não é por excelência historiador dos francos, mas, ao longo dos séculos, se tornou o primeiro historiador dos francos. Nota-se ainda, que a mudança de perspectiva e opinião em relação à obra de Gregório de Tours não foi acompanhada por uma mudança de julgamento acerca de seu tempo. O período merovíngio segue a ser retratado como séculos de degeneração, trevas e barbárie.

A sociedade cristã do século VI se consolidou ao longo da historiografia como uma etapa da construção da Europa ocidental tal como a conhecemos. Para Gregório de Tours, os personagens dos *Decem Libri Historiarum* representavam modelos da História cristã, baseados na Bíblia. Para os historiadores que o categorizaram como historiador dos francos, sua obra entra em uma lógica teleológica do desenvolvimento dos Estados nacionais. Para o Bispo-historiador e aqueles que advogam que ele escreve uma História da cristandade, sua narrativa é parte da lógica cíclica da História que tem como fim o Juízo Final.

Conclui-se, portanto, que Gregório de Tours é um historiador da sociedade cristã; porém é impossível negar sua importância como historiador dos francos. Não fosse essa abordagem e estudo ao longo de 14 séculos, dificilmente estudaríamos hoje os merovíngios e Gregório de Tours com uma nova perspectiva que nos permite um maior aprofundamento em sua obra.

Bibliografia

- AMPÈRE, M.J.-J. **Histoire littéraire de la France avant le douzième siècle. II** Paris. 1839.
- ANTIN, P. **Notes sur le style de St. Gregoire de Tours et ses emprunts (?) à Philostrate.** Latomus 22: 273-84. 1963.
- _____. **Emplois de la Bible chez Gregoire de Tours e Mgr Pie.** Latomus 26. Pp. 227-284.
- ATSMÄ, H. E. Ewig, **Spätantikes und Frankisches Gallien. Gessamelte Schriften (1952-1973).** 1 und 2. München. Beihefte der Francia. (ed.) 1976 e 1979.
- BANNIARD, M. **L'emègement de l'histoire chez Gregoire de Tours. A propos de l'invasion de 451.** Romanobarbarica 3 . 5-38. 1978.
- BERNOULLI, C.A. **Die Heilligen der Merowinger.** Tübigen. 1900.
- BEUMANN, H. **Gregor von Tours und der sermo rusticus.** Spiegel de Geschichte – Festgabe für M Brauchbar. Münster. 1984.
- BLUME, I. **Das Menschenbild Gregor von Toursin den 'Historiarum Libri Decem'.** 1970. Erlangen.
- BRINCKEN, A. VON DEN. **Studien zur lateinischen Weltchronistik bis in das Zeitalter Ottos von Freising.** 1957. Düsseldorf.
- BOWERSOCK, G. BROWN, P. Grabar, O. **Interpreting Late antiquity: essays on the post classical world.** Cambridge and London: Belknap. 2001.
- BROWN, P. **The world of late Antiquity. From Marcus Aurelius to Muhammad.** 1971. London.
- _____. **Relics and Social Status in the age of Gregory of Tours.** The Stenton lecture 1976. 1977, University of Reading. Reprinted in: Brown. 1982.
- _____. **Gregory of Tours: Introduction,** in Mitchell/Wood (2002). Pp. 1-28.
- BREUKELAAR, A.H.B. **Historiography and Episcopal Authority in Sixth-Century Gaul: the histories of Gregory of Tours interpreted in their historical context.** Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht. 1994.

- _____ . **Christliche Herrscherlegitimation: Das Darstellungsinteresse bei Gregor von Tours**, *Hist II* 9. Zeitschrift für Kirchengeschichte 98. Pp. 321-337. 1987.
- CAMERON, A. **The Byzantine sources of Gregory of Tours**. *Journal of theological studies* 26. Pp. 421-6.
- CHADWICK, O. **Gregory of Tours and Gregory the Great**. *Journal of Theological studies*.
- CONTRENI, John J. **Reading Gregory of Tours in the Middle Ages**, in Mitchell/Wood (2002), Pp. 419-34.
- CORBETT, J.H. **The saint as patron in the work of Gregory of Tours**. *Journal of medieval history*. 7. Pp. 1-13. 1981.
- _____ . **Praesentium signorum munera: The Cult of the Saints in the world of Gregory of Tours**. *Florilegium* 5. Pp. 44-61. 1981.
- _____ . **Historiography and the experience of the Holy in the work of Gregory of Tours**. *Florilegium* 7, Pp. 40-54. 1985.
- COURCELLE, P. **Philostrate et Gregoire de Tours**. In: *Mélanges J. de Ghellinck*. 1. Pp. 311-19. 1951. Gembleux. Museum Lessianum, sect. historique 13.
- DALY, William M. **Clovis: How Barbaric, How Pagan?** *Speculum*, vol. 69, No. 3 (jul. 1994), 619-664.
- DU PLESSIS, M. **L'aveux d'ignorance de Gregoire de Tours**. *Revue des langues romanes* 78. Pp. 53-59.
- FREITAS, Edmar Checon. **Realeza e santidade na Gália Merovíngia: o caso dos Decem Libri Historiarum de Gregório de Tours (538-594)**. Tese de doutorado obtido em 2004 na UFF. Orientadora: Vânia Leite Fróes.
- FRIEDRICH, B. **Studien zu Gregor von Tours**. Inaugural-Dissertation Universität Heidelberg. 1951. Heidelberg.
- GARROD, H.W. **Virgil and Gregor of Tours**. *Classical Review* 33. Pp. 28. 1919.
- GAUTIER DALCHÉ, P. **La representation de l'espace dans les "Libri Miraculorum" de Grègoire de Tours**. *Le Moyen Age* 88. Pp. 397-420. 1982.

- GOFFART, Walter. **Barbarians and Romans (A.D. 418 – 584) The techniques of accommodation.** Princeton: Princeton University. 1980.
- _____ . **The Narrators of Barbarian History. (A.D. 550-800).** Jordanes, Gregory of Tours, Bade and Paul the Deacon. Indiana: University of Notre Dame Press. 2005.
- _____ . **Foreigners in the ‘Histories’ of Gregory of Tours.** *Florilegium* 4. Pp. 80-99. 1982.
- _____ . **The conversions of Avitus of Clermont, and similar passages in Gregory of Tours.** In: Neusner, J. and E.S. Frerichs. *To see ourselves as others see us. Christians, Jews and ‘others’ in Late Antiquity.* Chico. 1985. Calif.
- _____ . **From Historiae to Historia Francorum and Back Again: Aspects of the textual History of Gregory of Tours.** In: Noble/Contreni. P.p. 55-76. 1987.
- _____ . **Rome’s fall and after.** The Hambledon Press. London and Ronceverte. 1989.
- GRISEWOOD, H. **St. Gregory of Tours.** The month, New Series 7. Pp. 332-47.
- GRUNDMANN, Herbert. **Handbuch der Deutschen Geschichte.** Stuttgart. 1979.
- HALPHEN, L. **Grègoire de Tours, historien de Clovis.** In: *Mélanges d’histoire du Moyen Age offerts a M.F. Lot.* Pp. 235-244. 1925. Paris.
- HEINZELMANN, M. **Gregory of Tours. History and Society in the Sixth Century.** Cambridge University Press. 2001.
- HELLMANN, Sigmund. **Studien zur mittelalterliche Geschichtsschreibung, I. Gregor von Tours.** *Historische Zeitschrift* 107 (1911); reeditada em *Ausgewälte Abhandlungen zur Historiographie und Giestesgeschichte des Mittelalters.* Weinmar. 1961. Páginas 57-99.
- HEN, Yitzk. **Clovis, Gregory of Tours, and Pro-Merovingian Propaganda.** *Revue belge de Philologie et d’histoire* 71. 1993. Pp 271-276.
- HELLMANN, Sigmund. **Studien zur mittelalterliche Geschichtsschreibung, I. Gregor von Tours.** *Historische Zeitschrift* 107 (1911); reeditada em *Ausgewälte Abhandlungen zur Historiographie und Giestesgeschichte des Mittelalters.* Weinmar. 1961. Páginas 57-99.
- JACOBS, A. **Geographie de Grégoire de Tours; Le pagus e t l’administration**

en Gaule. 1858. Paris.

- KEELY, Avril. **Arians and Jews in the of Gregory of Tours.** Journal of Medieval History, Vol. 23, N. 2, pp. 103-115. 1997.
- KÖPKE, R. **Gregor Von Tours‘. Allgemeine Monatschrift für Wissenschaft und Literatur.** 1852: 775-800. Reprinted in: Kiessiling, F.G. (ed.) 1872. R. Köpke. Berlin. Kleine Schriften zur Geschichte, Politik und Literatur. Pp. 289-321.
- KRUSCH, B. **Die Unzuverlässigkeit der Geschichtschreibung Gregor von Tours.** Mitteilungen des Österreichischen Institutts für Geschichtsforschung. 45. Pp. 486-90. 1931.
- _____ . **Die Handschriftlichen Grunlagen der ‘Historia Francorum’ Gregor von Tours.** Historische Vierteljahresschrift 27. Pp. 673-757. 1932.
- _____ . **Kulturbilder aus dem Frankenreiche zur Zeit Gregors von Tours (ob. 594) Ein Beitrag zur Geschichte des Aberglaubens.** Sitzungsberichte der Preussischen Akademie der Wissenschaften 1934. Pp. 785-800. 1934.
- LATOUCHE, R. **Grégoire de Tours et les premiers historiens de France.** Lettes d’humanité. 2. Pp/ 81-101. 1943.
- _____ . **Quelques réflexion sur La psychologie de Grégoire de Tours.** Le Moyen Age 69. Pp. 7-15. 1963.
- LECOY DE LA MARCHE, A. **De l’autorité de Grégoire de Tours.** Paris. 1861.
- LECLERCQ, H. **Grégoire de Tours.** In: DACL VI/2. Pp. 1711-1753. 1929. Paris.
- LÖBELL, J. W. **Gregor von Tours und seine Zeit.** Second revised edition. Leipzig. 1869.
- LÖFSTEDT, b. **Zu Gregorius Turonensis “Hist. Franc. 2.31”.** Acta Classica 21. Pp. 159. 1978.
- Löwe, H. **Beschprechung: Gregorii Episcopi Turonensis libri Historiarum X.** ED. Alteram curaverunt B. Krusch und W. Levinson. Historische Zeitschrift 177. Pp. 340-343. 1951.
- MANTIUS, M. **Zur Frankengeschichte Gregors von Tours.** Neues Archiv 21. Pp. 549-557. 1896.

- MATHIESEN, R.W. **The family of Georgius Florentius and the bishops of Tours.** *Medievalia et humanistica* N.S. Pp. 83-95. 1984.
- MCKLUSKEY, Stephen. **Gregory of Tours, Monastic Time keeping, and early Christian attitudes to astronomy.** *Isis* vol 81. Número 1. março, 1990. Pp. 8-22.
- MEUNIER, R.A. **Grégoire de Tours et l'histoire morale du centre-ouest de la France.** Poitiers. Publications de l'université de Poitiers. Série de Sciences de l'Homme. 1946.
- MITCHELL, Kathleen e WOOD, Ian (eds.). **The World of Gregory of Tours.** Leiden. 2002.
- MONOD, G. **Les aventures de Sichaire.** *Revue historique* 31 (1886) Pp. 259-290.
- _____ . **Études critiques sur Les sources de l'histoire mérovingienne; Le partie: Introduction, Grégoire de Tours, Marius d'Ávenches** (= Bibliothèque de L'École des Hautes Études; Sciences philologiques et historique 8) Paris. 1872.
- MURRAY, Alexander Callender. **Chronology and the Composition of the Histories of Gregory of Tours.** *Journal of Late Antiquity* 1.1 (Spring): 157-196. The Johns Hopkins University Press. 2008.
- NEWBOLD, R. F. **Patterns of communication and movement in Ammianus and Gregory of Tours.** In: Croke, B and A.M. Emmett (eds.) 1983. *Histories and historians in Late Antiquity.* Sidney.
- NIE, Giselle. **Views from a many-windowed tower. Studies of imagination in the works of Gregory of Tours.** Amsterdam: Rodopi. 1987.
- OURY, G. - M. **Le miracle dans Grégoire de Tours.** In: *Histoire des miracles.* 1983.
- PIETRI, Luce. **Grégoire de Tours et la justice dans le Royaume de France.** In *La Giustizia nell'alto medioevo. (Secoli V-VIII). Tomo primero.* In Spoleto Presso la Sede del Centro. 1995

- POOLE, R.L. **Chronicles and Annals**. Oxford. 1926.
- ROUCHE, m. **Francs et Gallo Romains chez Grégoire de Tours**. In: Gregorio Pp. 141-169. 1977.
- _____. **Le choc des cultures : romanité, germanité, chrétienté, durant le haut moyen age**. Villeneuve-d'Ascq : Presses Universitaires du Septentrion.
- _____. **Clovis, histoire & mémoire sous la direction de Michel Rouche**. Paris : Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1997
- _____. Clovis / Michel Rouche; **suivi de vingt et un documents traduits et commentés**. [Paris] : Fayard, c1996.
- SCHLICK, J. **Composition et chronologie des “De virtutibus sancti Martini” de Grégoire de Tours**. In: Studia patristica 7.1. Pp. 278-286, 1966. Berlin. Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin. Texte und Untersuchung zur Geschichte der altchristlichen Literatur 92.
- SCHMIDT, L. **Zu Gregor von Tours**. Neues Archiv 31. Pp.240. 1967.
- SILVESTRE, H. **Grégoire de Tours avait-il lu Boèce?** Latomus 9: Pp. 437. 1950.
- SONNTAG, Regine. **Studien zur Bewertung Von zahlenangaben in der Geschichtsschreibung des Früheren Mittelalters. Die Decen Libri Historiarum Gregor von Tours und die Chronica Regnos von Prüm**. Kallmünz: Michael Lassleben. 1987.
- THÜRLEMANN, Felix. **Das Historische Diskurs bei Gregor von Tours: Topoi und Wirklichkeit**. Bern: Herbert Lang. 1974.
- VERDON, Jean. **Gregoire de Tours, “le père de l’histoire de France”**. Lê Coteau: Horvath. 1989.
- VIEILLARD-TROIEKOUROFF, May. **Tours au temps de Grégoire de Tours**. In: Gregorio di Tours, convegni del centro di studi sulla spiritualità medieval 12 (Todi 10-13 Ottobre 1971), Todi 1977. Pp. 207-249.
- VOGÜÉ, A. **Grégoire le Grand, lecteur de Grégoire de Tours?**. Analecta Bolladiana 94. Pp. 225 – 233. 1976.
- VOLLMANN, B. K. **Gregor IV (Gregor von Tours)**. In: Reallaxicon für Antike und Christentum 12. Pp. 895-930. 1983.

- WALLACE-HADRILL, J.M. **The work of Gregory of Tours in the Light of Modern Research.** In Transcriptions of the Royal Historical Society, Fifth Series, Vol.1. 1951. Pp. 25-45. Royal Historical Society.
- _____ . **Gregory of Tours and Bede: their views on personal qualities of kings.** Frühmittelalterliche Studien 2. Pp. 31-44. 1968.
- _____ . **The Long-haired Kings.** Toronto: University of Toronto Press. 1982.
- _____ . **The Barbarian West (400-1000).** Blackwell Publishing. 1985.
- WALTER, E.H. **Hagiographisches in Gregor's Frankgeschichte.** Archiv für Kulturgeschichte 48. Pp. 291-310. 1966.
- WEIDEMANN, Margarete. **Kulturgeschichte der Merowingerzeit nach den Werken Gregors von Tours.** Teil I und II. Bonn: Mainz Verlag des Römisch-Germanischen Zentralmuseums in Kommission bei Dr. Rudolf Habelt GMBH, 1982.
- WEIMANN, K. **Die sittliche Begriffe in Gregors von Tours. "Historia Francorum".** Duisburg. Phil. Diss. Leipzig. 1900.
- WOOD, Ian. **Gregory of Tours.** Oxford. 1994.
- _____ . **Franks and Alamanni in the Merovingian period an ethnographic perspective.** San Marino. The Boydell Press, 1998.